UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TRAJETÓRIA DE NÚBIA NASCIMENTO MARQUES: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM SERGIPE (1978-1999)

ELAINE ALMEIDA AIRES MELNIKOFF

SÃO CRISTOVÃO (SE)
2014

NÚBIA NASCIMENTO MARQUES
(1927-1999)

Fonte: Arquivo pessoal de Jackson da Silva.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TRAJETÓRIA DE NÚBIA NASCIMENTO MARQUES: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM SERGIPE (1978-1999)

ELAINE ALMEIDA AIRES MELNIKOFF

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento.

SÃO CRISTOVÃO (SE)
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Melnikoff, Elaine Almeida Aires
M527t Trajetória de Núbia Nascimento Marques : contribuições para a educação em Sergipe (1978-1999) / Elaine Almeida Aires Melnikoff ; orientadora Jorge Carvalho do Nascimento. – São Cristóvão, 2014.
137 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

1. Educação - Sergipe. 2. Ensino superior. I Marques, Núbia. II. Nascimento, Jorge Carvalho do, orient. III. Título.

CDU 378(091)(813.7)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ELAINE ALMEIDA AIRES MELNIKOFF

TRAJETÓRIA DE NÚBIA NASCIMENTO MARQUES: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 14.05.2014

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Solyane Silveira Lima
Universidade Tiradentes/UNIT

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2013

Aos meus pais, José Luiz e Orlandina,
pelo amor incondicional, razão do meu viver**.**

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos de mestrado e um ano de estudo e pesquisa, que fizeram diferença em minha vida, não só acadêmica, pelo fato, de estar em contato com livros, artigos, seminários, congressos, mas, pelas lembranças, amizades, aprendizado, que obtive ao longo desses três anos de estudo e pesquisa.

Agradeço a Deus, fonte de iluminação, que me socorreu em muitas situações de desespero e angústia. Os caminhos e oportunidades abertas pela sua misericórdia foram inúmeros.

Aos meus pais, Orlandina e José Luiz, a quem dedico esse trabalho, por estarem sempre ao meu lado apoiando, incentivando, elogiando, se orgulhando. É meu porto-seguro, parte da minha vida, do meu ser, não existe palavras para expressar meus sentimentos por eles.

Aos meus irmãos Eliane e Eduardo, pelo apoio, incentivo, pelos favores concedidos, pelas impressões, por notebook, pendraives, rsrs [...], foram muitas doações. Obrigada meus manos queridos, amados.

A minha família, meu marido Ricardo pelo apoio, pelas horas e dias que teve de ficar e cuidar dos nossos filhos, pela compreensão da minha ausência em certos momentos e lugares. A meu filho Ricardinho, meu primogênito, filho amado, que esta dissertação sirva de incentivo para seus estudos, para que você possa enxergar que o conhecimento não tem fim, não tem idade, não tem tempo. Tem dedicação e esforço. A minha pequena Sophia, a quem tanto amo, exigiu tanta atenção, nos momentos em que eu precisava escrever, "mamãe vamos brincar, vamos sair por aí...passear", a você minha linda dedico a minha vida.

A minha sogra Maria de Lourdes (*in memoriam*), faleceu no meio do curso, onde eu e minha família passamos por momentos tensos, aflitos, foram dias que ficaram eternizados em minha memória. Lembro-me bem de suas palavras "minha filha como você é danada, consegue tudo que quer, você merece [...]."

Aos meus familiares, vó, tias, primos, sobrinhos, pela torcida sincera. Em especial a tia Ozaneide pelas orações.

Saindo do âmbito pessoal e familiar, quero agradecer aos meus queridos amigos que conquistei ao longo do curso Amanda, Simone, Carmen, José Paulo, pessoas que contribuíram para meu sucesso, estiveram mais próximos e participaram de muitas

alegrias e tristezas também, foram confidentes e incentivadores. Beijos no coração de cada um.

À queridíssima Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, que foi fundamental para que eu conquistasse esse espaço, esse lugar, através de sua competência profissional. Quando cheguei a esta casa UFS, fui a procura da professora por indicação da amiga Carmen, e, a recepção não poderia ser melhor, pois com sua simplicidade me convidou para ser aluna ouvinte, agarrei a oportunidade. Anamaria você me ensinou os caminhos da pesquisa, me orientou quanto ao objeto, acolheu-me e instruiu. Muito obrigada por tudo, pelos conselhos, pelas palavras bem ditas, não esqueço uma frase sua "Elaine quando a gente busca e quer o universo conspira a favor".

Ao Professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, pelas orientações, sugestões durante o longo trajeto de construção da dissertação, pelo apoio e dedicação com o meu trabalho e, principalmente, por ter sido meu orientador. Foi honroso ter sido sua orientanda, o aprendizado foi significativo para a minha vida acadêmica.

Aos professores que ministraram as aulas do mestrado, cada um contribuiu com o compartilhamento de seus conhecimentos, plantando em nós alunos sementes de sabedoria.

A professora Josefa Eliana de Souza, sempre prestativa, atenciosa, obrigada por me emprestar o trabalho feito pelos seus alunos sobre Núbia Marques.

Aos familiares de Núbia Nascimento Marques, sua filha Eneida, Núbia Filha, Germano e José.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo apoio financeiro sem o qual essa pesquisa não se viabilizaria, fonte fundamental para esse projeto.

Aos funcionários da Biblioteca Epifânio Dórea, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e da Academia Sergipana de Letras (ASL), da Biblioteca Central da UFS, do Acervo do programa de Pós-Graduação em Educação, pela disponibilidade em colaborar com os pesquisadores.

De algum modo essas pessoas contribuíram para a conclusão dessa dissertação, sem eles ela não existiria. Deixo aqui registrado todo meu agradecimento, a todos que participaram direta ou indiretamente da realização de um sonho meu, a conclusão desse mestrado para mim é mais que uma meta é um sonho realizado.

PROTOCOLO

Por que se há de amar por decreto
O decreto o veto o sindicato
A flor impura de dor
A mensagem
À margem do coração
Nos umbrais do desafeto

O decreto o veto o sindicato
A imagem do transplante
Entre a veia cava
E a cova eterna
Da burocracia masmorrado
Leis portarias protocolos

Por que se há de amar por decreto
Se a lúdica flor da imagem perdida
Escapa da esferográfica?
(Núbia Nascimento Marques,(1999)

RESUMO

Este estudo objetiva analisar a trajetória da professora Núbia Nascimento Marques, investigando suas contribuições para a educação em Sergipe. Busca ainda destacar a mulher intelectual, escritora, professora, poetisa e sua atuação como pioneira na Academia Sergipana de Letras (ASL). O recorte temporal abrange o período de 1978, ano de seu ingresso na ASL, a 1999, ano de sua morte. As fontes privilegiadas foram localizadas na Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, no Arquivo Geral da Universidade Federal de Sergipe, registros em jornais localizados do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Revista da Academia Sergipana de Letras e no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe. Os procedimentos teórico-metodológicos adotados vinculam-se aos pressupostos da História Cultural e da Abordagem Biográfica. As principais categorias de analises mobilizadas são: Capital Social, Capital Cultural, Dominação Masculina, de Bourdieu (1998); intelectual de Sirinelli (2003); representação de Chartier (2002) e biografia de Norbert Elias (1995). Desta forma, este estudo tem a pretensão de investigar a atuação desta personagem no cenário educacional sergipano e perceber as suas contribuições para a História da Educação no Estado.

Palavras – chave: Educação, Núbia Marques, Sergipe, Ensino Superior.

ABSTRACT

This study aims to analyze the trajectory of teacher Nubia Birth Marques , investigating their contributions to education in Sergipe . It also seeks to highlight the woman intellectual , writer , teacher , poet , and his work as a pioneer in Sergipana Academy of Letters (ASL) . The time frame covers the period from 1978, the year of entry into the ASL , 1999, the year of his death . The sources were located inside the Library , Federal University of Sergipe , in the General Archives of the Federal University of Sergipe , records in newspapers of the Institute of History and Geography of Sergipe and the Social Service Department of the Federal University of Sergipe . The theoretical-methodological procedures adopted are linked to the assumptions of Cultural History and Biographical Approach . The main categories of analysis are mobilized : Social Capital , Cultural Capital , Bourdieu's Masculine Domination (1998) ; intellectual Sirinelli (2003). Nubia Birth Marques was one Agent cultural active woman bound in culture and education . Thus , this study intend to investigate the performance of this character in the educational setting and understand the contributions to the history of education in Sergipe .

Key - words : Education ,Núbia Marques, Sergipe, Higher Educacion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Núbia Marques, com os pais Atilio e Bernardina e os irmãos Neide, Atila e Neuza. 27
Figura 2 – Núbia Marques ao lado da irmã com a farda do colégio Menino Jesus (1938) 29
Figura 3 – Núbia Marques com os filhos Germano, José, Núbia Filha e a neta Raquel.....33
Figura 4 – Núbia e turma da graduação da Escola de Serviço Social 1954.....36
Figura 5 – Núbia Marques graduando-se em Serviço Social (1957).....37
Figura 6 – Núbia Marques e Gizelda Moraes no lançamento de "Baladas do inútil silêncio", em Salvador – Bahia.....45
Figura 7- Carmelita Fontes, Núbia Marques, Marinho Neto e Gizelda Moraes.....50
Figura 8 – Núbia Marques autografando "Poemas Transatlânticos" para Dr. João Alves Filho e suas esposa Maria do Carmo Alves (1997).....54
Figura 9 - Fachada da Academia Sergipana de Letras.....56
Figura 10 – Núbia Marques no discurso de posse na ASL 59
Figura 11 – Escola de Serviço Social em 1954 68
Figura 12 - Confraternização da primeira turma de Serviço Social.....71
Figura 13-Índios Pernambucanos em apresentação cultural em Sergipe.....80
Figura 14 - Núbia no DCPH em reunião. (Primeiro a esquerda Urbano Oliveira, mulher não identificada, Vagner Ribeiro, Núbia, vulto não identificado, e Santos Souza).....83
Figura 15 – Filhos de Núbia Marques, Núbia (biá), José, Germano e Eneida 96
Figura 16- Escola Municipal Núbia Marques.....99
Figura 17- Homenagem a Núbia Marques na Roda de Leitura.....100
Figura 18 – Núbia, Jackson da Silva e Gizelda Moraes.....102
Figura 19- Amigos no lançamento do livro Berço de Angústia.....102

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASL	Academia Sergipana de Letras
ABL	Academia Brasileira de Letras
ABEPESS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
DCPH	Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico
FUNDESC	Fundação Estadual de Cultura de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
SAME	Serviço de Assistência e Movimento de Educação
SESI	Serviço Social da Indústria
SESC	Serviço Social do Comércio
SEMASC	Secretaria Municipal de Assistência Social e da Família
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UBM	União Brasileira de Mulheres

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação de Trabalhos defendidos no NPGED que contemplam mulheres intelectuais e educação feminina (2003 a 2011).....18
Quadro 2: Relação dos trabalhos no NPGED que contemplam homens intelectuais e educação masculina (2003 – 2011).....20
Quadro 3: Integrantes do Diretório Acadêmico.....34
Quadro 4: Docentes da Escola de Serviço Social.....35
Quadro 5: Disciplinas do curso de Serviço Social ano 1954..... 68
Quadro 6: Disciplinas do curso de serviço Social ano 1968.....70
Quadro 7: Professoras do curso de Serviço Social na UFS ano 1968..... 73
Quadro 8: Programa das disciplina Desenvolvimento da Comunidade 74
Quadro 9: Distribuição das respostas da pesquisa.....86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 13
1- TRAJETÓRIA, MEMÓRIA, MULHER 26
1.1 - Núbia Marques: trajetória de vida e formação acadêmica: percusos para o magistério..... 26
1.2- Em meio a dor, nasce a poetisa..... 42
1.3- De poetisa à Romancista: Núbia Marques se destaca no Romance..... 52
1.4- Academia Sergipana de Letras recebe a primeira mulher imortal..... 56
2 - OS CAMINHOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE NÚBIA MARQUES NO ENSINO SUPERIOR..... 66
2.1-Escola de Serviço Social: história e representações da professora Núbia Marques..... 66
2.2- Núbia Marques: trajetória docente da cadeira de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe..... 71
2.3- Gestão e Agenciamento Cultural: um panorama..... 78
2.4- A Assistente Social Núbia Marques no campo da pesquisa..... 87
2.5- A pesquisa além-fronteiras Sergipe x Portugal: O Luso, O Lúdico e o Perene..... 88
3- ENTRE HONRAS E HOMENAGENS REMINISCÊNCIA DO PASSADO..... 92
3.1- Entre memórias e esquecimentos..... 92
3.2- Homenagens a Núbia Marques..... 95
3.3- Reminiscências do passado, amigos prestam homenagens..... 99
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 107
REFERÊNCIAS..... 110
ANEXOS..... 119

INTRODUÇÃO

Sou a incorrigível poeta
do universo de uma amostra
da população de alucinados
generalização universal do evento-vento
buscando a exaustiva possibilidade
do encontro e não – encontro
neste passar pelos rumos indormidos Núbia Marques.
(Núba Marques, Esperança Mat(as)mática,) [1]

Nesta dissertação objetivo analisar a trajetória da professora Núbia Nascimento Marques, investigando suas contribuições para a educação em Sergipe, além disso, pretendo destacar a mulher intelectual, escritora, professora, poetisa, bem como, sua atuação como mulher pioneira na Academia Sergipana de Letras (ASL). O recorte temporal compreende 1978, ano do ingresso da autora na ASL (Academia Sergipana de Letras), e 1999, ano de seu falecimento.

Este estudo vincula-se à Linha de pesquisa "História, Sociedade e Pensamento Educacional", do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, no qual, pretende contribuir com as investigações no campo da História da Educação, a partir da abordagem biográfica, e da análise da formação de Núbia Nascimento Marques, professora atuante em favor da cultura e da educação.

O meu interesse em pesquisar as contribuições para a educação em Sergipe, a partir da trajetória de Núbia Marques, originou-se quando cursei a disciplina Cultura e Práticas Escolares, como aluna especial, sob a orientação da Profª. Drª. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

Nas discussões, em sala de aula, sobre vários textos correlacionados à disciplina, percebi a recorrência das dificuldades que a mulher tinha em assumir posições na sociedade, independente da presença masculina. Esta questão foi me inquietando muito, então, comecei a fazer uma pesquisa sobre mulheres intelectuais sergipanas e constatei que ainda são poucos trabalhos que referenciavam as intelectuais de destaque em nosso Estado. Todavia, em uma conversa com a professora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas solicitei a indicação de uma

[1] Ao longo do trabalho, os textos poéticos de Núbia Nascimento Marques, serão transcritos em fonte itálica para diferenciar das demais citações.

mulher de destaque em Sergipe e prontamente fui apresentada à Núbia Marques, primeira mulher a adentrar na Academia Sergipana de Letras (ASL).

Neste sentido, o estudo da trajetória da professora Núbia Marques se insere no campo da História da Educação, na matriz historiográfica da Nova História Cultural.

Por sua vez, a partir dos *Annales, é* que se obtiveram um conjunto de escritos de intelectuais, com destaque para Lucien Fèbvre, March Bloch, Fernand Braudel, onde foram criadas novas categorias de análises, com apropriação dos conceitos da Geografia, da Sociologia, da Antropologia e outras ciências e deram uma nova forma de escrita à História.

Herdeiro dos *Annales*, Jacques Le Goff (2005) refletiu sobre a Nova História, e fez uma crítica ao documento, ampliando o seu conceito:

> A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de "Langlois" e "Seignobos", fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem. Entretanto, os métodos de crítica desses documentos novos calaram-se mais ou menos nos métodos aperfeiçoados pela erudição dos séculos XVII, XVIII. (LE GOFF, 2005, p. 36-37).

Quanto à biografia, Le Goff fez um alerta. Para ele, o personagem deve ser estudado a partir de "seus papéis e de suas funções" (LE GOFF, 2005, p. 10). Foi com essa nova configuração da História que os estudos cresceram no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, resultado dos esforços da produção do Grupo de Pesquisa de "História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares", grupo presidido pelo Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento e pela Profª. Drª. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

Outro aspecto evidenciado pelos *Annales* foi o alargamento de fontes e as possibilidades de investigação sobre o qual Burke (1997) destacou:

> da minha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo dos *Annales*, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculados à descoberta de novas fontes e ao

> desenvolvimento de novos métodos para exportá-las [...]. (BURKE, 1997, p.126).

Com esse alargamento de novas possibilidades de investigação os estudos biográficos de intelectuais vêm crescendo, principalmente, sobre os personagens que se dedicaram ao magistério, no qual apresentam, geralmente, como principal objetivo a tentativa de investigar suas trajetórias e compreender, por meio delas, os espaços ocupados, vividos, dentro do contexto do seu tempo. Desta forma, a origem, a formação educacional, a atuação profissional e política, as correntes teóricas que embasavam a trajetória dos biografados, seus ideais, suas redes de sociabilidade, são focos de análises.

Norbert Elias afirma que:

> [...] cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-se dependentes de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de interdependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permitia; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. (ELIAS, 1994, p.22).

Este autor defende a ideia de que o indivíduo e a sociedade estão correlacionados e estão sempre em um processo de mudança e evolução. Desta forma a civilização é processada diferentemente em cada sociedade, dependendo exclusivamente da sua cultura.

Diante de tais fatos, escolhi como objeto de minha pesquisa a sergipana Núbia Nascimento Marques, poetisa, romancista e professora, mulher que sempre esteve engajada com os problemas sociais, lutou em defesa das mulheres para legitimar sua presença em ambientes considerados masculinos e procurou desmistificar a posição ocupada por elas nos ideários sociais da época.

Neste sentido, a abordagem biográfica tem sido recurso metodológico adequado para compreender os percursos dessas mulheres intelectuais que buscaram, através da escrita, o reconhecimento e prestígio negado há séculos. Sirinelli diz:

> os intelectuais constituem um grupo social de contornos vagos que durante muito tempo foi pouco significativo em termos de tamanho". O autor diz que o termo intelectual é "uma questão de qualidade humana". Existe um caráter polimorfo, ou seja, de compreensão e de extensão do termo, que "podem

> desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os "mediadores" culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento". A primeira categoria pertence aos que participam na criação artística e literária ou do progresso do saber, sendo que os mediadores contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber. A segunda, por sua vez, pode ser entendida segundo modalidades especificas, como por exemplo, "a assinatura de manifestos-testemunho ou consciência, (SIRINELLI,1996,p. 234-243).

A abordagem histórico-biográfica oferece, a possibilidade de cotejamento de ideias, e a concentração de informações compulsadas sobre a biografada. Destaca Andrade (2007, p. 27), que "a biografia aparece tradicionalmente relacionada a sedimentação da imagem de personagens cuja relevância lhe outorgou a privilegiada posição de porta-vozes de determinado período".

Souza descreve:

> As discussões sobre as histórias de vida como processo de conhecimento e de formação, como dimensão do trabalho e dos modelos biográficos, inscrevem-se na biografia individual, quando reunimos situações, experiências, acontecimentos da vida e partilhamos na configuração narrativa, modos de dizer de si, sejam através da escrita ou da oralidade, ao destacar percursos, trajetórias e transformações narrativas da nossa história. (SOUZA, 2007, p.40).

Desta forma, é importante salientar que a biografia é entendida nesta pesquisa como uma abordagem, portanto, não resolve todas as questões. Sendo assim, os estudos biográficos são limitados, focando em alguns aspectos da vida do biografado.

> A biografia é sempre o resumo de vida, um excerto, uma parte de todo, resultado da construção de um determinado olhar, em um determinado momento. Nesta perspectiva, o estudo realizado permanece, sim, como uma das possibilidades de leitura e interpretação. (BASTOS, 2002, p. 319).

Construir trajetórias de algumas personalidades não se constitui em tarefa fácil, especialmente, quando o objeto de estudo é uma intelectual – fato decorrente de estigmas transpostos no decorrer dos anos, em que as mulheres foram alvo.

No campo da intelectualidade, por exemplo, os estudos vêm demonstrando que o ingresso da mulher no mundo das Letras passou pela história da alfabetização, leitura e escrita. É notório

que, no século XIX, as mulheres eram reduzidas aos afazeres da casa, cuidados com os filhos e marido. Conforme Norma Teles, as mulheres eram:

> excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos ou senzalas, construídas por pais, maridos, senhores. (TELES, 2006, p. 408).

Somente na segunda metade do século XIX, foi que as mulheres conseguiram a libertação para integrar sistemas de ensino destinado à formação do magistério. Com essa abertura dada no campo social, muitas delas passaram a se dedicar à profissão de professora, o que oportunizaram novos saberes e conhecimentos.

Nesta época, o mundo passava por transformações sociais e econômicas, o que acarretou no desenvolvimento das cidades, houve criação dos Correios, expansão das ferrovias, crescimento da imprensa, possibilitando assim, um maior número de livros e romances que circulavam na sociedade. E as mulheres, que antes eram apenas leitoras, passaram a escrever nas sessões de moda e de beleza em revistas e jornais. Nas manifestações literárias, a poesia tinha uma incidência e uma relevância para o interior feminino, posto que, era através da poesia que muitas mulheres expressavam seus anseios, dores, infortúnios, denúncias e paixões.

As primeiras décadas do século XX foram palcos de muitos movimentos feministas. O fascínio pela vida pública no exercício de várias atividades circulava no ideário de muitas mulheres. A conquista da autonomia e independência na aquisição do próprio sustento era objetivo de muitas delas que sonhavam com a libertação da "gaiola doméstica".

Assim, Núbia Marques, procurou a sua independência e reconhecimento social, para isso graduou-se em Serviço Social, pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e retornou Mestra pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Foi professora da UFS e geriu o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico do Estado. Naquele período, trabalhou em sua dissertação de mestrado sobre as manifestações de cultura espontânea, lazer e desenvolvimento, enfatizando a importância do folclore no Estado. A partir daí, escreveu romances, poemas, livros.

No que se refere aos estudos biográficos de mulheres, a pesquisadora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas salienta, em sua tese, sobre o crescimento de tal campo de investigação e destaca:

> No Brasil estudos recentes indicam a importância da escrita autobiográfica feminina, diários, memórias, álbuns, cartas – como também da relação desta com a presença da mulher na literatura, na imprensa educacional e feminina, nos jornais de grande circulação, nos centros urbanos. Isto permitiu a ampliação do campo de visibilidade para além do espaço doméstico, contribuindo para perceber como algumas mulheres participavam da vida social na passagem do século XIX para XX, através de vestígios acerca da sociabilidade, do cotidiano, das praticas de leitura, do seu processo de educação e emancipação, de suas lutas e conquistas. A escrita autobiográfica feminina nos seus mais diferentes matrizes, revela ainda movimentos densos, de relação entre a autora e a vida social, política e cultural do seu tempo. (FREITAS, 2004, p.17).

Em Sergipe, os trabalhos sobre a História da Educação, em especial, quando se trata de construir uma trajetória, percebe-se que a quantidade de biografados masculinos se sobressai. No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, são poucos trabalhos que referenciam a mulher.

Cataloguei no arquivo do PPGED dissertações que contemplassem a mulher e o homem intelectual no cenário da educação sergipana, para fazer um comparativo, o resultado deste levantamento está explicitado nos Quadros 1 e 2.

QUADRO 1: Relação de trabalhos defendidos no PPGED que contemplam mulheres intelectuais e educação feminina (2003 a 2013)

ANO	**NOME**	**DISSERTAÇÃO**	**ORIENTADOR**
2003	Rosemeire Marcedo Costa	Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)	Jorge Carvalho do Nascimento
2004	Úrsula Rangel Goothuzem Albuquerque	Docência e luta na literatura Modernista: A educação feminina nos romances “Simão Dias” e “Estrada da Liberdade” de Alina Paim	Jorge Carvalho do Nascimento
2005	Valéria Carmelita Santana Souza	A Cruzada Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX”	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2006	Nivalda Menezes Santos	O Celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

		XX: uma analise a partir da trajetória de Leonor Telles Mendonça	
2007	Váleria Alves Melo Silva	As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915- 1970)	Jorge Carvalho do Nascimento
2009	Marlaine Lopes de Almeida	"Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e a atuação profissional em Sergipe	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2009	Sônia Pinto de Albuquerque Melo	Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de Educação "Rui Barbosa" durante as décadas de 60 e 70 do século XX	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2009	Vera Maria dos Santos	A mulher de posses e a instrução elementar na capitania de Sergipe Del Rey no setecentos	Jorge Carvalho do Nascimento
2011	Josineide Siqueira de Santana	Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as praticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969)	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2011	Nadja Santos Bonifácio	Acolher, Evangelizar e Educar: contribuição do oratório festivo São João Bosco para a educação feminina de Aracaju (1914-1967)	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Fonte: Quadro produzido pela pesquisadora, a partir de Dissertações defendidas no PPGED.

Ainda, na perspectiva de destacar trabalhos que contemplem a mulher intelectual, o Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento apresenta alguns trabalhos que analisam essa temática. No prefácio dos livros da Profª. Drª. Josefa Eliana Souza, sobre Nunes Mendonça; Maria Nely Santos – Professora Thétis: uma vida; Nadja Cristine Barreto – Biografia da professora Eleonora Leite Pereira; Maria Isaura Santos de Carvalho: Compromisso com a educação: a trajetória da professora Leticia; Deyse Simone Silva – A trajetória da professora Isabel Tiuba; Osmário Santos – D. Carlota: uma existência a serviço da educação.

Por sua vez, a Profª. Drª. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, destacou-se por investigar sobre a primeira cirurgiã-dentista do Estado de Sergipe, a Drª. Laura Amazonas.

Trabalho que revela as dificuldades de se obter fontes de intelectuais femininas ao longo de sua trajetória e de sua importância para a sociedade local, "a mesma não era referenciada em publicações que se preocuparam em registrar perfis de sergipanos ilustres". (FREITAS, 2004, p.14).

Outro trabalho de destaque para a historiografia da educação sergipana, contemplando a biografia de mulheres foi a tese de doutorado da mesma pesquisadora, intitulada "Educação, Trabalho e Ação Política: Sergipanas no início do século XX", em que se propõe a analisar o processo de educação feminina em Sergipe, nas primeiras décadas do século XX, a partir de uma abordagem histórico-sociológica. Diante de tal perspectiva, traça a trajetória de escolarização e inserção no mercado de trabalho de três sergipanas: Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro (1878-1942), Ítala Silva de Oliveira (1897-1984) e Maria Rita Soares de Andrade (1904-1998).

A Profª. Drª. Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento (2004) destaca a professora Penélope Magalhães, em um artigo denominado: "Professora Penélope Magalhaes, Memórias de uma viajante", informando-nos sobre a importância desta educadora para o cenário educacional sergipano nas primeiras décadas do século XX, destacando a organização da primeira instituição pública em Aracaju: o Jardim de Infância Augusto Maynard. Assim, com o intuito de mostrar o grande interesse na produção de trabalhos masculinos e não de femininos do PPGED, apresento o quadro abaixo como confirmação para meus questionamentos.

QUADRO 2; Relação dos trabalhos no PPGED que contemplam homens intelectuais e educação masculina (2003 – 2011)

ANO	**NOME**	**DISSERTAÇÃO**	**ORIENTADOR**
2006	Ricardo Nascimento Abreu	Os oficiais do Exército Brasileiro e a Formação da Elite Intelectual sergipana século XIX (1822 -1890)	Jorge Carvalho do Nascimento
2006	Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso	Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais de pedagogia moderna por Helvécio de Andrade	Miguel André Berguer
2006	Cristiane Vitório de Souza	As leituras pedagógicas de Silvio Romero	Jorge Carvalho do Nascimento
2008	Evelyn de Almeida Orlando	Por uma civilização cristã: a coleção do Monsenhor Álvaro	Jorge Carvalho do Nascimento

		Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)	
2008	Maria do Socorro Lima	República, política e Direito: Representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2008	Jussara Maria Viana Silveira	Da medicina ao magistério: aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Junior	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2008	Suzana Mary de Andrade Nunes	Professor, uma profissão professada: o homem no exercício do magistério (1975-2005)	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2009	Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima	Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2011	Silvia Carolina Andrade Santos	A escrita histórica para crianças e experiência de João Ribeiro (1900 – 1912)	Itamar Freitas de Oliveira
2011	Silvânia Santana Costa	Espaços construídos posições ocupadas: história docente de José Calazans Brandão da Silva em Sergipe.	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2013	Aron Sena Cerqueira Reis	Ensino de história no Instituto Histórico e Geografico Brasileiro: As ideias de Agostinho Marques Perdigão Malheiro (1950) e Americo Brasiliense de Almeida e Melo (1876)	Itamar Freitas de Oliveira

Fonte: Quadro produzido pela pesquisadora, a partir de Dissertações defendidas no PPGED.

Desta forma, após a apresentação dos trabalhos listados acima, podemos perceber que, as quantidades de dissertações que abordam intelectuais masculinos, sobressaem-se aos femininos. Confirmando assim o percentual positivo de pesquisas para o sexo masculino.

Logo, o estudo aqui proposto, sobre a acadêmica Núbia Marques, vem contribuir para a divulgação dos trabalhos educacionais desenvolvidos por intelectuais femininas em Sergipe. Com isso, posso afirmar que a abordagem biográfica é um recurso metodológico adequado para compreender a trajetória de vida do personagem biografado. Portanto, o papel do pesquisador

na construção da narrativa é de grande importância, pois ele tem a responsabilidade de construir um conhecimento apropriado, uma versão mais próxima da verdade.

O contexto histórico e social possibilita a compreensão dos fatos, de forma que o personagem não é mais um ser separado, ele esta incluído em um dado momento histórico e faz parte de um contexto social específico do seu tempo, cabendo ao pesquisador se transportar e entender a história no seu tempo e espaço.

Desta maneira, ao analisar a professora Núbia Marques, corroboro com a perspectiva defendida por Norbert Elias (1995, p. 76) ao afirmar que: "ao biografar um indivíduo não podemos visualizar as atitudes dissociadas do homem, as práticas são reflexos do modo de ser, pensar e agir condicionadas pelo momento histórico e a posição ocupada na estrutura social".

Estudar a trajetória de Núbia Marques e sua contribuição no campo da História da Educação no Estado de Sergipe levantará mais uma possibilidade de estudo na abordagem biográfica, contemplando uma personagem feminina e ampliando o campo das pesquisas no contexto educacional. Diante desta empreitada de pioneirismo no campo literário, que era essencialmente masculino, surgem algumas indagações em torno das quais esta dissertação se estrutura:

Como Núbia Marques conquistou a possibilidade de atuar nos espaços públicos definidos socialmente como masculinos?

Como era vista pela sociedade local?

Quais foram às contribuições de Núbia Marques para a educação sergipana?

Como viveu?

Como é lembrada?

Para organizar a pesquisa e delimitar cada etapa, foi necessária uma pesquisa documental levantada nas instituições de pesquisa do Estado de Sergipe, bem como, contato com parentes e fontes referentes à professora Núbia Marques, tais como: documentos pessoais, documentos legais e os impressos, enfim, tudo que se refere a biografada.

No Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) cataloguei e selecionei matérias jornalísticas; na biblioteca Epifânio Dórea, a pesquisa bibliográfica pautou-se na seleção de obras escritas por Núbia Marques, como: livros, romances, poemas; já na Biblioteca Central da UFS, encontrei obras no âmbito da sua contribuição para a historiografia sergipana no campo do folclore, tais como: o "Anteprojeto Integrado", pesquisa desenvolvida nas escolas sergipanas com a finalidade de se ter um panorama do conhecimento cultural regional que os estudantes tinham de seu Estado. Além de tais pesquisas, em sites de busca, localizei revistas, artigos e livros que contemplavam a temática estudada.

No acervo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, foram catalogados trabalhos que contemplavam biografias de mulheres intelectuais, destacando assim o crescimento na temática de estudos pautados na contribuição educacional de mulheres que se destacaram em sua época. Ainda na Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Serviço Social, pude verificar sua atuação como professora.

As entrevistas, por sua vez, foram pautadas nas exigências metodológicas da História Oral, obedecendo três pontos: a seleção da testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro da entrevista. (TOURTIER-BANAZZI, 2006, p. 233). Ouvir o entrevistado, respeitando a questão do tempo e de opiniões, deixar o indivíduo livre para elucidar seu pensamento, sendo ouvido, sem interrupções.

Em tais entrevistas, busquei compreender a atuação da professora Núbia Marques e perceber as redes de interdependências estabelecidas por ela na ocupação de cargos públicos, e na inserção na ASL, como primeira mulher a ocupar uma cadeira nesta instituição considerada andrógena.

Os documentos que expressam enfrentamento e força de poder terão neste estudo base no pensamento de Bourdieu quanto à dominação masculina:

> A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus:* moldados por tais condições, portanto,objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentes (BOURDIEU, 2010, p.45).

Entendo que a dominação masculina está enraizada na sociedade e, por isso, é vista como normal, ou seja, ela está no senso comum das pessoas, legitimada na sociedade pela Igreja, Estado, ou família.

Bourdieu (2010), em sua análise, de que esta prática está corporificada tanto nos homens quanto nas mulheres, destaca o corpo, como o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder; é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos e, com isto, é determinado se seremos dominados ou dominadores.

Desta forma, a mulher, para ampliar o seu campo de ação na sociedade, precisou romper com a educação tradicional e familiar, com os dogmas religiosos e com a dominação masculina.

Para entender sobre relações de poder, de prestígio e de interferências, necessárias à ocupação de cargos públicos, recorri a Pierre Bourdieu, mais especificamente, ao conceito de capital social, como sendo "as relações de força entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham de entrar nas lutas pelo monopólio do poder" (BOURDIEU, 2004, p.29); já o capital simbólico é aquele "percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quanto conhecido e reconhecido como algo de óbvio". (BOURDIEU, 2004, p. 145).

Os capitais simbólicos e sociais em Núbia Marques, podem ser compreendidos a partir de sua vasta produção literária, como poetisa, romancista e escritora. O capital social adquirido por ela foi fruto do seu reconhecimento literário, seu destaque em premiações poéticas, seu envolvimento em lutas para legitimar o espaço da mulher na sociedade; diante disso, foi reconhecida e legitimada pelos seus pares no campo político e cultural de Sergipe.

Para a análise da representatividade deixada por Núbia Marques, na memória daqueles que conviveram com ela, seja no trabalho, na ASL, na UFS, buscarei a compreensão de Roger Chartier:

> É do crédito concedido (ou recusado) a imagem que uma comunidade produz de si mesma, portanto de seu "ser percebido", que depende a afirmação (ou a negação) de seu ser social. O porquê da importância da noção de representação, que permite articular três registros de realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instancias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. A história da construção das identidades sociais encontra-se assim transformada em uma história das relações simbólicas de força. (CHARTIER, 2002, p.11-12).

A utilização do conceito de representação remete ao problema da apropriação, isto é, o modo como os indivíduos reelaboram e reinterpretam a cultura em que são inseridos em uma dada sociedade.

Segundo o sociólogo Norbert Elias (1994) preparar os indivíduos para a vida em sociedade compreende a função do processo civilizador "[...] a uma grande variedade de fatos:

ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas a aos costumes". (ELIAS, 1994, p.23). Tal conceito remete às tensões encontradas na satisfação pessoal, além daquelas socialmente exigidas, cujo ser é monitorado em suas ações para que estas estejam de acordo com o padrão socialmente aceito, ou seja, qualquer conduta que o sujeito possa desviar do tradicional, tido como normal é repudiado pela sociedade.

Ainda sobre configurações sociais Norbert Elias destaca:

> Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações especificas. Diferentemente das configurações de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente. Vilarejos podem se tornar Estados. Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis. Essas figurações possuem peculiaridades estruturais e são representantes de uma ordem do tipo particular, formando respectivamente, o campo de investigação de um ramo da ciência de tipo particular, as ciências em geral e, também, a sociologia. [...] Quando falamos de figurações que os indivíduos humanos formam uns com os outros, dispomos de uma imagem do ser humano e de um instrumento conceitual mais adequado a realidade e com cujo auxilio podemos evitar o tradicional dilema da sociologia: " aqui o indivíduo, ali a sociedade", dilema que se baseia na verdade em um jogo, de tipo extracientifico, com palavras ou com valores. (ELIAS, 2006, p.26-27).

Na análise de Elias, as configurações sociais são enraizadas e não se dissociam da cultura a qual o indivíduo pertence. Elas estão ligadas entre os indivíduos e grupos sociais, onde elas se formam e também são modificadas a partir do que ele classifica como rede de interdependência.

Desta forma, é através do diálogo entre a mulher e seu tempo que analisarei a trajetória de Núbia Marques, no campo da Educação em Sergipe, a partir de seus projetos em cargos públicos e como professora, compreendendo as transformações sociais do sua época, o que significa analisar a relação de poder existente entre os agentes sociais e os campos.

Núbia Marques foi uma mulher que transgrediu as configurações sociais postas, e a partir de sua escrita expôs todo seu repúdio a uma sociedade machista, a qual a mulher era submissa; ela denunciou e lutou para que a mulher pudesse legitimar o seu lugar na sociedade como cidadã.

Foi instigada por escritoras como Rachel de Queiroz, primeira mulher a adentrar a Academia Brasileira de Letras (ABL), Cecília Meireles, Carolina Nabuco, mulheres que possibilitaram a abertura editorial para outras delas em várias partes do nosso país.

Portanto, o resultado desta pesquisa está organizada em três seções. Na primeira, analiso momentos da vida de Núbia Marques, procuro apresentar um panorama de sua vida, chamando o leitor a fazer uma viagem no tempo, a fim de instigá-lo a querer saber mais detalhes sobre as suas ações educacionais, a partir desta pesquisa. Destaco a origem familiar, escolar, seu trabalho como professora e formação intelectual.

Já na segunda seção, procuro elucidar as contribuições de Núbia Marques para o campo da educação sergipana, destacando sua atuação como professora no curso de Serviço Social e sua ocupação em cargos públicos. Salientar, também, seus trabalhos de pesquisa como professora naquele curso, onde encontramos investigações direcionados para a preservação da cultura, em específico do folclore.

Na terceira seção, abordarei as reminiscências do passado, a partir das homenagens recebidas, dos depoimentos, das obras publicadas. Esta seção é dedicada às lembranças, de como ela viveu.

TRAJETÓRIA, MEMÓRIA, MULHER

Sobeja o passo
Não pela abundância
Nem pelo fastio
Mas pela mais bela sina:
Dos que se atiram
Ao encontro
(*Núbia Marques, 1989)*

1.1- NÚBIA MARQUES TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO ACADÊMICA, PERCURSOS PARA O MAGISTÉRIO

Núbia Nascimento Marques foi um exemplo de mulher que se destacou no cenário intelectual da sociedade sergipana. Nasceu em 21 de dezembro de 1927, em Aracaju-SE. Filha de Atilio Marques e Bernardina Rosa do Nascimento Marques, era a filha mais velha de uma família de seis irmãos: Neide, Neuza, Norma, Átila, Atalin.

Figura 1**:** Núbia Marques com os pais Atílio e Bernardina (Rosinha) e

os irmãos Neide, Atila e Neuza.

Fonte: Foto retirada do livro Caminhos e Atalhos da autora. Segrase 1997

A primeira escola em que estudou foi o Jardim de Infância Augusto Maynard[2], a sua inserção na escola é dada num momento em que a educação no Brasil está em processo de mudanças, pois, é na década de 1930 do século XX, que o discurso de ideia de nação, é o da reconstrução nacional. Desta forma, o país passa por várias mudanças, principalmente no âmbito educacional brasileiro, como a padronização dos currículos[3].

Núbia Marques viveu sua infância no período em que o Brasil estava passando por um momento de mudanças no cenário educacional, nesta época surgiram os denominados pioneiros[4] da "Escola Nova"[5], lançaram em 1932 o "Manifesto". Este movimento fez um

[2] No período de implantação e consolidação, o jardim de Infância da Casa da Criança de Sergipe não recebia a denominação de Jardim de Infância Augusto Maynard, só a partir da lei n. 1.205 de 18 de outubro de 1963 é que foi denominado "Jardim de Infância Augusto Maynard". Sobre esta instituição verificar, LEAL, Rita de Cássia Dias. O Primeiro jardim de infância de Sergipe: contribuição ao estudo sobre a Educação Infantil (1932-1942). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, 2004.

[3] Para um maior aprofundamento e conhecimento desse momento histórico consultar o Governo de Getúlio Vargas.

[4] Os pioneiros da Escola Nova assinaram uma carta, o "Manifesto dos Pioneiros", em que pretendiam abolir a educação tradicional, arcaica, em detrimento ao novo, à "Escola Nova". Dentre os pioneiros, destacaram-se no cenário nacional três componentes: Fernando de Azevedo, que redigiu a carta; Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Os pioneiros da educação se engajaram na educação, em que o sistema educacional brasileiro está formado, mas não estar constituído de fato. Eles atuaram na transição da Constituição de Estado e do Ministério da Educação e Saúde. Percebe-se que, apesar de lutarem por uma causa em comum, a renovação da educação escolar brasileira, eles tiveram ideias diferentes, ou seja, eles demonstraram interpretações diferentes sobre o liberalismo.

[5] O movimento da Escola Nova, que formulara a sua proposta educacional para uma reorganização da vida social, tinha adeptos que tomavam as providências, assegurando que havia um desajustamento proveniente da permanência de "velhos ideais" não voltados para as transformações da "vida coletiva" em cada época. Proliferavam cada vez mais os estudos centrados na escola voltada para a "inquietação" da vida social. Desperta o indivíduo para a vida social como uma tarefa atribuída à escola, considerada na época, um local privilegiado de produção de indivíduos (CAMARGO, 2000, p.141).

diagnóstico da educação pública brasileira e mostrou o imperativo de se criar um sistema de organização escolar que estivesse de acordo com as necessidades do país. Esses anos foram marcados pelos princípios da "Escola Nova" que priorizava mudanças na concepção de educação e de criança.

Em Sergipe, o Regulamento da Instrução Pública primava pelo atendimento à educação da infância em escolas maternais e jardins de infância, conforme o Art. 121 O ensino pré-escolar era ministrado em escolas maternais e jardins de infância a crianças de 5 a 7 anos. Ao longo das primeiras décadas do século XX, percebe-se a ampliação de oportunidades de escolarização para crianças e jovens, com a consolidação de grupos escolares em todo estado sergipano.

Nesse período, havia o movimento pela consolidação da República e a criação de grupos escolares vinculados à tentativa de renovação da educação; desta forma, o Plano de Educação era entendido pelos educadores alinhados com o movimento renovador como um instrumento de introdução do racionalismo científico na política educacional, cuja sistemática objetivava manipular as forças subalternas, dado que a classe trabalhadora passava a ter acesso à escola, a qual era pautada nos modelos duais – a escola para o povo e escola para as elites – e passava à criação da escola comum ou única, gratuita e laica.

As propostas dos educadores eram, portanto, acabar com essa dualidade dentro do sistema público de ensino, ou seja, uma "educação comum para todos os cidadãos e a possibilidade de continuação escolar a todos, segundo as suas aptidões e interesses articulados às necessidades da própria sociedade" (BRANDÃO, 1999, p. 80), evidenciando que a educação brasileira, neste contexto, estava preocupada com a manutenção social e política do Estado, na emergência da educação profissionalizante.

Deste modo, Núbia Marques cursou o primário no Educandário Menino Jesus e o concluiu no Atheneu Sergipense[6], sendo uma aluna assídua e estudiosa, com destaque nas disciplinas de humanidades. A composição curricular abrangia as seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências, Francês, Geografia e História da Civilização. Núbia, à

[6] No dia 05 de novembro de 1870 foi organizada uma congregação para tratar da confecção dos seus estatutos. Da mesma, seguiu-se uma comissão e se instituiu primeiramente que o Colégio seria composto de dois cursos diferentes – o de humanidades e o de Escola Normal. No período de 03 de dezembro de 1925 a 16 de fevereiro de 1938 teve a denominação de "Atheneu Pedro II". Em 1942, por força da Reforma Capanema, teve a denominação de Colégio Estadual de Sergipe, pelo Decreto nº 32, de 06 de maio de 1942. O Atheneu Sergipense não era propriamente um estabelecimento de ensino feminino. No seu ato de criação, em 1870 (Regulamento do Presidente da Província de Sergipe de 24 de outubro de 1870), não existia proibição explicita para a frequência feminina. Entretanto, até meados da primeira década da República, ele era apenas frequentado por homens. Segundo Nunes (1984, p. 200), a primeira aluna a frequentar o Atheneu e a concluir o Bacharelado após seis anos de curso foi Sílvia de Oliveira Ribeiro, em 1912.

época do Atheneu, onde cursou o ginásio da 1ª a 4ª séries, teve como colegas de sala da 4ª série do ano de 1943, Aida Gama Moreira, Alice de Menezes Viana, Dalba Fidias Sucupir, Everalda Mendonça Andrade, Ieda Araujo Tavares, Iolanda Dantas de Mendonça, Irinete Araujo de Mendonça, Ivone de Santana de Oliveira, Leonor Nascimento Viana, Kerman Lacerda de Alencar Mota, Maria Alice Cardoso Soares, Maria Amalia Silva, Maria Amelia Bomfim Pires, Maria Amélia Brandão Santos, Maria Amélia Ramos, Maria Antonia Silveira, Carlota Vieira Barreto, Maria Carmelita de Araujo, Maria Conceição Rolemberg Mendonça, Maria Clarita Barreto, Maria José Santos, Maria Natalia Passos de Jesus, Maria Stela Gomes Cunha, Maria Zeli Pinheiro Faro, Matilde Dantas de Mendonça, Miriam Fonseca Vieira, Ney de Pinto Maciel, Nilza da Rocha Santos, Noemi Freire Curvelo, Núbia Almeida Santos, Regina de Oliveira Santos, Sara Kiperman, Teresinha Cardoso Bastos, Vanda Laura Leite, Virginia Costa Dias, Zilma Pinto Maciel, Zuleida Santana de Oliveira, Zilda Otilia Ferreira e Maria Iolanda Guimãraes de Araujo[7].

Neste período, foi integrante da Arcadia Literária Estudantil. Adepta da literatura modernista, buscou inspiração em Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

Figura 2: Núbia Marques ao lado da irmã com a farda do Colégio Menino Jesus (1938).

[7] Boletim do aluno do colégio Atheneu sergipense, ano 1943, série 4ª, encontrado no arquivo.

Fonte: Foto retirada do livro Caminhos e Atalhos da autora. Segrase, 1997

Diferentemente da maioria das garotas de sua época, Núbia Marques não foi estudar na Escola Normal, "Instituto de Educação Rui Barbosa". Ela deu continuidade aos seus estudos na Escola de Comércio "Conselheiro Orlando"[8], uma escola de ensino profissionalizante, onde estudou Contabilidade. Sobre a Escola de Comércio "Conselheiro Orlando", Marlaine Lopes de Almeida descreve:

> Em Sergipe, o ensino profissionalizante em comércio, experimentou iniciativas de implantação na condição de curso noturno, anexo ao Atheneu Sergipense, no ano de 1922, na administração de Gracho Cardoso[9], com o Decreto 736, de 23 de novembro, 1922. No entanto, o ensino comercial em Sergipe somente ganhou notoriedade com a implantação da Escola de Comércio "Conselheiro Orlando", no ano

[8] Criada no Governo de Eronides Ferreira de Carvalho, em 1923.

[9] Sobre a biografia de Gracho Cardoso, atuação política e contribuição à educação em Sergipe, consultar: NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984; BARRETO, Luiz Antônio. **Gracho Cardoso**: vida e política. Instituto Tancredo Neves, 2003.

> de 1923,com o decreto 798, de 9 de abril, no qual, desintegrava do plano de ensino do Atheneu Sergipense o curso comercial a ele anexo. A Escola de Comércio funcionou provisoriamente no Grupo Escolar General Siqueira de Menezes. Seu quadro docente foi composto pelos professores catedráticos do Atheneu, nomeados pelo governador, através de decretos que autorizavam reger as cadeiras do curso comercial. Para a ocupação das novas cadeiras, o Art. 4º do Decreto 779, que reorganizava o ensino comercial em sergipe, imcumbia o Governo da contratação dos profesores à medida que, estes fossem tornando-se necessários. O currículo ofertado pela Escola de Comércio "Conselheiro Orlando" estava de acordo com o cronograma de ensino regulamentado para o ensino do Curso Geral da Academia de comércio do Rio de janeiro e da Escola Prática de Comércio de São Paulo. (LOPES, 2009, p.45).

A escolha pelo curso profisionalizante[10] se deu pela facilidade de empregabilidade, pois, Núbia Marques tinha o desejo de liberdade econômica e desde cedo procurou sua independência. Ela era uma moça de personalidade forte e tinha atitudes diferenciadas da maioria das garotas de seu tempo, fato perceptível, por exemplo, foi sua opção estudar Contabilidade, um curso considerado masculino na época, pois, enquanto a maioria das moças escolhiam o magistério, que era a opção mais frequente da maioria das estudantes, a Escola Normal era referência para formação de professoras, considerada e legitimada como essencialmente feminina e, portanto, aceita pela sociedade da época, pois, ser professora era ter uma profissão apropriada a mulher. Neste sentido, Freitas. (2004) descreve:

> No caso de Sergipe, a Escola Normal feminina funcionou em prédio próprio somente apartir de 1911, próximo a catedral no centro de Aracaju. A partir de 1923, passou a ser denominada Escola Normal Rui Barbosa. Desde o final do século XIX, seria a instituição de referência no Estado para a formação de professoras primárias. Para as jovens sergipanas da época, a posibilidade de realizar o curso normal era uma das únicas oportunidades de continuarem estudando e se prepararem para exercer uma atividade profissional fora do ambiente dómestico, uma vez que o magistério era socialmente aceito e entendido como prologamento dos papéis femininos exercidos no lar (FREITAS, 2004, p. 56).

A história da mulher brasileira é marcada por estigmas de fragilidade e desprovida de inteligência, desde pequena ela foi induzida a aprender a ser mãe, esposa e dar conta dos

[10] Em uma perspectiva histórica acerca do ensino profissionalizante em Sergipe, consultar: NASCIMENTO, Jorge Carvalho (2004).

afazeres domésticos. O magistério era a profissão mais próxima e acessível para a maioria das mulheres brasileiras, além de ser o único trabalho considerado digno para elas, uma vez que poderia ser conjugado às tarefas domésticas. A sua instrução deveria ser aproveitada pelo marido e filhos. Conforme assinala Almeida, a mulher deveria ser instruída:

> [...] de forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução [...], assim as mulheres poderiam e deveriam ser educadas e instruídas, era importante que exercessem uma profissão – o magistério – e colaborassem na formação de diretrizes básicas da escolarização, assim, manter-se-iam sob a liderança masculina. (ALMEIDA, 1996, p.73).

Desta forma, a trajetória escolar está relacionada à posse, seja ela econômica seja social. A escolarização é um investimento que traz a possibilidade de crescimento profissional, com capital econômico e social, a partir da aquisição de saberes e práticas significativas. Neste sentido, Bourdieu destaca:

> O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizada de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns passiveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade do espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social, porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade. O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (BOURDIEU,1998, p.67).

A noção de capital cultural surge da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. Todavia, para se apropriar simbolicamente destes bens, é necessário possuir os instrumentos desta apropriação e os códigos necessários para decifrá-los, ou seja, é necessário possuir capital cultural no estado incorporado. No estado institucionalizado, o capital cultural materializa-se por meio dos diplomas escolares.

Bourdieu ainda destaca:

> O sistema de disposições em relação a escola é o produto da interiorização do valor que o mercado escolar (antecipando as suas sanções formalmente neutras, as sanções do mercado simbólico ou econômico) confere aos produtos da educação familiar das diversas classes sociais (logo de seu capital cultural) e do valor que, por suas sanções objetivas, os mercados econômicos e simólicos conferem aos produtos da ação escolar segundo a classe social de que provém (BOURDIEU,1974, p. 308).

A partir dos conceitos de Bourdieu, percebe-se que Núbia Marques queria adquirir um capital cultural que lhe fosse conveniente. Assim, com a formação em Contabilidade, Núbia Marques prestou concurso para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatìstica (IBGE), sendo assim seu primeiro emprego aos 20 anos de idade. Núbia tinha interesse por pintura, e foi por esta habilidade que ela desabrochou para a arte, para a cultura.

A sua primeira manifestação artística foi em 1948, aos 21 anos de idade, por isso, foi morar no Rio de Janeiro, onde fez o curso de pintura na Academia Brasileira de Belas Artes[11]. Para complementar a bolsa de estudos da Academia, trabalhou na Revista Seleções de Reader's Digest e na Coca Cola.

Ao retornar a Aracaju, casou-se com José Lima Azevedo em 28 de junho de 1952, filho de Anizio Azevedo e José Cardoso Azevedo. Formado em Química e professor catedrático da Faculdade de Química, da cadeira de Química e Estatística. Constituíram família e tiveram cinco filhos – Valério, Germano, José, Eneida e Núbia.

[11] Criada em 23/11/1820, a escola de ensino artístico, com o nome de Academia de Belas Artes, foi fundada com o objetivo de oferecer aulas de pintura, desenho, escultura. Disponível em: www.portalartes.com.br. Acesso em 12/03/2013.

Figura3: Núbia Marques com os filhos Germano, José, Eneida, Núbia e a neta Raquel.

Fonte**:** Autoria deconhecida, foto pertecente ao arquivo da filha Eneida

Sempre em busca de seu aperfeiçoamento intelectual, Núbia foi aluna pioneira do curso de Serviço Social da Escola de Serviço Social[12], fundada em 1954, sendo que a primeira seleção foi realizada em 13 de março de 1954 presidida pela diretora da Escola e pelo padre Luciano José Cabral Duarte; nesta primeira seleção, inscreveram-se 20 candidatas: Antônia Eduvalina Nascimento, Aidê Matos de Oliveira, Carmelita Freire

[12] Em 05/01/1956 o MEC reconheceu o curso de Serviço Social mediante o Decreto Lei nº 3.43. E no ano de 1967, mudou a nomenclatura de Escola de Serviço Social e foi incorporada a Universidade Federal de Sergipe em 30/04/1968. Mais informações, consultar: GONÇALVES, M.V. **Trajetória do curso de serviço social em SE**: 1954 – 1982. In: cadernos da UFS (publicação do Departamento de Serviço Social UFS - volume 1 (2004) São Cristóvão. Editora da UFS.

Menezes, Everilda Mandarino dos Reis, Irmã Maria Alzira S. Côrreia, Guiomar Lima Azevedo, IImar Moreira Mendonça, Lêda A. Diniz Gonçalves, Lucia Teles da silva, Maria Barbosa, Maria Celeste A. Garcez, Maria Lúcia de A. Almeida, Maria das Graças Ferreira, Maria Luiza Pontes, Maria das Mecêz de L. Gomes, Maria Valdina Leite, Núbia Marques Azevedo, Ruth Alves de Barros, Ruth de Menezes Santos, Wanda Laura Leite.

O processo seletivo das alunas tinha por base a consideração de aspectos socioeconômicos, psicológicos e conhecimentos gerais, respaldados pelo regimento interno da escola. O curso tinha a duração de três anos: "Além do ensino teórico e prático, estágios supervisionados e realização de trabalho final, de autoria do aluno." (art. 3 do Regimento Interno).

É importante ressaltar que a formação profissional era marcada pela Doutrina Social da Igreja e perpassada por uma visão humanista da sociedade de que "impedia visualizar qualquer sinal de conflito social advindo da luta de classe" (GONÇALVES, 2004, p. 14).

No mesmo ano de fundação da primeira Escola de Serviço Social em Sergipe, que foi fundado em 06 de junho, o Diretório Acadêmico dos Estudantes, no processo de formação acadêmica, intitulado "Diretório Acadêmico Maria Kinil". Faziam parte do Diretório os integrantes listados no Quadro 3.

QUADRO 3 – INTEGRANTES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO

Presidente	Núbia Nascimento Azevedo
Vice – Presidente	Lêda A. Diniz Gonçalves
1ª Secretário	Ruth de Menezes Santos
2º Secretário	Guiomar Lima Azevedo
Secretário de Finanças	Irmã Maria Alzira S. Côrreia,
Secretário Imprensa	Wanda Laura Leite
Secretário Cultura	Everilda Mandarino dos Reis
Secretário Social	IImar Moreira Mendonça
Conselheiro Fiscal	Maria das Mecêz de L. Gome, Maria Luiza Pontes, Maria Barbosa.

Fonte: Retirado do livro Trajetória do Curso de Serviço Social em Sergipe - UFS (2004)

É relevante destacar que Núbia Marques era uma aluna que se importava com os aspectos da educação, e desde cedo procurou se engajar em projetos direcionados à melhoria da educação e das ações sociais. Sua atuação como presidente do Diretório Acadêmico revela suas articulações no debate assumido pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e União dos Estudantes do Estado de Sergipe (UEES), a qual participava de seminários, palestras e congressos da categoria.

A Igreja Católica teve grande participação para que a Escola de Serviço Social fosse implantada em Sergipe, além de participar na formação profissional das estudantes. Nota-se, pelo quadro de professores - (Quadro 4) - que compunha a primeira turma do curso de Serviço Social em 1954.

QUADRO 4 – DOCENTES DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

NOME	CADEIRA	DIPLOMA
Ir. Irmã R. da Cunha	Introdução Serviço Social	Assistente Social
Ir. Albertina Brasil Santos	S.Social de casos	Assistente Social
Ir. Maria Gurjão	Seminário Formação	Assistente Social
Pe. José de A. Mendonça	Cultura Religiosa	Sacerdote
Mons. Espiridão N. de Goes	Ética Geral	Sacerdote
Lucy Oliveira Cunha	Psicologia	Filosofia
Dr. Manoel Cabral Machado	Sociologia	Advogado
Dr. João Cardoso N. Júnior	Higiêne e Medicina Social	Médico
Dr. José Bonifacio F. Neto	Noções de Direito	Advogado
Dr. José Hermenegildo Cruz	Estatística	Tec. Estatística

Fonte: Retirado do livro Trajetória do Curso de Serviço Social em Sergipe UFS (2004)

É oportuno mostrar a frequência de realização de atividades extras de cunho religioso, como os retiros e novenas para as alunas. Tais atividades ocorriam mediante o quadro docente ser composto prioritariamente por sacerdotes e freiras. Núbia concluiu seu curso em 1957, compondo a primeira turma de Serviço Social de Aracaju.

Segundo o depoimento da ex-aluna Aydê Matos de Oliveira[13] a primeira turma do curso de Serviço Social, começou com 20 alunos, e somente 11 concluíram o curso em 1957, foram: Antônia Edurvalina, Aydê, Guiomar, Everilda, Ruth, Maria Valdira, Maria luiza, Maria Barboza, Maria Lúcia, Irmã Alzira e Núbia Marques.O paranifo da turma foi o professor João Cardoso Nascimento Júnior[14] reitor da UFS.

Figura 4 : Turma de Serviço Social que se formou em 1957.

Fonte: Foto retirada da dissertação Jussara Maria Viana Silveira, 2008.

Em busca de indícios do processo formativo de Núbia Marques, recoremos aos depoimentos de ex-colegas de classe, encontramos Aydê Matos[15] que apesar de não ter sido amiga mais próxíma de Núbia concordou em falar um pouco sobre ela:

[13] A Srª Aydê Matos de Oliveira, ex-aluna do Curso de Serviço Social, se formou na primeira turma em 1957. Foi Assistente social da Casa Maternal Amélia Leite. Entrevista concedida em 24/03/2014. Consultar, LIMA, Solyane Silveira . **A CASA MATERNAL AMÉLIA LEITE (1947-1970)**. 1ª. ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2014. v. 1. p.143.

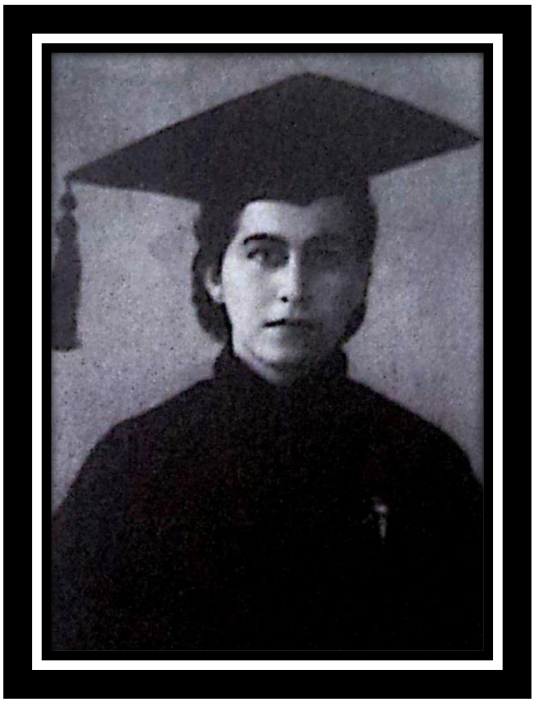
[14] Sobre trajetória de João Cardoso consultar: SILVEIRA, Jussara Maria Viana. Da medicina ao magistério: aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior, São Cristóvão, 2008 (Dissertação).

[15] Aydê Matos foi aluna da primeira turma da Escola de Serviço Social, junto com Núbia Marques, em 1954, concedeu entrevista em 26 de março 2014.

> “A turma era composta por mulheres, e o que lembro de Núbia, ela era espansiva, boa, alegre, estudiosa sempre tirava boas notas, era dedicada. Também era prestativa, mas nunca fiz trabalhos no grupo dela”(MATOS,2014).

Nas memórias de Aydê Matos, percebeu-se a preocupação em destacar, que não era amiga íntima da imortal, e sim colega de classe, mais reconhecia o seu lado dedicado aos estudos.

Figura 5**:** Núbia Marques graduando-se em Serviço Social em 1957.



Fonte: Fotografia retirada do livro Caminhos e Atalhos, da autora. Segrase, 1997.

Atuante na escrita e uma exemplar dona de casa. Núbia era dedicada à família e, em função do seu esposo, foi morar, em 1958, em Salvador; por conseguinte, as mudanças que ocorreram em sua vida pessoal não foram contratempo para ela, dinâmica e comunicativa, ela trabalhou como Assistente Social no SESC de Salvador.

Desta forma, percebe-se que a escolarização, trilhada por Núbia Marques, possibilitou-lhe a conquista de diplomas e títulos que abriram “portas” para seu caminho intelectual.

Segundo Bourdieu:

> O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, o capital cultural acontece por meio de bens culturais - sob a forma de bens duráveis – quadros,

> livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou críticas dessas teorias, de problemáticas, etc, e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é supostamente , a garantia – propriedade inteiramente originais (BOURDIEU, 1998, p, 74).

O capital de relações sociais, acumulado durante a sua trajetória escolar, tornou-se um dos fundamentos para o processo de inserção nos espaços públicos ocupados, posteriormente, por Núbia.

Na década de 1950, a participação feminina no mercado de trabalho cresceu especialmente em escritórios, serviços públicos, comércio, sendo ampliado por mais oportunidades de trabalho, como professoras, médicas, enfermeiras, assistentes sociais, que exigiam qualificação mais restrita, todavia a remuneração era certa.

Com o desenvolvimento econômico da época, gerou também o aumento dos níveis de escolaridade feminina, mudanças que se davam no cenário mundial, possibilitava uma abertura maior, onde a mulher estava conquistando pouco a pouco seu espaço na sociedade.Todavia, toda essa conquista era ameaçada por preconceitos e ameaças. Carla Pinsky diz:

> A educação com vistas a um futuro profissional e, consequentemente, o investimento em uma carreira, eram bem menos valorizados para as mulheres que para os homens, devido a distinção social feita entre feminino e masculino no que dizia respeito a papéis e capacidades. Ao menos o acesso das mulheres a educação formal e as áreas de conhecimento, antes reservadas aos homens, diminuiu distâncias entre homens e mulheres. Para manter a hierarquias entre o masculino e feminino, as possíveis ameaças da "mulher culta" as relações tradicionais teriam de ser neutralizadas por ideias como: um certo nível cultural é necessário a jovem para que "saiba conversar" e agradar os rapazes assim como é útil para o governo de uma casa e a educação dos filhos, entretanto os rapazes evitam as garotas muito inteligentes e a "mulher culta" tem menos chances de se casar e de ser feliz no casamento (PINSKY,2009, p.65).

Apesar de todos esses pensamentos sobre a visão da mulher na sociedade, Núbia Marques se desquitou de seu esposo. Precisando trabalhar, estreiou como professora de ensino médio no Instituto Ruy Barbosa[16]. Foi contratada como professora substituta do professor Acrisio Cruz, ministrando aulas da cadeira de Psicologia[17]. Consta no ofício da Instituição que Núbia Marques tomou posse em 11/03/1970 na cadeira de Português – registro no Diário Oficial, sendo que a sua aula inaugural data de 01/03/1968, do ofício de nº 49, expedido pela diretora em exercício Maria das Graças Azevedo Melo.

A aula inaugural no Instituto Ruy Barbosa se deu em torno do Intelectual sergipano de destaque nacional João Ribeiro, sua vida e obra[18].

Na Universidade Federal de Sergipe, foi contratada como professora regente em 01/08/1969, um ano após a sua estreia na Escola Normal. Situada em sua profissão, sentiu a necessidade de progredir em seus estudos[19]. Cursou Mestrado em São Paulo, na PUC. Defendeu sua Dissertação de Mestrado com o título: "Contribuições ao estudo exploratório sobre possivéis correlações da cultura sergipana com o lazer e desenvolvimento comunitário a partir da observação de alguns folguedos no Estado de Sergipe".

A conclusão da sua Pós-Graduação lhe garantiu a cadeira de titular do Departamento de Serviço Social da UFS. Atuante na pesquisa e sempre na perspectiva do folclore popular, passou um ano em Portugal para pesquisar sobre o referido tema e, com o intuito de entender o porquê da permanência de certos aspectos da cultura ancestral em eventos da atualidade, usou como aporte teóricos especialistas da área. Esta pesquisa resultou no livro "O Luso, O Lúdico e o Perene"[20], lançado postumamente.

Ainda como professora da UFS, regente da disciplina "Serviço Social da Comunidade", desenvolveu um projeto por três anos, no qual, foi estudada e analisada a vida das pescadoras de sururu. Este projeto rendeu o livro "Mulheres x Cultura de Subsistência"[21]. Núbia Marques era envolvida em defesa da mulher, atuante e militante, foi

[16] Oficio 72 do arquivo da Escola Normal Ruy Barbosa, diário oficial 11/03/1970.
[17] Oficio 57 do arquivo da Escola Normal Ruy Barbosa em 29/11/1966.
[18] João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes fez os primeiros estudos na cidade natal e no Ateneu de Sergipe, em Aracaju, seguindo em 1880 para a Bahia, onde cursou o primeiro ano da Faculdade de Medicina de Salvador.(www. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Ribeiro).
[19] Conforme processo n º 723/74, UFS.Núbia Nascimento Marques se afastou para cursar o mestrado na PUC de São Paulo.
[20] A análise do referido livro será realizada no segundo capítulo.
[21] Este trabalho foi apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira do Progresso para a Ciência, na 1ª Reunião Regional da SBPC (1984), em João Pessoa (PB), e no II Congresso Mundial de Mulheres Migrantes – Gerações em Diálogos, em Espinho (Portugal), em 1995.

pioneira na luta pela democracia e pela justiça, tendo entre suas bandeiras, a anistia e os direitos humanos.

Em 1978, Núbia Marques ocupou o cargo de primeira presidente do Movimento Feminino Pró- Anistia em Sergipe, participou de movimentos feministas, reforçando o engajamento de inclusão da mulher no universo público a partir das organizações feministas[22]. Segundo Almeida (2007), o movimento feminista pode ser entendido como: "um movimento sociopolítico, que teve repercursões nos diversos campos epistemológicos, com inferência nas esferas pública e privada, alterando representações e simbologias nos papéis sociais diferenciados, reservados a homens e mulheres" (ALMEIDA,2007, p. 51).

Núbia Marques representou muito bem a mulher sergipana e foi homenageada pelo Centro da Mulher Sergipana , o qual passou a ser chamado de Centro da Mulher Sergipana "Núbia Marques". Sobre o centro e sua importância, Leila Abreu Lima[23] destaca:

> Desde a sua criação, o centro representava o estandarte das lutas sociais em termos gerais e específicos, no que tange aos direitos da mulher, suas condições, suas conquistas e direitos, além de uma série de enfoques que até hoje podem ser observados junto às mulheres separadas, as negras, as velhas, enfim num contexto de luta pela sobrevivência social, que já nos proporcionou muitas coisas, entre elas a polícia feminina, a Delegacia das Mulheres, enfim temos muita história para contar e muito mais para fazer. (GAZETA DE SERGIPE, 1999, p. 3).

Atuante na escrita, Núbia Marques defendia a educação com "unhas e dentes", ela tinha uma coluna no jornal Gazeta de Sergipe, onde expunha suas ideias. Na matéria "A Cultura do Enlatado" , especificamente, percebe-se que:

> Uma das características do mundo "subdesenvolvido" é sua submissão ao pretenso mundo desenvolvido [...]. Na área da educação o quadro se torna mais violento, tendo em vista que esta, em alguns setores, se propõe a mudar, inovar e transformar. Diante do que falamos é evidente que Sergipe estando no mundo subdesenvolvido e mais precisamenete no Nordeste, é um exemplo vivo da alienação que caracteriza os Estados da periferia econômico-cultural. A escola em seu mundo sociocultural é alienada dentro das perspectivas de sua realidade e instrumento da hegemonia cultural.

[22] Já na década de 30 do século XX, muitas intelectuais sergipanas filiaram-se a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Em 1934, Sergipe foi representada por Cesartina Régis na primeira Convenção Nacional Feminina realizada na Bahia. Consultar: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no inicio do século XX. Campinas: Faculdade de Educação, 2003. (Tese de Doutorado).
[23] Era presidente do centro da Mulher Sergipana, em 1999.

> A escola é o local onde se legitima a mente colona de que falo. Nela se aprende através de textos e informações tudo que é do interesse das colonias culturais. O projeto integrado que tinha como objetivo trazer uma modificação na mentalidade colona do ensino, que informa tudo sobre a cultura exôgena e nada sobre a endôgena, não consegue dar o primeiro passo qual seja: o preparo do professor sergipano que não tem informação sobre a sua cultura, pois não aprenderam como eu não aprendi[24] (GAZETA DE SERGIPE,1982)

Outra matéria de destaque onde Núbia espunha suas idéias e sua posição política está no artigo publicado "UFS e o processo democrático"[25], em sua coluna no jornal Gazeta de Sergipe que diz:

> [...] nenhum processo social pode ser entendido parcialmente, ou através de setores, logo todo o processo social tem um caráter de globalidade. Se isto é lógico e evidente, também vale ser considerado no âmbito do processo eleitoral na Universidade. [...] A Universidade Federal de Sergipe não pode estar a margem da democracia, nem deve aceitar imposições de nomes que não reflitam a vontade soberana dos seus professores e alunos. Um reitor escolhido por processo democrático tem que ter uma plataforma política e dar satisfação a comunidade universitária do seu programa e marchar de mãos dadas para atingirmos as grandes metas da universidade, nas suas três grandes vertentes: ensino, pesquisa e extensão.[26](GAZETA DE SERGIPE,1982).

Sempre engajada nos processos educacionais, Núbia usava sua coluna, no jornal, para tornar público sua opinião, como também trazer a voz da comunidade acadêmica. Outra matéria de destaque foi "A Difícil Reitoria" onde Núbia clamava por um setor que cuidasse da memória da UFS, para que sejam lembrados e homenageados os que deram parte de sua vida a Universidade[27].

Núbia Marques, defensora da cultura sergipana, esteve atuante na divulgação e preservação da educação do Estado, ela desenvolveu um projeto o qual objetivava mapear, nas escolas públicas sergipanas, o conhecimento que o estudante tinha de sua cultura, ou seja, saber o que os estudantes sabiam do seu povo, da sua raiz, projeto intitulado Anteprojeto Integrado (o conhecimento que o estudante tem de sua cultura).

---

[24] Jornal Gazeta de Sergipe, 1982, p. 3, Aracaju-SE. (Em anexo).
[25] No anexo C, encontra-se o Jornal "Gazeta de Sergipe" que aborda esse tema.
[26] Matéria do jornal Gazeta de Sergipe, Aracaju, 12 e 13/12/1982 p.03. (Em anexo).
[27] Matéria do Jornal da Manhã. Data 19 e 20 de junho de 1988. (No anexo P)

Para que o Anteprojeto pudesse ser desenvolvido, foram acionadas tanto a Academia Sergipana de Letras como a Subsecretaria de Cultura do Estado de Sergipe, a fim de fornecerem condições para a execução do projeto, cujo incentivo se voltava para o conhecimento dos sergipanos em torno de sua cultura – seja como uma forma de perceber suas particularidades, seja como maneira de conhecer a hegemonia da cultura industrial.

As ações e os projetos direcionados à educação serão analisados e estudados no capítulo seguinte, momento em que abordaremos especificamente cada em deles, destacando a relevância para a educação em Sergipe.

Núbia Marques, após vários anos no magistério, finalmente se aposentou por tempo de serviço, conforme a portaria nº 0168, de 21/03/1991, publicada no diário oficial em 26/03/1991. Todavia, a aposentadoria no magistério não a aposentou da sua vida literária, ao contrário, ela continuou suas atividades como escritora, publicando em jornais e escrevendo livros.

Uma semana antes de lançar o seu mais novo livro " Do campo à Metrople: G. Barbosa na Macroeconomia Brasileira", Núbia morre subtamente, em 27 de agosto de 1999, vítima de um infarto fulminante.

Como dissera certa vez em uma entrevista, "todo dia amanheço com um projeto. Há de chegar o dia em que um deles vai ficar imcompleto"[28]. Seu corpo foi velado na OSAF Organização de Assistência à Família, situado a Rua Itaporanga, 436. Núbia Marques a imortal da ASL, não foi velada na Acadêmia por pedido dela mesma, ela já comentava com os filhos ainda em vida. Sua morte prematura aos 71 anos, deixou muitas saudades e amigos.

1.2- EM MEIO A DOR, NASCE A POETISA

A primeira experiência de ser mãe para Núbia foi dolorosa, pois seu primeiro filho, Valério, faleceu aos seis meses de idade, vítima de uma pneumonia. Seu falecimento marcou a vida de Núbia, que perdeu um pedaço de sua vida. O desespero foi tão grande que ela correu pela rua com o filho morto nos braços[29]. Desta forma, foi na escrita que Núbia encontrou subsídio para viver, para desabafar toda sua dor e começou a escrever poesias.

[28] Entrevista concedida ao CINFORM, por Mônica Dantas ed. 855.
[29] Entrevista concedida em 11/04/2013 por Eneida Marques Déda, filha da autora.

Segundo Ligia Fagundes Telles (2011), foi a partir da escrita em diários e álbuns que nasceram as poetisas, este foi um "recurso ideal para assim registrarem suas inspirações, eram naquelas páginas secretas que iam desembrulhando em prosa e verso todos os sentimentos contidos no íntimo da alma". E foi nessas tímidas arremetidas, o nascedouro da literatura feminina, onde pouco a pouco foram desabrochando várias escritoras, poetas, romancistas, como Núbia Marques.

O primeiro livro publicado de poesia da biografada foi patrocinado pelo seu ex-marido Jose Lima de Azevedo, quando Núbia ainda era dona de casa. O livro intitulado ***Um ponto Duas divergentes***, publicado em 1959, contém poemas de épocas variadas, que vão desde 1947 a 1956. Nele, ela faz uma elegia a perda do primeiro filho, Valério.

Este livro foi analisado por Jackson da Silva Lima[30] no prefácio de "Caminhos e Atalhos", no qual ele descreve o livro poético como uma obra dos parâmetros modernistas:

> Esteticamente, enquadra-se essa obra na geração modernista de 45, que deu enfase ao primado das odes, baladas e elegias, implicitas ou explicitamente declaradas. Não é só a memória do filho morto que define o tom amargo do livro, mas a própria maneira de visualizar o mundo e as coisas nele existentes. Há uma profunda reflexão, ruminada espontaneamente, que, apesar de intimista e pessoal em contéudo, se derrama por todos os textos, do qual serve de amostra o poema "Sintese" (MARQUES, 1997, p.13).

A poesia nos parêmetros modernistas[31] da época de 1945 pode ser observado nesse poema:

"**Síntese"**

[30] Jackson da Silva Lima tem livros de ficção, nos quais renova a linguagem literária sergipana. O Cão na Moita, O Monobelo, são exemplares com demonstrações do domínio que o autor tem dos textos, dos personagens, reinventando a realidade, que é o grande papel da literatura. Isto não é tudo. No Mecanismo linguístico das empulhações, Jackson da Silva Lima revisita uma das linguagens mais comuns do populário, de destreza mental, vivacidade, duplo sentido, tratando-a com o rigor que a ciência recomenda aos críticos. E muito mais fez, dando a Sergipe uma eloquente lição de cidadania cultural, que o torna credor do justo reconhecimento por parte dos sergipanos e dos seus representantes, nas diversas esferas do Poder. Jackson da Silva Lima foi funcionário dos Correios e Telégrafos, da Justiça Federal, onde exerceu a chefia da Secretaria, aliando as suas responsabilidades funcionais com o trabalho de pesquisador, historiador e crítico, o que adorna ainda mais a sua biografia septuagenária. Vive, portanto, entre nós um dos grandes de Sergipe, inexcedível naquilo que faz, há mais de quarenta anos, em nome e para a glória da sua terra e do seu povo. Disponível em:<http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=67892>. Acessado em: 26 de setembro.

[31] Na literatura brasileira, a chamada **Geração 45** surgiu a partir de trabalhos de poetas que produziam uma literatura oposta às inovações modernistas de 1922. Ver: Nicola, José de. Literatura Brasileira das Origens Até Nossos Dias. Scipione, São Paulo, 1966. / Bosi, Alfredo – História Concisa da Literatura Brasileira, 3ª ed., São Paulo, Cultrix, 1988. Cândido Antônio. Formação da Literatura Brasileira. 7. Ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

a luz caiu nos teus olhos,
As sombras buscaram teu corpo,
A eternidade descansa em tua essência,
Porque em ti estão todos os mortos.
És o início e o termo da vida
És a gota de um oceano, que se desmenbra sem se dividir(NÚBIA MARQUES,1945)

Em uma entrevista, Núbia Marques se define como "modernista com um pé no pós-modernismo"[32] sem o exagero da palavra: "Quem faz poesia tem que passar emoção, não me julgo concretista". O seu primeiro livro, serviu de inspiração, para que ela, não parasse mais de escrever e de mergulhar no mundo da literatura. Escrever para Núbia era prazer, era desabafo, era amor.

Dando continuidade a sua arte e habilidade, em 1961, publicou seu segundo livro, ***Dimensões Poéticas***, já amadurecida, este livro representou a despedida da memória do seu filho morto e ela retomou o fôlego para agradecer a seus filhos Eneida e Germano. Este livro foi premiado pela Sociedade de Cultura Artística.

Baladas do inútil silêncio, foi um livro que surgiu do convite de Núbia Marques para que as poetisas e amigas Carmelita Pinto Fontes e Gizelda Morais, pudessem fazer parte de uma trilogia de públicações, onde cada autora publicaria suas poesias em um único livro. O sucesso desta parceria, resultou no livro *Baladas do inútil silêncio*, que foi lançado no ano de 1965 na cidade de Salvador e Aracaju, tendo repercursão na imprensa, promovendo assim uma visibilidade da mulher poeta.

[32] Jornal da Cidade, Aracaju 17/08/1999.

Figura 6: Núbia Marques e Gizelda Moraes no lançamento de “Baladas do inútil silêncio”, em Salvador - BA

Fonte: fotos retirada do livro Baladas, Palavras e Outonos Ed. Segrase, 2009

Em ***Máquina e Lírios*** (1971), a escrita refletiu as mudanças do fim da década de 1960, onde o confronto entre o avanço da tecnologia e as paisagens remetem ao tempo passado, como:

“***Cibernética”***

Todos os ritimos são um só
A das rosas balançando ao vento
Dos motores elétricos

O dos nervos humanos
O das dores do mundo
Das contrações maternas nos partos
E das picaretas perfurando a terra
E dos passos rápido em busca do amor.

Tudo é mecanico, matemático
E tem automação celebrizada
Tudo é triste tão triste
Tal uma dor violenta estilizada.(NÚBIA MARQUES, 1971)

Percebe-se que, Núbia Marques, procurava esvaziar seus sentimentos através da poesia, ela escrevia seus pensamentos, acerca da atualidade, colocando na ponta do lápis seus anseios e receios. Ela procurava meios de expor a sua escrita e assim legitimar seu espaço na literatura.

Segundo Bourdieu:

> A escrita abole as determinações, as sujeições e os limites que são constitutivos da existencia social: existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social e trazer-lhe as marcas, sob a forma, especialmente , de automativos verbais ou de mecanismos mentais é também depender, ter e ser tido, em suma pertencer a grupos e estar encerrado em redes de relações que têm a objetividade, a opacidade e a permanencia da coisa e que se lembrem sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma de controles e de sujeições (BOURDIEU, 1996, p. 43).

A escrita, possibilita ultraspassar os limites, em que o sujeito geralmente é imposto socialmente, como sendo certo ou errado, a escrita possibilita uma trasgressão do seu pensamento, do seu ponto de vista de mundo. E a partir dela, ocupar um espaço, uma posição social, ser legitimado pelos seus pares.

Geometria do Abandono (1975) contém poemas premiados "Necrose" e "Rastro Rabisco". O primeiro ganhou o premio Jorge de Lima, em Alagoas, em 1972, pela intensa carga emotiva que passa para o leitor, tornando-o cúmplice da recriação póetica:

"Necrose"

Morri tantas vezes em ti
Que nem me apercebi da necrose
Os túmulos de flores insepultadas
Eram risos da infância dilacerada
Trêmulos risos girassóis outonais.

Morri tantas vezes em ti
Que nem me apercebi da necrose
e a noite que sempre precede ao nada
tinhas calcinadas expressões de desamparo
e a única árvore abrigo
era a despedida árvore intangivel.

Morri tantas vezes em ti
Que nem me apercebi da necrose
Os ventos que embalavam os cemitérios
Nem tinham o balanço de brisas silenciosas
Nem eram a ventania alucinada
Mas os ventos lentos que ninam a morte.

Morri tantas vezes em ti
Que nem me apercebi da necrose
E a desvairada busca do amor
era o réquiem eterno do desencontro(NÚBIA MARQUES, 1975)

O segundo poema “Rastro Rabisco” foi dedicado à memória de Álvaro Santos, grande pintor sergipano.

“ Rastro Rabisco”

estavas inaudível
Também tua linguagem
Nunca foi som
Mas imagem
E estava nas pinceladas

Verdes verdes
Matizados montanhas
Cano-claro
Verde-outono

Entre os verdes estavam os intensamente
Rabiscados de carmim
Violácios distantes

No tempo em que arco-íris

Irisava
Irrisoriamente
Irreal

Estavas inaudível
Entre o verde carmim
E o verde-noturno
Ficou basbaque abismal

Estavas inaudível
Também o som
Nunca foi a tua linguagem
Eu entendi tudo (NÚBIA MARQUES, 1975)

No poema Inconsequência, continha duas frases que foram sensuradas para serem publicadas pela autora. Núbia em protesto, no lançamento do livro, em São Paulo[33], em 27/06/1975 acrescentou a mão em cada livro que autografava.

"**Inconsequência"**

Fizeram de mim
Simum de auroras
Depois perguntam-me sinceramente
Por que diante de tanta luz
Tens a noite no peito?

Fizeram de mim
Pastora que arrebanha luz
Depois perguntam-me sinceramente
Por que choras diante do caos de estrelas?

Fizeram de mim
Criança que nina bonecas e canta ciranda
Depois perguntaram-me sinceramente
Mulher onde estão os machos de tua conquista?

Fizeram de mim
Criança que nina bonecas e canta ciranda
Depois perguntaram-me sinceramente
Que fazes neste tear-sonâmbulo?

[33] <www.versoeconversa.blogspot.com.br/2011/03/nubia-marques-inconsequencia.html>

Fizeram de mim
Criança que nina bonecas e canta ciranda
Depois perguntaram-me sinceramente
Por que não defendes os oprimidos?

Vão todos a merda
Seus filhos da puta(*)

O livro ***Verde Outono***, 1982, foi publicado também em parceria com Carmelita Pinto Fontes e Gizelda Morais. Neste livro, Núbia participa com desesseis poemas. Gizelda Morais, comenta sobre o amadurecimento poético de Núbia: "nesse livro sinto a interseção entre a sua poesia síntese, entre o uso desmedido (embora rítmico) da palavra e o seu uso comedido" . Tem destaque a poesia:

" Anticomputador":

Chega-te a mim
Foge do desatino eletrônico
Não tenho braços bionicos
Nem sou metralhadora estridente
Nem aço aninha-se em meus dentes
Não tenho asséptico odor de hortelã. (NÚBIA MARQUES,1982)

Núbia Marques, contou com a participação das poetisas e amigas Carmelita Fontes e Gizelda Moraes, em três livros poéticos, que foram *Baladas do inútil silêncio, Verde Outono e Palavra de Mulher.*Notável contribuição literaria, dessas três professoras universitárias , que têm um legado docente reconhecido em nossa cidade.

Apresentar as obras literárias e educacionais da intelectual Núbia Marques, requer, uma grande organização e disciplina, pois a autora transita facilmente pelas artes plásticas, cultura, folclore, romances, projetos educacionais, aos quais requerem muita pesquisa. Forçando- me a fazer escolhas.

Podemos ver a seguir mais uma ilustração de lançamento das três amigas, no lançamento do livro *Verde Outono* no ano de 1982.

Figura 7: Carmelita Fontes ,Núbia Marques, Marinho Neto[34] e Gizelda Moraes.

[34] Marinho Neto foi o fotógrafo responsável pela capa do livro Verde Outono.

Fonte: fotos retirada do livro Baladas, Palavras e Outonos Ed. Segrase,2009

O livro de poesia ***Todo Caminho é um Enigma*** (1989) foi publicado pela editora Belo Edições & Arte, Recife, 1989, coleção Palavra de Mulher, escrito em comemoração aos dez anos da publicação da antologia de poesia feminina brasileira Palavra de Mulher (editora Fontana, Rio de Janeiro). A comemoração é uma alusão à importância atribuída ao livro daquela época e às autoras que nele escreveram e contribuiram para a divulgação de poetisas.

"Destino"

Amor é esteio
É fruto
É jeito
É sina
É o estar aqui
Estando longe
É o desmembrar-se
Na unidade

E mais que tudo
É a redenção cósmica
Do ser (NÚBIA MARQUES, 1989)

Em se tratando da produção literária feminina, a poesia, como já foi evidenciada, tornou-se um campo privilegiado para o estudo das formas de representações sociais, confirmando os valores presentes no universo feminino daquele tempo.

Núbia Marques descreve o que é ser poeta, em seu discurso de posse da cadeira 34 na Academia Sergipana de Letras:

> [...] vamos poeta, humanizar o homem. Só um homem pode humanizar outro. Acreditando como nós no desempenho da poesia, em nós, partir de nós, depois de nós, sobretudo em todos os homens, alvo de nossa preocupação. Poeta não é apenas o que faz poesia, mas todos que a sentem. Poeta é o homem ser complexo e belo, contraditório, amedrontado, com a consciência plena da sua fragilidade, a transitoriedade. Mesmo assim, descansará na eternidade, sustentado pelos braços invisíveis do século. Poeta, tem nas musas a poesia, mas eu falo de mulheres que não são musas, nem tem poesia.(REVISTA ASL, 27, p.12).

Percebe-se que a poesia emergente de alguns poemas de Núbia Marques é caracterizada e apropriada pela tendência cultural e social do seu tempo, ou seja, os anos 1970 e 1980 são décadas em que a mulher está em maior evidencia na busca de sua legitimação no campo cultural e social. Marcada pelas conquistas femininas, encarregava-se de interpretá-las na poesia, a qual procurava denunciar, para a opinião pública, as mazelas causadas sobre as mulheres, que eram renegadas e excluídas do convívio social de igual direito entre os homens.

1.3- DE POETISA À ROMANCISTA: NÚBIA MARQUES SE DESTACA NO ROMANCE

Para a mulher, a escrita sempre foi fruto de luta por espaço na sociedade e reconhecimento. E para ter destaque, ela teve que ousar, desobedecer as regras impostas pelos homens. Segundo Norma Telles:

> Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessario rebeldia e desobidiência aos códigos culturais vigentes, O ato de escrever implica numa revisão de processo de socialização, assim como das representações conscientes de um enfrentamento do incosciente, também ele invadido, pela situação objetiva de dependencia do homem e que condicionaram a formação do eu (TELLES, 1989, p. 75).

Núbia Marques, como escritora, sempre procurou expressar suas dores, paixões, desamores, mas também denunciou e expôs as condições e repressões sofridas pelas mulheres. Segundo Norma Teles “a leitura é o que transforma em obras as letras e enredos. E a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade, num dado momento histórico. Portanto, é feita através do crivo de classe raça ou gênero” (TELES, 2006, p.203).

Para Rago:

> O espaço público moderno foi definido como esfera essecialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes, enfermeiras, secretárias, ou seja, desepenhando funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos (RAGO, 2011,p. 603).

As mulheres daquela época procuravam verbalizar, através da escrita, os seus pensamentos e evidenciar, em suas escritas, a defesa da mulher, ou seja, os temas debatidos eram vinculados à mulher e sua condição social.

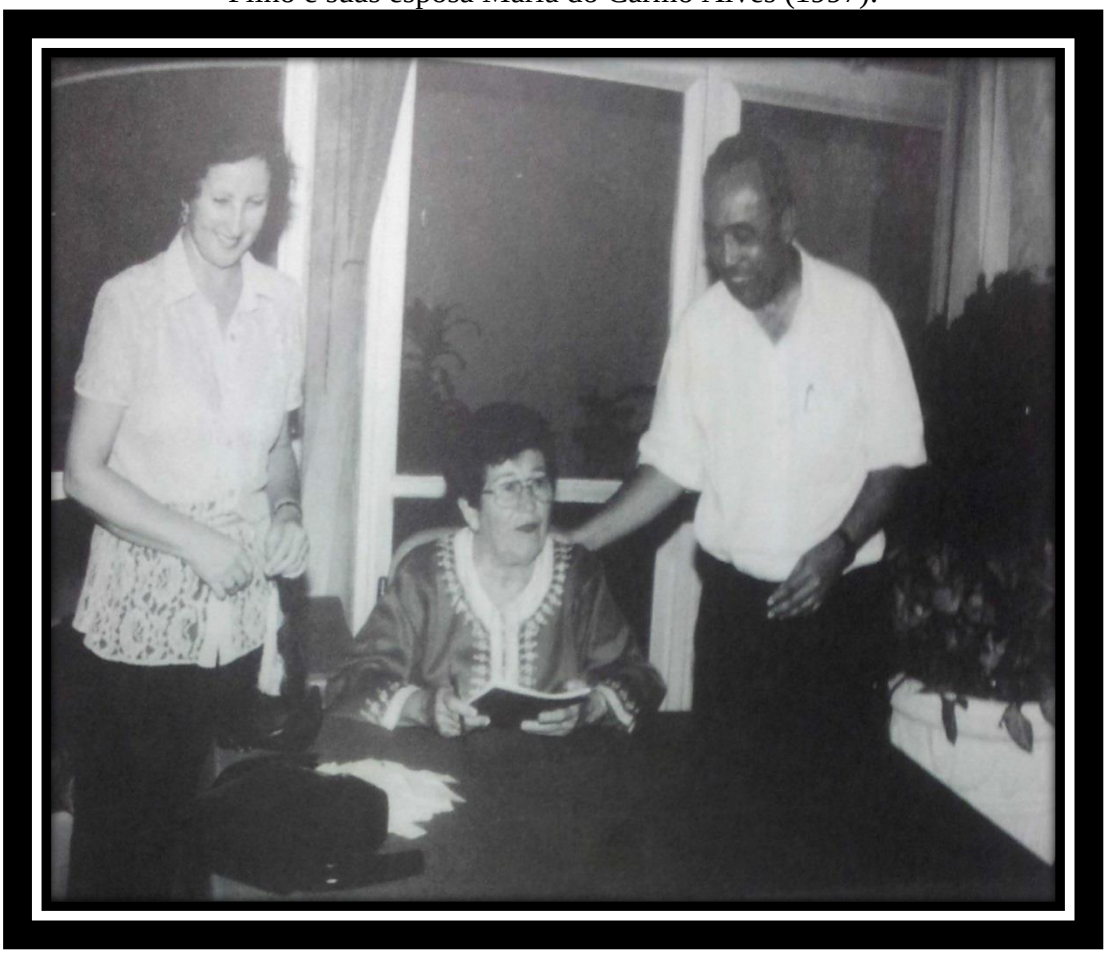
Em seu discurso de posse na ASL, Núbia Marques relatou:

> Não resta dúvida que o papel da mulher nos dias que correm tem-se modificado e, paulatinamente, infiltra-se em todos os setores da atividade humana. E isto ocorre não é porque ideologicamente os homens, soberanos da terra, tenham mudado conceitualmente sobre a capacidade e competência da mulher para o desempenho social, mas exatamente porque o sistema capitalista, que se mantém basicamente no lucro e na competição de mercado, para fazer frente a tal particularidade do sistema precisa de mão-de-obra barata. As mulheres e os menores constituem o maior contingente desta. (REVISTA ASL, 27, p.15).

Podemos perceber que no discurso de Núbia Marques, a mulher é marcada por sua desenvoltura em competir e participar ativamente para as mudanças que ocorrem no mundo. As mulheres vêm assumindo papéis na sociedade, em que antes eram essencialmente ocupados pelo sexo masculino. Com isso, a atuação das mulheres em instituições culturais e sociais firmou a participação delas no mundo da escrita, como um caminho para a afirmação dos valores femininos, mostrando-se eficaz na construção de um campo legitimado.

O campo literário no espaço de poder é um lugar de lutas entre os pares. Bourdieu o define como: “o campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural especialmente)” (BOURDIEU, 2010, p. 244).

Figura 8**:** Núbia Marques autografando “Poemas Transatlânticos” para Dr. João Alves Filho e suas esposa Maria do Carmo Alves (1997).



Fonte: Foto retirada do livro Caminhos e Atalhos. SEGRASE, 1997.

Núbia Marques, era uma mulher articulada, tinha muitas amizades influentes, a qual sempre era homenageada e prestigiada em seus lançamentos, podemos perceber esta influência, na foto a cima, onde ela esta com João Alves Filho e sua esposa Maria do Carmo Alves, político influente, que já foi prefeito, governador do Estado de Sergipe, bem como Ministro do Brasil.

Núbia estreia como prosadora com o seu livro de crônicas urbanas – ***Sinuosas de Carne e Osso*** (1962), conquistou o prêmio João Ribeiro, concurso realizado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, mas é em 1967 que ela publicou seu primeiro romance ***Berço de Angústia,*** retratando a história de uma mulher chamada Cíntia, essencialmente dona de casa, mãe, prisioneira de sua solidão, casada com Rogério. Este romance traz como pano de fundo lembranças da infância da educação opressora, da mulher oprimida. Ela

desabafa toda repressão sofrida pela mulher, que tem de ser dona-de-casa, mãe, e calar-se diante de qualquer situação que venha desapontar a relação do casal e da família.

Aponta a mulher como sombra de seu esposo, retrato da educação patriarcal, a mulher como autêntica escrava do lar e não, a rainha do lar. A história que Núbia relatou em seu romance é um retrato da história da mulher brasileira – marcada por estigmas de fragilidade e desprovida de inteligência.

Desde criança, ela foi induzida a aprender a ser mãe e esposa e dar conta dos afazeres domésticos. Neste sentido, o sistema patriarcal, legitimado ao longo da história pela religião cristã, foi responsável pelas práticas sociais que naturalizaram o papel da mulher restrito ao espaço público, favorecendo o exercício do poder ao sexo masculino.

Neste contexto, a representação da mulher deveria estar relacionada ao perfil da mulher mãe e possuidora dos valores morais e patrióticos. A valorização da moral tinha como objetivo tornar o ensino das mulheres, priorizando principalmente a formação moral em detrimento da instrução – esta entendida como formação intelectual, pois as "mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas", ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a força moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes provavelmente doses pequenas ou doses menores de instrução (PRIORE, 2009, p. 446).

Seguidamente, em 1980, Núbia lançou seu segundo romance ***O Passo de Estefânia,*** cuja abordagem é a de mulher emancipada, madura, exercendo uma profissão liberal de Assistente Social:

> A personagem central Estefânia catalisa o discurso e a perplexidade do técnico consciente, permeada pelos discursos da população problematizada e do poder. Este faz o que entende e descarrega no técnico e na população o peso de uma solução que estes jamais poderão dar, mascarando a ação que escorrega de sala em sala, de protocolos a pareceres, nas burocráticas caminhadas para que nada se modifique. Contestando este estado de coisas e partindo para um trabalho eficiente Estefânia vê-se tolhida, pois o poder não perdoa sua lucidez e a conduz para a reclusão e tortura. (MARQUES, 1980).

Este romance foi adotado pela Universidade de Minas Gerais para o vestibular de 1986, foi editado por três vezes, em 1980, 1982, 1984, também foi traduzido para o alemão por Margit Klinger Clavijo, com o título Stefania, Ein Frauenschicksal – instituit Fur BrasilienKunde – Verlag, Mettingen.

O Sonho e a Sina, foi lançado em 1992. É um romance que destaca a mulher Anastácia, já amadurecida com os sintomas da velhice: "Anastácia proibida de comer sal, vê o mundo por uma lente fria e opaca, e não há outra saída senão esperar pela morte". O relato da história é de uma professora aposentada, em que ela faz uma crítica ao sistema brasileiro, que desvaloriza o idoso, a educação. É relevante destacar que os romances escritos em sua sequência relatam o cotidiano feminino, destacando as conquistas de cada mulher, no seu tempo, espaço e modo de vida.

1.4 – ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS RECEBE A PRIMEIRA MULHER IMORTAL

Figura 9**:** Fachada da Academia Sergipana de Letras, situada a Rua Pacatuba, 288, Centro.

Fonte: <www. Google.com.br>. Acesso em 12/04/2013

A Academia Sergipana de Letras foi criada a partir da Hora Literária, que era uma instituição recreativa, fundada em 1º de abril de 1919, transformada, posteriormente, em sociedade literária de caráter acadêmico, autônomo, tendo como objetivo promover o estudo, o envolvimento intelectual do cidadão e a difusão do pensamento. A sua conversão em Academia Sergipana de Letras (ASL) ocorreu em 1º Junho de 1929. Sua finalidade era promover a cultura, a defesa, a conservação do patrimônio histórico e artístico e a promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais (Lei 9.790/99, art. 3º, incisos II e XI).

A Academia Sergipana de Letras seguiu o padrão, segundo modelo da Academia Brasileira de Letras, por iniciativa do poeta Antônio Garcia Rosa e outros intelectuais, destacando José de Magalhães Carneiro, Cleomenes Campos, José Augusto da Rocha Lima, Rubens Figueiredo, Monsenhor Carlos Costa, Clodomir Silva e Manuelito Campos. Para ser um membro imortal, o candidato deve ter livros publicados, artes, ser reconhecido e seu nome deve ser indicado para uma eleição, onde cada catedrático imortal vota.

Com as mudanças no cenário nacional, o campo literário veio sofrendo transformações. Neste sentido, em 1976, houve uma alteração no regimento interno da Academia Brasileira de Letras, que passou a prever o ingresso de escritoras, cuja limitação ao sexo masculino foi subtraída do documento interno. Esta mudança foi fundamental para que Raquel de Queiroz pudesse pleitear sua presença na Academia Brasileira de Letras (ABL). Seu ingresso abriu caminhos para outras escritoras. Essa conquista permitiu a abertura de novas fronteiras para a construção do campo literário e cultural brasileiro e sergipano.

Amparada pelas transformações ocorridas no cenário brasileiro, Raquel de Queiroz foi a primeira mulher a adentrar à Academia Brasileira de Letras, em 1977 – um espaço essencialmente masculino, abrindo caminho para que outras mulheres tivessem acesso a esse campo[35] que, por muitas décadas, foi totalmente masculino. Inspirada por essa nova abertura dada no campo literário brasileiro, Núbia Marques foi a primeira mulher a transpor as portas da Academia Sergipana de Letras, em 1978, um ano após a agremiação de Raquel de Queiroz no Rio de Janeiro.

Para que essa conquista pudesse ser concretizada, Núbia tentou entrar na agremiação em julho de 1976, quando se candidatou pela primeira vez, e foi recusada, pelo fato de ser

[35]"O campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes e instituições que tem em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especificamente"). (BOURDIEU, 1996, p. 244).

mulher[36]. Segundo o depoimento de Jackson da Silva Lima, Núbia não entrou na ASL, por dois fatores: primeiro por ser mulher, segundo a ASL segue o modelo da ABL que tem o modelo da Academia Francesa.

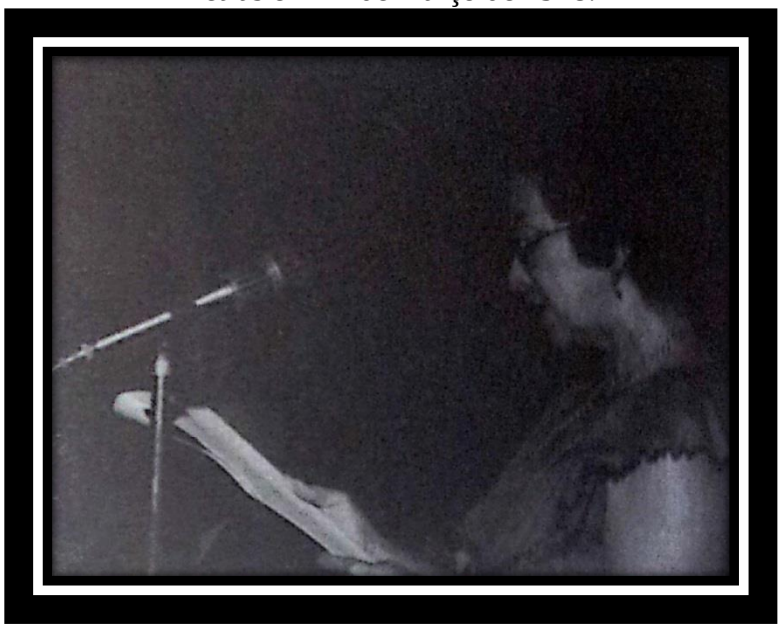
> "Acompanhei sua jornada para fazer parte da ASL e ela não foi eleita em 1976, porque era mulher, e as academias Brasileira ou estaduais como a nossa, seguia o modelo francês e não aceitava mulher, um exemplo de negatividade a Núbia e defesa da ASL, foi o voto negativo de seu amissísimo Cabral Machado na sua primeira eleição. Mas, ela conseguiu superar e entrou em 1978, porque Núbia quando queria uma coisa nem Jesus segurava, porque ela conseguia.[37]"

Somente no ano 1978 ela foi aceita, tomando posse no dia 17 de março, no Auditório da Faculdade Tiradentes, na solenidade destacou em seu discurso o papel da mulher na sociedade atual, bem como homenageou o seu antecessor o poeta Clodoaldo de Alencar.

Sua posse foi envolvida por um grande *frenesi* na sociedade sergipana, sendo referenciada em jornais da cidade[38], marcando na história a sua conquista. Foi de importância histórica para Sergipe o fato de Núbia Marques ter se tornado a primeira mulher imortal da Academia Sergipana de Letras, pois, permitiu que outras mulheres conquistassem seus espaços, reconhecimentos e, sucessivamente, outras mulheres passaram a ocupar cadeiras, entre elas: Ofenísia Soares Freire, em 1980; Maria Thétis Nunes, em 1983; Carmelita Pinto Fontes, em 1984; Gizelda Santana de Morais, em 1992; Maria Ligia Madureira Pina, em 1998; Aglaé Santana de Moraes, em 2002; Marlene Alves Calumby, em 2004; Ana Maria do Nascimento F. Medina, em 2007 e Luzia Maria da Costa Nascimento, em 2007, Patrícia Verônica Carvalho Sobral de Souza em 2013.

[36] Matéria retirada do jornal Gazeta de Sergipe, 17 de março de 1978, foto no anexo 06.
[37] Entrevista com o pesquisador e amigo de Núbia marques, concedida a autora em 21 de março de 2014.
[38] Matérias de jornais Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade, em anexo.

Figura 10: Núbia Marques fazendo discurso na sua posse na Academia Sergipana de Letras em 17 de março de 1978.



Fonte: Foto retirada do livro Caminhos e Atalhos. Segrase, 1997

No discurso de posse em 17 de março de 1978, Núbia defendeu a cultura sergipana e criticou a cultura importada e imposta pela hegemonia econômica. Núbia desabafou:

> Em assim sendo, acredito na função da Academia de letras, de difusão cultural, de estímulo aos reais valores literários da comunidade sergipana. Neste momento, não me coloco numa posição de comodismo ou contemplação narcísica, mas na de quem entra para participar de um grupo que tem direito e o dever de trabalhar pela cultura de Sergipe, a exemplo do que foram as academias no período árcade. O estar aqui agora me coloca na atitude de vigilante, velando a cultura de nossa gente e não apenas daqui, mais brasileira, no protesto a cultura internacional "pop" impessoal, sem a cor local da cultura "genuína". Abaixo a cultura de dominação dos polos hegemônicos, que transformam o artesanato artístico numa fabricação em série, dos tornos que modelam padronizadamente a sensibilidade e a criação, como se o sentimento pudesse ser aprisionado nas bocas vulcânicas dos fornos de fundir ferro e o versejar do poeta popular impresso no gosto das gravuras sofisticadas das megalópoles. (REVISTA DA ASL, nº 27 p.33).

Ainda no discurso de posse, Núbia realizou uma retrospectiva de sua vida acadêmica, expôs sua gratidão aos professores que a incentivaram e homenageou os amigos, no seu percurso acadêmico:

> Quanto a mim, estar aqui agora, não atribuo a esforço pessoal. Não, nunca muitos me acompanharam nesta jornada e este processo não começou quando me candidatei, pela primeira vez, para a vaga do meu amigo Epifânio da Fonseca Dória, em julho de 1976, mas há muitos anos, quando minha mãe cantava para eu ouvir "Luar do meu Sertão" e "Luar de Paquitá", e foi num livro de sua propriedade "A lâmpada velada", de Hermes Fontes, que percebi a poesia fora da minha crestomatia. Não posso esquecer a minha primeira professora Raquel Cortes Rolemberg, de quem tenho as mais ternas lembranças. O colégio Menino Jesus, onde fiz curso primário e lá entrei em contato com poetas e teatrinho escolar. Nesta caminhada minha sensibilidade e do meu alvorecer na poesia, não apenas os primeiros mestres, mas os que se seguiram no ginásio "osé Olino Lima Neto"[39], Acrisio Cruz[40] meu amigo, Artur Fortes[41], Gonçalo

[39] José Olino de Lima Neto, brasileiro, natural de Arauá-SE, Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, Farmacêutico Químico, Catedrático de Português do Colégio Estadual Atheneu Sergipense e de Filosofia Românica da Universidade Federal de Sergipe, Membro da Academia Sergipana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, autor do livro Fábulas em Versos. Teve cinco filhos: João Epifânio de Campos Lima, Cândido de Campos Lima, Antonino de Campos Lima, José Olino Campos Lima e Aloísio de Campos Lima. Aloísio é o pai da Prof.ª Vera Cristina Mendonça Lima e de Rosa Maria Mendonça Lima. <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44716&titulo=Luis_Antonio_Barreto>. Acesso em: 16 de dezembro

[40] Acrísio Cruz, filho de Manoel Antonio da Cruz e de Maria Leopoldina da Cruz, nasceu em Laranjeiras (SE), em 31 de outubro de 1906, sob o célebre paroquiato do padre Filadelfo Jônatas de Oliveira. Cresceu em sua terra natal, estudando na escola Laranjeirense, da professora Zizinha Guimarães (Eufrozina Amélia Guimarães), uma das mais afamadas do Estado. Estudioso da psicologia e das novas concepções pedagógicas, A carreira de administrador escolar e de técnico em educação, e suas reflexões pedagógicas, precedem a de professor de Língua Portuguesa, de Psicologia Infantil, de Pedagogia, e não impede sua presença no jornalismo sergipano, notadamente o jornalismo político, engajado partidariamente, muito menos na militância e no mandato por ela conquistado. Assim, além de Diretor de grupos escolares, Acrísio Cruz foi Assistente Técnico Geral do Departamento de Educação, em 1942, Técnico em Educação, em 1943, e por cinco vezes Diretor do Departamento de Educação, entre 1944, desde 11 de janeiro, data de sua primeira nomeação, até 1950, desde 9 de setembro quando foi nomeado pela última vez e até assumir na Assembleia Legislativa do Estado, em 1951, seu mandato de deputado, eleito pela legenda do Partido Social Democrático. <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44716&titulo=Luis_Antonio_Barreto>. Acesso em: 16 de dezembro.

[41] Poeta e professor Artur Fortes (1881-1944) foi professor do Colégio Atheneu, recebeu varias homenagens, como de professor vitalício da cadeira de História Geral do Brasil.<(http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44716&titulo=Luis_Antonio_Barreto>.Acesso em: 16 de dezembro.

Rolemberg Leite[42], José Augusto da Rocha Lima[43], Franco Freire Costa Pinto, Ofenísia Soares Freire[44] minha grande incentivadora, entre outros. Não apenas os mestres do Atheneu mas os amigos que me estimularam,Sebrão Sobrinho[45], Freire Ribeiro[46], Leyda Regis[47], Cecinha Melo Costa[48] (REVISTA DA ASL, nº 27p.34*).*

[42] Gonçalo Rollemberg Leite, nascido em Riachuelo em 14 de fevereiro de 1906, no seio de uma família rica e ilustre, abraçou a carreira jurídica bacharelando-se em Minas Gerais, em 1927, e ocupando funções que o mantiveram sempre próximo daquilo que Tobias Barreto caracterizava como a luta pelo Direito. Promotor público, Advogado de causas cíveis e penais, com atuação no Tribunal do Júri, Procurador Geral do Estado, em três períodos – 1942/1951, 1964/1967 E 1970/1972 – agregando ainda as atividades de professor de História, no Ateneu e noutras escolas secundárias de Aracaju.<http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44237&titulo=Luis_Antonio_Barreto). Acesso em: 16 de dezembro.

[43] Foi um dos primeiros pedagogos a viajar para outras regiões do país em busca de inovações para a educação de Sergipe. Fundou a Academia Santo Tomaz de Aquino, foi membro e primeiro presidente da Academia Sergipana de Letras, diretor do Colégio Atheneu e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Como professor atuou em diversas áreas como Língua Portuguesa, Língua Francesa, Literatura, Geografia, Pedagogia, Pedologia, Exegese Bíblica e Teologia. Nasceu em 22 de agosto de 1895 no povoado Escurial, localidade que fez parte da freguesia do Povoado Curral de Pedras até o ano de 1876 <http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/historia-da-gararu.html>. Acesso em: 30/10/2013.

[44] Ofenísia Soares Freire nasceu em 06 de dezembro de 1913, em Estância. Mudou-se para Aracaju nos anos 1930 e, a partir daí construiu uma biografia como professora, militante, política e intelectual. Lecionou Língua Portuguesa e Literatura em colégios públicos e particulares, a exemplo do Atheneu e do Tobias Barreto. Casada com Filemon Franco Freire, funcionário público, Diretor do Tesouro do Estado no Governo de Seixas Dória, Ofenísia Freire alternou as atividades do magistério com a militância política. Filiada ao PCB, engajada no processo de redemocratização do País, candidatou-se em 1947 a deputado estadual. Com o PCB proscrito e seus militantes na clandestinidade, Ofenísia Freire voltou-se à cátedra. À época do movimento militar de 1964, Ofenísia integrava o Conselho Estadual de Educação, quando teve seu mandato extinto e foi afastada do magistério do Atheneu. (http://www.subseas.se.gov.br/modules/news/article.php?storyid=181). Acessado em:30/10/2013.

[45] Sebrão Sobrinho ou José Sebrão de Carvalho ,Nasceu em Itabaiana, em 6 de Agosto de 1898 e morreu em Aracaju a 15 de Março de 1972. Irmão de José e Alencar de Carvalho, compositor conhecido como cisne de Itabaiana. Filho de Anita Carvalho (poetisa) e José Guaraná de Carvalho (Joça, o músico). Sebrão Sobrinho fez seus estudos preliminares em Itabaiana, manteve uma escola primária tendo sido professor de personalidades ilustres como Silvio Teixeira, José Sinzino de Alencar e Antônio Melo entre muitos. Foi secretário do conselho de Intendência Municipal e Promotor Público. Vindo a residir em Aracaju (1926) continua sua atividade pedagógica, montando uma escola nessa cidade. (Fonte.br.answers.yahoo.com› História). Acessado em: 29/10/2013.

[46] Freire Ribeiro, nasceu em 04 de setembro de 1911 e faleceu em 25 de janeiro de 1975.Era poeta, viveu como poeta. Foi funcionário público, teve ocasião de trabalhar nas repartições que serviam às cúpulas dos três poderes institucionais de Sergipe; na Casa Civil do Interventor Mainard Gomes foi um dos Oficiais de Gabinete, Sub-Secretário no Tribunal de Justiça, e funcionou também na Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado. Por alguns anos exerceu também o cargo de Diretor Técnico da Biblioteca, que hoje tem o nome do nosso saudoso confrade Epifânio Dória. Neste cargo foi aposentado com vencimentos insuficientes para um padrão de vida mesmo modesto.(http://www.webartigos.com/artigos/biografia-de-joao-freire_ribeiro/59556/#ixzz2w4X2CVig). Acessado em: *28/10/2013.*

[47] Leyda Regis foi intelectual notório na sociedade sergipana, nasceu em 23/02/1904 ,teve sua produção intelectual publicada em jornais como A Cruzada, Jornal da Cidade, Gazeta de Sergipe. Sobre a trajetória de Leyda Régis consultar: ALMEIDA, Marlaine Lopes de. Leyda Régis: Reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe. São Cristovão: Programa de Pós-Graduação em Educação UFS, 2009.(Dissertação de Mestrado).

[48] Ceicinha Melo Costa, nasceu em 26/05/1904 e faleceu em 16/07/1970. Era professora literatura e Educação Moral e Cívica, e fundou a Legião Feminina de Combate ao Câncer, onde ela era presidente. (fonte http://academialiterariadevida.blogspot.com.br/p/5-maria-da-conceicao-melo-costa.html). Acessado em: 23/10/2013.

Transpor as portas da Academia Sergipana de Letras não foi tarefa fácil, pois, quebrar uma hegemonia de anos, onde somente os homens podiam ocupar esse espaço, em uma época cujo preconceito em relação à mulher ainda era grande, foi uma tarefa digna de mérito, pois, com o seu capital cultural, pôde ser reconhecida e entrar em grupos de elites culturais.

Tal como a Academia Brasileira de Letras, o nosso cenáculo sergipano contou com a eleição de patronos, escolhidos entre os escritores sergipanos falecidos, cujas produções teriam marcado a história. Portanto, a cada um dos 40 acadêmicos coube a escolha de um patrono para a sua cadeira "um vulto da literatura sergipana" de destaque nacional, coadunando com a admiração aos renomados escritores que marcaram a história literária sergipana e o comprometimento dos membros em fazer *jus* àqueles que iriam representar. As referidas escolhas dos imortais da ASL estão apontadas no Quadro 4 em anexo

Ao entrar para a Academia Sergipana de Letras, Núbia Marques foi homenageada por Aberlado Romero[49], que proferiu o discurso para recebê-la e discorreu sobre os intelectuais sergipanos que se pronunciaram favoravelmente à mulher.

> Antes de apresentar-vos Núbia N. Marques, que me honrrou com a missão de recebê-la nesta casa, apresso-me a dizer que esta recepção não reflete apenas o justo resultado de um pleito, mas que é também um tributo a memória de dois sergipanos ilustres que no século passado, lançaram-se publicamente em defesa da mulher, Tobias Barreto, pelo reconhecimento de sua plena capacidade intelectual, e Martinho Garcez, pelo seu direito de romper o vínculo jurídico ao sentir-se infeliz no casamento. Tobias Barreto demostrou cabalmente, contestando um médico sobre a materia, que a mulher não tinha aptidão para atividades de natureza cientifica, e Garcez por seu turno, iniciando a campanha pro divórcio há pouco vitoriosa, que ela tinha o direito inconteste a felicidade pessoal.
> A mulher brasileira e a sergipana em especial, devem cultuar a memória desses dois grandes sergipanos que bateram brilhante e corajosamente pelos seus direitos.[...] Defensora da igualdade dos sexos, não quis , todavia, rotular-se de feminista, e jamais

[49] Nascido em Lagarto, em 13 de junho de 1907, Abelardo Romero Dantas completaria, se vivo fosse, 100 anos. Um século que está sendo lembrado em Lagarto, através de uma exposição montada na escola que leva o seu nome. Abelardo Romero viveu na sua terra, nos primeiros anos de vida, mas, foi no Rio de Janeiro que centrou as suas atividades, projetando seu nome no cenário intelectual brasileiro. Maduro, afastado dos jornais, dedicado às atividades de escritor, voltou a Lagarto e fez do seu sítio na Catita (atual Cidade Nova) um refúgio para suas leituras e reflexões. A obra e a fama de Abelardo Romero o levou a ocupar, na Academia Sergipana de Letras, a Cadeira vaga, desde 1975, com a morte de Exupero Monteiro. Sua posse, no Teatro Tiradentes, foi apoteótica, uma consagração justa, a um intelectual raro, entre os maiores de Sergipe. Com sua morte, em 17 de março de 1979, a vaga da Cadeira 16, um assento de poetas, desde o Patrono – Pedro Calasans -, o primeiro ocupante – Hermes-Fontes -, e aquele a quem sucedeu – Exupero Monteiro, passou a ser ocupada pela professora Ofenísia Soares Freire. <fonte:www.infonet.com.br acesso em 30/10/2013>. Acessado em: 10 de junho..

> vanglorizou-se de seus dotes de mestra e de novelista[...] professora, ensaista, novelista, poetisa é Núbia Nascimento Marques, uma autêntica mulher de letras (REVISTA DA ASL 17/03/1978. Pg.86).

Núbia Marques foi homenageada na Academia Sergipana de Letras; após sua morte, a responsável por fazer o necrológio foi Maria Ligia Madureira Pina, a qual descreveu:

> Núbia era democrata por exelência, tanto que a professora Celta Brandão lhe disse, após a reunião de 23/08 que a lembraria como sendo a pessoa mais democrata que conhecia. Assim era Núbia: Alegre, ativa, sem preconceito e autêntica. Dizia o que sentia o que pensava. Se provocada respondia a altura. E mais do que isso Núbia era guerreira incansável na luta pelos direitos da mulher, pelos direitos sociais e políticos do ser humano. Esteve a frente do Centro da Mulher, na luta pela anistia e pelas diretas já. [...] Núbia pôde mudar-se desta vida tranquilamente, como preconizou no poema conclusão:
>
> *Não seja eu*
> *A que multila*
> *E abandona*
>
> *Não seja eu*
> *A que devora e aniquila*
>
> *Não seja eu*
> *A que transforma a praça*
> *Em tocaia e luto*
>
> *Não seja eu*
> *a tornar o momento breve*
> *em grave*
>
> *não seja eu*
> *a que carrega o vendaval*
> *nos cabelos*
> *nem a que dorme*
> *todas às noites*
> *no sangue derramado do povo*
> *não sendo eu posso morrer na madrugada*
> *tendo nos lábios uma rosa*
> *e nos olhos*
> *a última estrela da noite (REVISTA DA ASL 34, p.163)*

E a Academia Sergipana de Letras seguiu homenageando e recebendo novos imortais, intelectuais que atuavam em nosso Estado, pois, são pessoas comprometidas com a cultura, educação e o social. Somam-se a esta casa, democratas, não somente intelectuais das Letras, mas também poetas, pintores, escritores, médicos, advogados, professores.

Dando continuidade à sucessão da cadeira nº 34, o imortal Jorge Carvalho do Nascimento, em seu discurso de posse, homenageou Núbia Marques:

> Núbia, a quem sucedo, foi como Tobias Barreto uma defensora da igualdade entre homens e mulheres. Foi também a primeira mulher a ocupar, a partir de 1978, uma cadeira desta Academia, invertendo um processo que ela mesma anuciara na sua poesia.
>
> *“ minha lira é tão pouca lírica*
> *Que está no lado inverso do universo” (NÚBIA MARQUES,1989).*
>
> Foi muito lento o processo de conquista de espaço social por parte da mulher. Em Sergipe lembra-nos Jackson da Silva Lima- Armindo Guaraná estudou as personalidades de maior expressão na sociedade local, entre o final do século XVIII e aos 20 do século que agora se finda. Dos mais de 600 nomes estudados apenas oito são mulheres: Carlota Sales de Campos, Maria da Conçeição Perdigão Ferraz, Guiomar Calazans Gonçalves, Placeres Mota, Itala Silva de Oliveira Ribeiro, Antonia Angelina de Figueredo Sá e Etelvina Amalia de Siqueira.
> A partir dos anos 30 deste século a sociedade sergipana foi marcada pela irrequieta figura de Maria Rita Soares, Ela fundou revista, promoveu eventos e defendeu tese docente sobre a mulher literaria. Ganhou a partir dos anos 40, a contribuição de Flora do Prado Maia, seguindo-se a esta, nas décadas seguintes, personalidades como Thetis Nunes, Gizelda Moraes, Carmelita Fontes, Ofenísia Freire, Maria Lígia Pina e Núbia Marques. As mulheres se imcumbiram e passaram a dividir, efetivamente, com os homens a participação na vida artistica literaria e nos demais espaços culturais e profissionais da vida social (REVISTA DA ASL 35, p. 25-35).

O discurso do imortal empossado segue em torno da valorização das mulheres, e de como elas vem conquistando espaços literários, culturais e profissionais. Assim, o pleito para adentrar à Academia Sergipana de Letras era uma admissão à importância desta instituição, como espaços de legitimação artística.

> O artista é um ser humano e como tal, está vulnerável a todas tentações, ao poder, às ambições de toda natureza. O que acontece é que, às vezes, para se proteger o artista tenta se legitimar nas confrarias, porque unidos a outros artistas ele pode se sentir mais

> forte [...] A Academia é um lugar onde você encontra alguns amigos, troca ideias, e busca compartilhar algumas coisas a respeito do seu ofício de escritor (QUEIROZ, 2002, p.198).

Portanto, a agremiação de Núbia Marques envolve várias intenções e anseios, não somente para quebrar a hegemonia masculina da ASL, mas também, para pertencer a um grupo seleto de intelectuais que, por suas obras e ações, conseguiram a imortalidade. E as impressões deixadas por ela nos leva a pensar de como era a representação e o modelo de sociedade, bem como o da educação, da cultura e da formação de hábitos e condutas que a sociedade julgava apropriado: "As memórias que temos do trabalho ao qual nos dedicamos, das nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas tem uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente" (NUNES,2002/2003, p. 13).

Compreender o passado a partir de personagens que tiveram a escrita como motivação a um exercício de construir a sua memória é de grande relevância para o estudo de História da Educação, pois, através de estudos sistemáticos, é que se torna possível entender o espaço, o tempo e as ações de uma determinada época.

OS CAMINHOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE NÚBIA MARQUES NO ENSINO SUPERIOR

Alquimia
A múltipla mão
De ontem
O passo incerto
O caminho
Sem terno
Cavalgam na lembrança
O silêncio...
(NÚBIA MARQUES, 1989)

2.1- ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL: HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA PROFESSORA NÚBIA MARQUES

Foi em São Paulo, que surgiu a primeira Escola de Serviço Social no Brasil, no ano de 1936, e somente após 18 anos de sua criação , nasce em março de 1954, em Sergipe, a primeira Escola de Serviço Social. Inicialmente Sua sede ficava situada na Rua de Estância, 228, em um

prédio cedido pelo Governador do Estado Arnaldo Rollemberg Garcez[50], por solicitação do Bispo Diocesano Dom Fernando Gomes[51].

A Escola de Serviço Social iniciou suas atividades em Sergipe sob a influência da Igreja Católica, com o objetivo de formar profissionais que pudessem divulgar os valores ideológicos que servissem para atentuar os conflitos sociais e para desenvolver o processo de evangelização da sociedade e de uma ação social que pudesse contrapor-se aos princípios liberais e ao comunismo.

A Escola de Serviço Social iniciou suas atividades no período da inauguração do Primeiro Círculo de Conferências, sugerido pela diretora a Irmã Albertina Brasil[52]. Um dos pré-requisitos, foi que os professores escolhidos para lecionar na escola, disponibilizassem um tempo para a realização de conferências, com o objetivo de esclarecer assuntos ligados a questões sociais.

Funcionou por 14 anos como Escola de Serviço Social, e com a implantação da Universidade Federal de Sergipe, em 28 de fevereiro de 1968, sob o Decreto – Lei Nº. 269, passou a integrar a UFS. No processo de transição, o curso de Serviço Social teve forte influência no processo de escolhas dos gestores líderes. Desta forma o professor Padre José Mendonça ocupou o cargo de Vice-Reitor.

A participação dos professores do Curso de Serviço Social era expressiva, observamos que na primeira sessão extraordinária do Conselho Universitário da Fundação da Universidade

---

[50]Arnaldo Rollemberg Garcez, filho de João Sobral Garcez e de Alzira Barreto Garcez (o nome da família materna era Barreto, mas ganhou o Rollemberg por conta de ter sido amparado, em sua criação, por Adolfo de Faro Rollemberg, do Engenho Escurial), nasceu em Itaporanga (SE), em 19 de janeiro de 1911. Viveu infância típica de menino de engenho, recebendo as primeiras lições da professora Técia Rios, que dava aulas na fazenda Camaçari, completando o curso primário no Grêmio Escolar de Aracaju (na Praça Olímpio Campos, local onde mais tarde foi instalado o Colégio "Jackson de Figueiredo"), dirigido pelo professor e magistrado Evagelino de Faro, onde também cursou humanidades, fazendo exames complementares no Ateneu. Foi também no seu governo que Sergipe despertou para a exploração dos seus minérios. Em 1954 instalava-se a empresa LIZ, para o comércio e beneficiamento do calcário, sob a direção de Walter Baptista, produzindo 10 mil toneladas anuais de Gesso Cré e logo depois o médico Geraldo Majela começava a exploração de carbonato de cálcio, 100% puro na jazida. Político de muitos mandatos, Arnaldo Rollemberg Garcez foi eleito deputado federal em 1958, e reeleito em 1962, pela coligação Aliança Social Democrática, formada principalmente pelo PSD-PR, e em 1966, já pela Aliança Renovadora Nacional (Arena). Foi, também, por dois mandatos (1983/1987 e 1993/1997), prefeito de Itaporanga, realizando obras essenciais, como o desmonte do morro São Benedito, da entrada da cidade, agenciando a paisagem junto a BR e ao rio Vaza-Barris, e a construção do Mercado e de outros prédios públicos, úteis à população itaporanguense. Disponível em: <www.infonet.com.br>. Acessado em: 02 de setembro.

[51] Dom Fernando Gomes, nasceu no ano de 1910, na cidade de Patos Paraíba, filho de Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Gomes Lustosa, em 1921 ingressou no seminário na Paraíba e em 1932 foi ordenado sacerdote, em Roma. Faleceu em Goiânia em primeiro de junho. Disponível em: www.idf.ucg.br. Acessado em: 02 de setembro.

[52] Madre Albertina Brasil Santos, nasceu em Pouso Alegre, no Estado de Minas gerais. Cursou Serviço Social em Campinas, foi nomeada Madre Superiora da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, com sua nomeação resultou na separação do Seminário Diocesano da casa do Tabor, faleceu em janeiro de 2004. Cf. revista Jubileu de Ouro do Serviço Social em Sergipe- Dep. de Serviço Social da UFS. Vol. 1, n1. São Cristóvão, 2004.

Federal de Sergipe, presidida pelo Magnífico Reitor João Cardoso Nascimento Júnior[53], realizada no dia 25 de maio, nas dependências da Faculdade de Ciências Econômicas[54]. Para compor essa comissão extraordinária estavam presentes, o Magnífico Reitor João Cardoso, Waldemar Fortuna (primeiro vice-reitor), Padre José Araújo Mendonça (Segundo Vice-reitor); Gonçalo Rollemberg Leite (Faculdade de Direito); Maria Thétis Nunes (Faculdade de Filosofia); José Lopes Gama (Faculdade de Química); Madre Albertina Brasil (Faculdade de Serviço Social); Manoel de Resende Pacheco (Faculdade de Ciências Econômicas).

O curso de Serviço Social era dividido em dois polos: o Ordinário e Extraordinário, o qual no Ordinário a duração mínima era de 3 anos, envolvendo além do ensino teórico e prático, estágios supervisionados e realização de trabalhos finais de autoria dos alunos. No curso Extraordinário podiam ser apresentados em três modalidades: aperfeiçoamento, especialização e extensão.

Figura 11**:** Escola de Serviço Social, situada a Rua Estância, 228

[53] O Prof. João Cardoso inicia sua docência no Instituto de Educação Rui Barbosa, em 1948, lecionava a cadeira de Puericultura e Educação Sanitária. Em 1955 a 1962, foi professor da cadeira de Aspectos PsicoPedagógicos da Conduta do Menor, na Escola de Serviço Social, nesta escola, foi professor e diretor. O Prof. João Cardoso também lecionou na cadeira de Fundamentos Biológicos da Educação, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1957, na Faculdade de Medicina, a cadeira de Higiene Preventiva do Trabalho, até sua aposentadoria no dia 18 de julho de 1983. Na Escola de Serviço Social o Prof. João Cardoso ministrava cursos para alunas e professores, como também, para a comunidade, entre elas destacam em 1957 "A importância das Relações Humanas", em 1959, proferiu uma aula sobre a "Emotividade e sexo na adolescência". (Consultar a Dissertação de SILVEIRA, Jussara Maria Vieira. Da medicina ao magistério: aspectos da trajetória de João Cardoso nascimento Júnior, 2008).

[54] Ata da sessão Extraordinária da Fundação Universidade Federal de Sergipe. Data 25.05.1968. (Fonte: Acervo Documental do Conselho Universitário da UFS).

Fonte**:** Imagem retirada do livro UFS: história dos cursos de graduação (2004)

O artigo 4º do regimento interno, do ano de 1954, tinha no seu quadro de disciplinas exigidas pelo currículo mínimo para cada série as seguintes disciplinas.

QUADRO 5- DISCIPLINAS NO ANO DE 1954

1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
Sociologia	Economia social	Administração de Obras Sociais
Ética Geral	Legislação Social	Organização Social da Comunidade
Psicologia	Ética Profissional	Pesquisa Social
Estatística	Higiene Mental	
Noções de Direito	Pesquisa Social	
Higiene e Medicina Social	Atividades de Grupos	
Introdução ao Serviço Social	Organização Social da Comunidade	
Serviço Social de Casos	Cultura religiosa *	
Serviço Social de Grupos	Seminário de formação *	

Cultura Religiosa *

Seminário de Formação *

* As disciplinas não fazem parte do currículo mínimo.
Fonte: retirada do livro UFS: História dos Cursos de Graduação (2004)

Essas disciplinas fizeram parte da grade curricular em que Núbia Marques se formou, em 1957, sendo assim a primeira turma a concluir o curso de Serviço Social.

O curso, também integrava a Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS)[55] entidade civil, sem fins lucrativos, que nasceu em 10.10.1946 com a finalidade de promover o aperfeiçoamento do ensino de Serviço Social; estabelecer o intercâmbio entre as unidades de ensino e outras organizações; divulgar congressos tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Quanto às mudanças no currículo, podemos verificar que, a inclusão de novas disciplinas no curso ocorria através da aprovação do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Serviço Social e pelo Conselho Nacional de Educação. Durante a década de 50 foram incluídas

[55] Um marco em sua história foi a Convenção de 1979, após o Congresso da Virada, quando assume a tarefa de coordenar e articular o projeto de formação profissional, transformando-se em Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social. A criação do Centro de Documentação e Pesquisa em Políticas Sociais e Serviço Social (CEDEPSS), na década de 1980, veio atender às novas demandas potencializadas com o surgimento dos Programas de Pós-Graduação, a partir de 1972. Um novo momento marcante na história da ABESS ocorreu na segunda metade da década de 1990, com a mudança do seu nome para Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), justificada em função da defesa dos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da articulação entre graduação e pós-graduação, aliada à necessidade da explicitação da natureza científica da entidade, bem como a urgência da organicidade da pesquisa no seu interior, hoje por meio dos Grupos Temáticos de Pesquisa e da Revista "Temporalis".
Uma marca na trajetória da ABESS/ABEPSS tem sido o processo democrático expresso na participação intensa dos sujeitos que constroem a formação profissional, com debates enraizados nas unidades de formação acadêmica, nas regionais e no nível nacional. Tem sido assim, desde o currículo mínimo de 1982 que significou a afirmação de uma nova direção social hegemônica no seio acadêmico-profissional, o que se consolidou com a elaboração das Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social, aprovado pela categoria em 1996, e aprimorada pela Comissão de Especialistas em documento de 1999.
Um desafio permanente da ABEPSS é acompanhar a implantação das Diretrizes Curriculares. Isso envolve pensar um processo de formação continuada que venha a atingir os docentes de todas as universidades e/ou faculdades, que tenham, em seu quadro, o curso de graduação em Serviço Social como um instrumento necessário e urgente para que a implementação das Diretrizes não sejam fraturadas em seus elementos mais relevantes, e para que seus fundamentos não sejam diluídos em seus aspectos mais importantes. Esse acompanhamento vem ocorrendo sistematicamente pelas várias diretorias da ABEPSS, por meio da realização de oficinas, de visitas às unidades de formação acadêmica, que vêm sendo realizadas desde a aprovação das Diretrizes, as quais subsidiam a elaboração e implantação dos projetos pedagógicos das diversas unidades de formação acadêmica filiadas.
Em relação aos eventos promovidos pela ABEPSS, no decorrer da década de 1990, destaca-se a consolidação dos Encontros Nacionais de Pesquisadores de Serviço Social – ENPESS e as Convenções Nacionais, hoje Assembleias Gerais da ABEPSS, que são realizados de dois em dois anos. Tornaram-se fundamentais espaços de articulação, também das Oficinas Regionais e Nacional de Graduação e Seminários de Pós-Graduação, como espaços intermediários de capacitação e realização do debate político-acadêmico. Disponível em: www.abepss.org.br. Acessado em: 09 de outubro.

as disciplinas: Cultura Religiosa, 1954; Atividade de grupo; Puericultura e Doutrina Social da Igreja, em 1956; Introdução a Filosofia, 1956.

Somente no ano de 1968, quando o curso passou a integrar a Universidade Federal de Sergipe, que as mudanças curriculares foram mais efetivas, direcionando as disciplinas para o desenvolvimento profissional do curso.

QUADRO 6- DISCIPLINAS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL EM 1968

Estatística	Psicologia Dinâmica
Filosofia	Ética Profissional
Medicina Social	Desenvolvimento e Organização de Comunidade
Noções de Direito	Serviço Social de Grupos
Psicologia Geral	Teoria do Serviço Social
Pesquisa Social	Administração em Serviço Social
Sociologia	Campos de Serviço Social
Ética Geral	Serviço Social de caso
Economia Social	Estagio *
Introdução ao Serviço Social	

*Segundo o regimento Interno, no artigo 77 "O Estágio é parte integrante e obrigatório do curso de Serviço Social". Fonte: retirada do livro UFS: História dos Cursos de Graduação (2004).

Com o decorrer do tempo, as mudanças na grade curricular vieram beneficiar de forma significativa o curso, pois, foram direcionadas disciplinas que contemplaram o exercício da profissão, orientando e direcionando o estudante diante da profissão que tinha escolhido. Além das disciplinas teóricas aplicadas no primeiro ano, os alunos iniciavam o estágio no segundo ano e era de suma importância esse contato com a prática.

Para o provimento da prática do estágio, o curso de Serviço Social tinha parceria com as Instituições SAME, SESI, SESC, Hospital Cirurgia, Legião Brasileira de Assistência. "Acreditava-se que o profissional que ingressava na escola de Serviço Social de Sergipe, logo depois do início de sua fundação, demonstrava através do seu currículo, uma reprodução e legitimação da ideologia dominante ligada à Igreja e ao Estado".(SILVEIRA,2008 p.128) . Desta forma, a base filosófica de formação desses alunos estava voltada para uma visão humanitária de mundo.

O curso de Serviço Social era um curso praticamente feminino, pois na turma em que Núbia se formou não tinha alunos do sexo masculino. Infelizmente na foto abaixo, não foi possível identificar os personagens.

Figura 12 – Confraternização da primeira turma do curso de Serviço Social

Fonte: Imagem retirada do livro UFS: História dos Cursos de Graduação 2004.

2.2- NÚBIA MARQUES: TRAJETÓRIA DOCENTE NA CADEIRA DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O ensino superior no Estado de Sergipe, teve sua origem no ano de 1948, onde surgiram as primeiras escolas de ensino superior, a primeira foi a Faculdade de Ciências Econômicas e de Química, e posteriomente foram criadas a faculdade de Direito, em 1950, e a Faculdade Católica de Filosofia em 1951, Escola de Serviço Social em 1954 e Faculdade de Medicina em 1961.

Somente no ano de 1967 o Ensino Superior é consolidado com a fundação da Universidade Federal de Sergipe, após aprovação dos Estatutos da Fundação, pelo Decreto Nº 61.165 de 17 de agosto de 1967 e do Decreto-lei de nº269, na presidência do General Humberto

de Alencar Castelo Branco, em 28 de fevereiro de 1967. Com a fundação da UFS, todos os cursos superiores do Estado foram incorporados a Universidade.

O primeiro Reitor da Universidade Federal de Sergipe foi Dr. João Cardoso Nascimento Júnior, e para vice-reitor foi eleito o Dr. Waldemar Fortuna e para segundo Vice- reitor o Padre José de Mendonça, professor da Faculdade de Serviço Social. A solenidade[56] de instalação da UFS, aconteceu no Instituto Histórico e Geografico de Sergipe em 15 de maio de 1968. Estiveram presentes, autoridades de cunho nacional para prestigiar a instalação da UFS, como o Dr. Newton Sucupira, que era menbro do Conselho Federal de Educação e representante do Ministro da Educação, Tarso Dutra.

A Escola de Serviço Social integrou a Universidade Federal de Sergipe em 1968 tornando-se assim um Curso Universitário. No ano seguinte, Núbia Marques foi contratada como professora regente, por um prazo de 6 meses[57], a partir de 01/08/1969. Nesta época o Brasil passava por um momento difícil comandado pela ditadura militar, as universidades eram vista como a "Universidade da Mordaça", estudantes e intelectuais foram tratados como delinquentes, submetidos a sessões de torturas e humilhações, pelo governo. A Universidade Federal de Sergipe surgia num período delicado, onde o país passava por repressões. Segundo o historiador Ibarê Dantas, três professores foram intimados a comparecer no 28º Batalhão de Caçadores, em Aracaju, onde foram inquiridos, respondendo processos pelos quais foram condenados pela justiça Militar do 6º Região Militar em Salvador[58].

Contudo, diante dos caminhos percorridos na carreira docente, Núbia ocupou o cargo de Chefe de Departamento de Métodos e Técnicas do Serviço Social[59] como titular por dois anos consecutivos, de 1976 a 1978 e chefe substituto, por seis vezes.

No mesmo ano em que Núbia Marques foi contratada para lecionar na UFS, várias outras colegas de profissão também foram admitidas, nesse novo estágio que a Faculdade de Serviço Social passava, a contratação de novos professores era importante, pois com a incorporação da Escola de Serviço Social à Universidade Federal de Sergipe, ampliaram-se as vagas para novos alunos.

QUADRO -7 NÚMERO DE ORDEM DOS PROFESSORES QUE COMPUSERAM O QUADRO DOCENTE DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

1- Padre José de A. Mendonça

[56] Jornal A Cruzada . "Sergipe agora já tem Universidade". Data 16 de maio de 1968. Ano III. Nº 634.
[57] Conforme portaria nº 31/07/1969, em anexo.
[58] Detalhes sobre o tema consultar: DANTAS, José Ibarê. **História de Sergipe** – República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 182-183).
[59] Conforme oficio nº 123/76, oficio nº185/77.

2- Mons. Luciano Cabral Duarte
3- José Hermenegildo da Cruz
4- Dr. Luiz Rabelo Leite
5- Núbia Marques de Azevedo
6- Dr. Airton Teles Barreto
7- Frei Edgart Stenvikowski
8- Elza Shuster
9- Gilma Calvacante Cerqueira
10- Carmem Machado Costa
11- Padre Oviedo Valois
12- Edvaldina Silva
13- Cândida Maria nascimento Fontes
14- Maria Eucaristia T. Leite
15- Léa Maria Guimarães de carvalho
16- Laisy Roriz
17- Izaura Lucia da Fonseca Sobral
18- Maria Anizia Góis de Araujo
19- Maria Luiza da Mota Gomes
20- Maria Diná Menezes
21- Gilza Luiza da Mota Gomes
22- Nilton Pedro da Silva
23- Juarez Alves Costa
24- Maria Cristina A. Neves
25- Murilo Andrade Macedo
26- Clara Maria Lima Roscae
27- Albertina Brasil Santos

Fonte: retirada do livro UFS: História dos Cursos de Graduação (2004)

Núbia Marques, em sua carreira docente na Universidade Federal de Sergipe, lecionou as disciplinas Teoria do Serviço Social I e II, Serviço Social Aplicado ao Campo II, Serviço Social Aplicado ao Campo IV, Serviço Social da Comunidade. Diante destas disciplinas e de

seu envolvimento com a docência, Núbia procurou participar ativamente de cada trabalho, desenvolvendo artigos, pesquisas de campo e participações em Congressos.

Das disciplinas acima mencionadas, em que Núbia Marques lecionou, consegui encontrar no Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe, um programa da disciplina Desenvolvimento de Comunidade do ano de 1977. A partir deste programa foi possível verificar o conteúdo que foi abordado na matéria, e ter uma ideia da dinâmica em sala de aula.

QUADRO 8- PROGRAMA DA DISCIPLINA DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADE

UNIDADE I

1.1- Evolução histórica;
Natureza;
Objetivos;
Função;
Conceitos básicos de comunidades;
Comunidade sua cultura;
Comunidade sociedade;
Comunidade como estratégia para desenvolvimento;
Conceito de desenvolvimento;
Estrutura social;
Contrato Social;
Participação Social;
Mudança Social.

UNIDADE II – PROBLEMÁTICA DO DESENVOLVIMENTO COMUNIDADE

2.1- Marginalização;
Bem Estar Social;
Desenvolvimento, Crise e Alternativas;
Modelo teórico para América Latina;
Desenvolvimento Comunidade Instrumentos do desenvolvimento;
Nível de Competência dos Programas de Desenvolvimento Comunidades.

UNIDADE III SERVIÇO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO COMUNIDADE

3.1- Significação do Serviço Social para o desenvolvimento Comunidade;
Tentativa de uma metodologia de Serviço Social na comunidade;
Analise de experiência no Brasil e no exterior.

Fonte: Arquivo Geral da UFS, caixa nº 10, ano 1977.

O programa acima demonstra a minúcia do estudo da disciplina, abordando tópico a tópico e explorando ao máximo o conhecimento do que é Comunidade, uma vez que o Assistente Social trabalha para a comunidade.

A partir dessa orientação, os Assistentes Sociais deverão ser capazes de contribuir para viabilizar a participação da população usuária nas decisões institucionais, e estabelecer estratégias para democratizar as informações e o acesso da população aos programas disponíveis no espaço institucional, como um dos mecanismos indispensáveis à inserção e a participação dos usuários nas políticas públicas.

Dentro desse raciocínio, Sirvente (1984) define a educação comunitária como:

> um campo teórico de princípios e hipóteses, que pretende enfrentar a realidade de pobreza e de pobreza extrema da América Latina. Permite explorar novas estratégias de ação educativa e cultural tendentes à transformação da realidade [...]. Esta transformação é percebida, prioritariamente, como uma elevação da qualidade de vida dos setores populares mais carentes. (SIRVENT, 1984, p.167).

A educação comunitária se fundamenta na concepção de ação comunitária que,

> é um instrumento que possibilita às comunidades, a sua construção a partir de um trabalho essencialmente educativo e que se coloca a serviço da sociedade no sentido de humanizá-la, ou seja, torná-la consciente dos problemas que vem dificultando o exercício da cidadania de forma coletiva e democrática. (CANIVEZ, 1991, p.178).

No artigo publicado, intitulado "Valores numa Sociedade em Mudança e o Serviço Social", podemos perceber e ter uma visão de como Núbia lia os atributos de sua profissão. Núbia Marques destacou:

> O Serviço Social é uma profissão humanista, portanto, nas suas atividades estão implícitas e explicitas os valores, sua ação moral, não só por força da presença do homem como dos valores. O suporte filosófico esta presente á ação do Serviço Social, e não somente este, mais o religioso, onde o Serviço Social teve realmente suas origens [...] apesar do Serviço Social ter nascido de uma caridade infrutífera, pois, em nada contribuiu para o desenvolvimento do homem e isto ainda se observa em muitas entidades do Serviço Social, ele, no atual momento histórico, só terá um valor equânime com a realidade social se usar as estratégias de mudança e do crescimento humano. Sem isto, os postulados da dignidade humana continuará sendo mistificada de uma sociedade tecnificada e desumana, é um ideal utópico.

> Mesmo que se diga, que o valor ainda que violado, permanece um valor, não vemos sentido para que o Serviço Social não lute para que se cumpra o destino do homem de forma a que, o humanismo não seja uma filosofia metafísica, sem nunca se transformar numa ideologia. A ideologia da mudança deve ser a ideologia eleita pelo Serviço Social tendo em vista os valores que formam o seu suporte operacional. "O Serviço Social e o sistema de valores formam a grande estratégia da promoção humana". (folhetos, p. 21).

O empenho em revelar as dificuldades da profissão de Serviço Social, Núbia Marques usava o poder da escrita, como meio de comunicação e divulgação dos seus trabalhos e aspirações. Escrever, expor, dialogar, eram aportes de suas ideias, de seus pensamentos. A escrita sempre foi motivadora para a autora, professora, poeta. Núbia Marques era assim, transformava as lutas, dores, indignações, aspirações em artigos, livros,poemas.

O trabalho docente, em que o professor estava diretamente envolvido com o aprendizado e orientação do aluno, trazem um ambiente harmônico de aprendizagem, as aulas fora da sala de aula, no campo, traziam aperfeiçoamento para os alunos. A sala de aula, sob a orientação e o olhar vigilante dos mestres, constituía o espaço e lugar de afloramento intelectual, de criação cultural e conhecimentos.

A partir de Frago e Escolano podemos compreender o significado de espaço escolar:

> [...] todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaços que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais, como também de sua dimensão simbólica. (FRAGO, 1998, p.78).

O espaço de aprendizagem, oferecido na sala de aula possibilitava uma vasta troca de experiências, valores e aprendizados. A ampliação de conhecimentos com a teoria e a pratica enriquece o aluno.

A educação tem como pretensão o desenvolvimento satisfatório das faculdades humanas, em cada ser e, principalmente, em cada cultura de acordo com seu meio sócio-histórico, onde esse processo vai ocorrer de modos e níveis diferentes. O processo educacional, ou seja, o modo de como o professor vai conduzir o aprendizado dos alunos, varia de acordo com a didática aplicada, perspectiva e visão do professor.

Por sua vez, envolvida com a produção artística e cultural, Coordenou o III Encontro Cultural de Laranjeiras[60]. Na produção do seu trabalho de dissertação, na PUC, em São Paulo, a autora desenvolveu um projeto voltado para o estudo do folclore, intitulado "Contribuições ao estudo exploratório sobre possíveis correlações da cultura sergipana com o lazer e desenvolvimento comunitário a partir da observação de alguns folguedos no Estado de Sergipe." Neste período Núbia Marques era professora regente, passando a ser titular somente após a conclusão do mestrado.

O trabalho de pesquisa para o mestrado da autora foi uma continuação de estudos iniciados por Beatriz Góis Dantas, no campo das tradições folclóricas em geral e dos folguedos em particular. Desta forma, o estudo pautava-se na possibilidade de utilização dos folguedos nos programas de desenvolvimento comunitário.

Sobre o programa comunitário Núbia descreveu:

> Os programas de Desenvolvimento Comunitário, quando promovido por organismos públicos nacionais, regionais, tendem a se inserir nas suas perspectivas políticas e planos de desenvolvimento econômico, essa tendência se inclina para as suas linhas e normas específicas de ação. (MARQUES, 1976).

O trabalho de pesquisa, em toda a sua dimensão conseguiu constatar que através de programas integrados nas Comunidades, com a complementaridade das manifestações de cultura Espontâneas, Desenvolvimento Comunitário e Serviço Social, significaram uma abordagem mais genuína no processo de participação grupal e coletiva. Neste sentido, Núbia Marques conseguiu unir as pesquisas sobre folclore com a sua profissão de Serviço Social, demonstrando a harmonia entre as duas e ampliando o campo de investigação. A portaria de afastamento de Núbia Marques constata isto, na qual se encontra no anexo D.

Verificamos, a partir do depoimento de uma ex-aluna,[61] que Núbia Marques realmente era engajada na defesa da cultura e do folclore.

> estudei um ano com a professora Núbia Marques, ela ministrava a matéria Serviço Social da Comunidade, ela era extrovertida, alegre, dinâmica, e lembro muito bem que nas aulas ela sempre falava dos trabalhos com folclore, cultura, ela fazia uma mistura (risos) [...], mas, a gente gostava, era uma turma de praticamente só mulheres, havia

[60] Conforme processo 2752/79 do arquivo da UFS.
[61] Maria da Salete de Albuquerque Lima, ex-aluna da Escola de Serviço Social do ano de 1967, foi aluna da professora Núbia Marques.

> apenas um homem, Bosco Rollemberg, único aluno homem. (entrevista concedida a pesquisadora em 21/03/2014).

Núbia Marques, procurou divulgar suas pesquisas educacionais, em livros, congressos, folhetos, jornais. Defensora da cultura sergipana, seus trabalhos estavam voltados para o folclore. Preocupada sempre, em divulgar e instigar os alunos e a sociedade para as questões educacionais, bem como, para a valorização da cultura regional. Foi assim, que Núbia Marques em sua carreira docente desenvolveu projetos ligados à cultura, e em espacial ao folclore.

2.3- GESTÃO E AGENCIAMENTO CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Na gestão pública de Núbia Marques, no cargo de diretora do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH-SE). Desenvolveu alguns trabalhos de relevância para a educação. Seu primeiro trabalho foi "A Lúdica Folclórica em Sergipe (1971–1974)" este livro foi fruto de um projeto iniciado pela professora Beatriz Góis Dantas[62] e concluído pela professora Terezinha Oliva[63].

A respeito da política cultural empreendida pelo governo sergipano no período entre os anos de 1960 e 1970 é possível afirmar que três elementos marcaram sua dinâmica: folclore,

---

[62] Professora emérita da Universidade Federal de Sergipe do curso de Antropologia, escritora de vários livros como: DANTAS, Beatriz Góis. De feiticeiros a comunistas: acusações contra o Candomblé. Comunicação à Reunião Anual da SPBC, 1982. DANTAS, Beatriz Góis. A organização econômica de um terreiro de Xangô. In: Religião e sociedade, nº. 4. Rio de Janeiro, Iser, out. 1979. DANTAS, Beatriz Góis.

[63] Terezinha Alves de Oliva é sergipana de Riachão do Dantas. Na minha origem estão pequenos proprietários rurais de prole numerosa e rígida formação católica. Dos meus avós, apenas o avô paterno sabia ler e escrever e chegou a ser o Coletor Federal no município. Mas a avó materna foi grande comerciante e enviou minha Mãe, filha única, para estudar no Colégio Nossa Senhora da Conceição, de Capela. Já o meu Pai, até adulto, tinha apenas o Curso Primário, embora fosse apontado como "homem de letras"; já na década de quarenta, enviava colaborações para jornais de Aracaju. Em 1956 mudou-se para esta cidade como funcionário público federal (no IBGE) e começou a atuar no jornalismo. Aqui fez Madureza (correspondente ao Supletivo), estudou na Escola de Contabilidade e mais tarde se formou em Direito pela UFS. Sou a primeira filha entre dez irmãos. Meu avô materno me ensinou o alfabeto e aos quatro anos entrei na escola. Embora 80% da população do município de Riachão não fosse alfabetizada, eu tive a sorte de aprender a ler ainda na minha primeira escola, de modo que ao vir para Aracaju estudei no Jardim de Infância Augusto Maynard, mas um ano depois fui para o Colégio Patrocínio São José, onde as professoras, percebendo que eu já lia com fluência, me transferiram do Pré-Primário para o Primeiro Ano. A política violenta, polarizada pelos embates entre PSD e UDN e a falta de perspectivas de futuro, provocaram a decisão dos meus pais de virem para Aracaju. Riachão era, em meados dos anos cinquenta, um município agrário onde predominava a grande propriedade, castigado pelos efeitos da "indústria da seca", marcado pela pobreza, pelo desemprego e pela emigração; esta situação era agravada pelo declínio completo do pequeno comércio local, sob o influxo da rodovia e da atração exercida pelos centros regionais de Lagarto e Tobias Barreto. A pequena cidade tinha um modo de vida bastante rural, o que se agravou quando as disputas políticas motivaram o corte da luz elétrica e o abandono das praças e ruas. Disponível em http://antoniolindvaldosousa.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-com-historiadora-terezinha.html> Acesso em: 09 de outubro.

artesanato e patrimônio histórico[64] e artístico (MATOS, 2013). Neste período o desenvolvimento das pesquisas sobre cultura popular em Sergipe tiveram vários personagens em prol da cultura, com destaque para Luiz Antônio Barreto[65] e Aglaé Fontes[66].

[64] Sobre preservação Patrimônio Cultural e representações dos agentes culturais para o estado de Sergipe consultar: MATOS, Luana Silva Boamorte de. Patrimônio Cultural educação: um estudo das representações sobre educação patrimonial desenvolvida em Aracaju-SE (1985-1991) Dissertação de Mestrado. São Cristóvão, 2013.

[65] Jornalista e historiador, estudou Direito nas Faculdades de Direito de Sergipe, em Aracaju, e na Nacional, do Rio de Janeiro, assim como cursou a Escola Nacional de Música, também no Rio de Janeiro. Como jornalista exerceu atividades de repórter, colunista, redator, diagramador e secretário de redação dos jornais sergipanos Correio de Aracaju, Folha Popular, Gazeta de Sergipe, Sergipe Jornal e A Cruzada, no período de 1959 a 1971. Foi diretor da Revista Perspectiva (1966-1967) e colaborador de vários periódicos de Aracaju, Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Teresina, Porto Alegre, Maceió, e da revista Il Moderno, de Milão, na Itália. Atuou nas áreas de educação, cultura, história, comunicação, literatura e folclore, exercendo cargos em instituições públicas e privadas, entre as quais o de Assessor Cultural do Instituto Nacional do Livro (INL) e Diretor da Organização Simões, Editora, ambos no Rio de Janeiro; Diretor da Galeria de Artes Álvaro Santos, em Aracaju; Chefe da Assessoria Cultural da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Secretário da Educação e Cultura de Aracaju; Superintendente de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, Recife (1987-1989); Diretor Cultural da Fundação Augusto Franco, Aracaju; Assessor da Presidência da Confederação Nacional da Indústria; Diretor do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira (Portugal); Diretor do Instituto Tobias Barreto. Ocupante da Cadeira nº 28 e presidente da Academia Sergipana de Letras, nos biênios, 1981-1983 e 1983-1985, era ainda membro e orador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; conselheiro dos Conselhos Estadual e Municipal de Cultura do Estado; membro da União Brasileira de Escritores (UBE)-Secção de Pernambuco e membro fundador do Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia, em Lisboa. Foi o responsável pela criação de diversas atividades educativo-culturais em Sergipe, como os Encontros Culturais de Laranjeiras; a Discoteca Pública, do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe, também em Laranjeiras; o Seminário do Gado e do Couro, em Lagarto; o sistema de Vagão-Escola, da Biblioteca Infantil no Vagão, localizada no Parque Teófilo Dantas; a Oficina de Artes, da Escola de 2º Grau José Antônio da Costa Melo e a escola Ecológica, localizada no Parque da Cidade Governador José Rollemberg Leite. Especialista em Tobias Barreto, é autor de diversos trabalhos sobre o ilustre sergipano, entre os quais, Tobias Barreto: a Abolição da escravatura e a organização da Sociedade (1988); Nova missão Tobiática no Recife e Tobias Barreto e seus seguidores, duas séries de artigos publicados na Gazeta de Sergipe (1987-1989); Tobias Barreto e a organização da sociedade, artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em 1989; A fé e a razão, Tobias Barreto e a crítica, e Tobias Barreto e a luta pelo Direito; ensaios introdutórios às Obras Completas de Tobias Barreto (INL; Record, Rio de Janeiro, 1989-1990); Tobias Barreto e a Filosofia no Brasil (Aracaju, 1990); O pensamento e a ação política de Tobias Barreto (Atas do I Colóquio Tobias Barreto, Lisboa, 1992). Publicou ainda, A Bíblia na literatura de cordel (Revista Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, 1971); Vaquejada e São Gonçalo em Sergipe, ambos na Revista Sergipana de Cultura, em 1978; Opção informal na pré-escola: experiência da Secretaria da Educação e Cultura do Município de Aracaju, 1981; A arte sergipana, in Brasil, arte do Nordeste (Spala: Rio de Janeiro, 1986); Um novo entendimento do folclore (Recife, 1988); Simão Dias: história e tradição (Aracaju, 1990); Sergipe, 400 anos de história, in Turismo e Lazer, Aracaju, 1990; O Poder Judiciário de Sergipe, 100 anos de história (Aracaju, 1992) e o livro Memórias de Sergipe: Personalidades sergipanas, uma seleção de textos sobre personalidades que marcaram a história. Disponível em <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=902&Itemid=1> Acesso em: 15 de outubro de 2013.

[66] Licenciada em Filosofia e pós-graduada em Educação Musical pela UFS, é poetisa, escritora, folclorista, historiadora e Professora. Sendo umas das maiores pesquisadoras do folclore e da cultura sergipanas. Nascida em 1934, na cidade de Lagarto, ainda na infância ganhava livros, o que fez com que desde cedo estivesse ligada a literatura. Integrante da Academia Sergipana de Letras, a professora Aglaé, como é conhecida, já viajou por vários países levando a cultura sergipana e tornando-a conhecida pelos quatro cantos do mundo, sendo uma mulher de muitos talentos e de grande relevância para Sergipe. Como escritora, criou várias peças de teatro e tem diversos livros publicados, entre eles, 'Poesia para menino gostar', O folclore e a educação musical', 'O guerreiro em Sergipe', 'Eu não tenho onde morar' e 'Menino tangedor de sonhos'. (http://novo.swapi.com.br/index.php?act=leitura&codigo=54100>. Acesso em 15 de out. 2013)

Em sua gestão no Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico, entre as várias atividades, Núbia Marques, recebeu os índios Pankararus, que são índios originários de Pernambuco, para uma apresentação cultural. Na foto esta Jêripankó que é o filho caçula de Kleonanklê (que esta a frente na foto abaixo), entre eles o colunista social João de Barros.

Figura 13: Índios Pernambucanos em apresentação cultural em Sergipe.

Fonte: Foto cedida do arquivo do historiador Jackson da Silva Lima.

Núbia presidiu a Comissão Sergipana de Folclore, e neste evento foram divulgados dois trabalhos: **"Bloco de São João"**, que tratava de um estudo sobre os festejos juninos, relacionando os folguedos de Cristinápolis com Culto a São Gonçalo do Amarante, a estrutura do folguedo é do santo português. Neste estudo Núbia fez as comparações e chegou a conclusão de que há uma semelhança entre as duas, e da influência lusitana no bloco de Cristinápolis. Concluiu assim:

> Algumas diferenças existem entre o São Gonçalo de Laranjeiras e o Bloco de São João de Cristinápolis, uma vez que aquele existe numa região de economia açucareira, e o último, numa região pastoril de

> agricultura de subsistência, ambiente em que se evidencia muito mais uma influência lusitana e indígena do que negra. Nestas considerações não queremos em absoluto negar a influência negra no grupo de Cristinápolis, pois, na parceria das danças no Bloco de São João, observamos um discreto aceno de umbigada existente no batuque e samba de roda. [...] Parece-nos significativa, porém, a mesclagem de aspectos, sejam portugueses, indígenas e negros, encontrados no Bloco de Cristinápolis. Com maior probabilidade de acerto, podemos afirmar que este Bloco é uma variante da Dança de São Gonçalo, tendo em vista uma evidência maior de caracteres comuns já citados. Os folguedos vão-se mesclando, garantindo sua sobrevivência. A Dança de São Gonçalo sobrevive num folguedo joanino, com a denominação de bloco em louvor a São João. Acrescenta-se ao fato a questão de ser um período de colheita de milho, cultura agrícola bem expressiva no local, relacionada às festas de São João. (MARQUES, 1999 p.151).

Os estudos voltados para o folclore, em que Núbia se debruçava, buscava compreender as permanências culturais da região sergipana. Valorizar e explorar esse mundo, que esconde riquezas e detalhes e, muitas vezes é esquecido, e que ao longo do tempo vem perdendo suas características e adeptos.

O estudo da cultura, do folclore, eram alvos de pesquisa da escritora, pois ela sabia da importância da cultura, da valorização das raízes, da identidade de um povo. Portanto, ela buscava divulgar as nossas riquezas culturais. Núbia Marques, ao ocupar cargos públicos, procurou representar e valorizar nossa cultura.

Desta forma Lima, entendeu:

> Nas representações sociais da educação na Imprensa, o intelectual cumpriu papel preponderante, pois, não esteve desatrelado de uma condição política, de uma realidade ideológica definida pelas práticas culturais, porque ele fez parte de um grupo de agentes sociais compreendidos como uma "rede de sociabilidade".(LIMA,2008 p. 143).

Ainda sobre o papel do intelectual como produtor de cultura e mediador Sirinelli afirmou:

> Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum, e de afinidades mais difusas, mas, igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. O meio intelectual constitui, ao menos para o seu núcleo central, um pequeno mundo esteio, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem

> comum homologou o termo ‘‘redes’’ para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber ao que parece. (SIRINELLI,1996, p.248).

Desta forma, podemos concluir que os intelectuais da educação não são personagens fora do contexto cultural, ou seja, eles também são agentes culturais[67] que contribuem para o reconhecimento do campo cultural.

“ A Cultura da Mandioca”, foi um estudo de como se processava a produção da farinha de mandioca e com isso resgatar os aspectos folclóricos desse trabalho. Essa investigação trouxe à tona rituais centenários de como se fazia a farinha de mandioca, passando pelo plantio, colheita, culinária, farinhada, aspectos folclóricos da farinhada. Foi assim, que Núbia Marques elucidou fatos curiosos como as lendas:

> O aparecimento da mandioca é atribuído ao corpo de uma mulher indígena. Duas lendas, entre muitas, explicam o aparecimento da mandioca. Uma recolhida por Candido Mariano da Silva Rondon entre os parecis, centro de Mato Grosso. A lenda é que Zatimáre e sua mulher KôKôtêrô tiveram dois filhos: um menino, Zôkôôiê, e uma menina, Atiôiô. O pai amava o filho e menosprezava a filha. A esta só se dirigia por meio de assobios, ignorando-a de certo modo. Desgostosa com o desamor do seu pai por ela, solicita a sua mãe que a enterre viva, pois só assim seria útil aos seus. Inicialmente sua mãe resistiu, depois cedeu aos rogos da filha. Enterrou-a no meio do cerrado, onde não pôde permanecer por meio do calor. Rogou que a levasse para o campo, também não se sentiu bem e finalmente mudou-se para uma cova aberta na mata, neste local, se sentiu bem e pediu a mãe que se retirasse sem voltar aos olhos para trás, quando ela gritasse. Passando algum tempo, Kôkôtêrô ouve o grito de sua filha e volta-se rapidamente. No lugar em que a enterrou, viu um arbusto bem alto, que logo se torna rasteiro quando ela se aproxima. Limpou o solo, e a plantinha tornou-se viçosa. Mais tarde, Kôkôtêrô arrancou do solo a raiz da planta: era mandioca. O casal chama-a Ojakôrê. Os parecis, posteriormente, chamam-na de Kêtê. (MARQUES, 1999, p.105)

Esse trabalho procurou elucidar a origem da mandioca, mostrando que ela é fruto de lendas folclóricas. A produção da farinha era feita em rituais, com cantorias que contribuíam para disfarçar o cansaço do preparo que era manual e artesanal. A mandioca é uma raiz, muito utilizada aqui no nordeste, é um alimento popular, que permite fazer muitas receitas, como bolos, cozidos, pirão, tortas, beiju, mingau.

---

[67]“ O agente cultural é aqui compreendido como um profissional que está vinculado com as iniciativas e procedimentos culturais de uma região, atuando como um gestor de práticas culturais e na mediação entre o âmbito público e os grupos comunitários na esfera sociocultural”. (MATOS, 2013,p.12).

Podemos perceber que, a produção literária de Núbia Marques, esta acirrada aos seus programas de ensino, uma vez que o fato folclórico estava presente na maioria de seus estudos e pesquisas. Notamos que a raiz artística estava enraizada em suas veias e entender a permanência de costumes, comidas, comportamento a partir do folclore era um estudo que lhe dava prazer.

Figura 14: Núbia no DCPH em reunião. (primeiro a esquerda Urbano Oliveira, mulher não identificada, Vagner Ribeiro, Núbia ,vulto não identificado, e Santo Souza)

Fonte: foto cedida arquivo particular de Jackson da Silva Lima

Assim, o intelectual, introduzido pelo conhecimento, não pode limitar-se a trabalhos fechados nos meios acadêmicos. Ele deve interagir com o seu discurso em outros campos distintos. Núbia Marques era um exemplo disso, dedicada à Educação e à escrita, não se furtava a participar de eventos culturais.

Em 1979, coordenou o III Encontro de Laranjeiras[68], conforme processo 2752 da Universidade Federal de Sergipe. Atuante como professora e pesquisadora, desenvolveu o

[68] O Encontro Cultural de Laranjeiras acontece na cidade de Laranjeiras, localizada a aproximadamente 23 quilômetros da capital do estado de Sergipe (Aracaju) e que, por conta do seu contexto sócio-histórico[2], é palco de

"Anteprojeto Integrado", que foi uma pesquisa educacional nas escolas de Aracaju, realizada no ano de 1981, a fim de conhecer o grau cultural dos alunos, em relação à cultura sergipana.

Para que o Anteprojeto pudesse ser desenvolvido foram acionados tanto a Academia Sergipana de Letras como a Subsecretaria de Cultura do Estado de Sergipe, a fim de fornecerem condições para a execução do projeto, cujo incentivo se voltava para o conhecimento dos sergipanos em torno de sua cultura, e como de como ela percebia.

Para a organização sistemática do projeto, foi dividido em três etapas:

1- Fazendo considerações sobre a cultura de dominação e suas implicações na percepção cultural dos povos dominados, mostrando a influência deste fato que, de certo modo, direciona e define as "culturas menores" e por isso o Sergipano conhece mais das culturas exógenas hegemônicas do que da sua própria cultura.
2- Levantamento de questões em torno do assunto para direcionar a pesquisa.
3- Descrição da metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho, critérios a serem adotados, escolha da amostra e, análise dos dados.

Neste sentido, para Felgueiras (2005), estudar a educação hoje, significa prestar atenção a densidade histórica do sistema educativo, nos contextos concretos de realização, expresso numa cultura material, que simultaneamente, traduz as concepções de uma sociedade e manifesta as condições em que puderem ocorrer. Desta forma, torna-se relevante a análise deste projeto, pois a materialidade diz respeito a sua constituição enquanto suporte que ocupa determinado espaço e tempo, contribuindo para contextualizar as práticas em seus continentes materiais, nos possibilitando a análise e compreensão de certos momentos, espaços e tempo da história.

Conferindo essa importância do material, enquanto fonte multidimensional, o trabalho procurou destacar informações relativas às práticas escolares e deste cotidiano extraescolar dos alunos, uma vez que a disciplina Cultura Sergipana, não fazia parte do currículo

muitas manifestações artísticas tradicionais. Segundo o projeto elaborado para o I Encontro, seus objetivos eram: "1- Estudar as manifestações da cultura popular no Estado; 2- Promover a apresentação de grupos; 3- Discutir, em alto nível, as questões fundamentais da cultura popular; 4- Fomentar o intercâmbio intermunicipal de grupos; 5- Valorizar a criação popular, em todos os níveis" (Nascimento, 1996). Esses objetivos ainda continuam na ordem do dia, outros objetivos foram, porém, acrescidos, como o divertimento de turistas e da população local com a entrada dos shows e de outras atrações no começo da década de 1980. Disponível em: <www.cp2.g12.br/blog/perspectivasociologica/edicoes-anteriores/jan-jul-2011>. Acesso em: 15 de novembro.

educacional da época, no entanto, hoje, esta disciplina já está incorporada ao currículo das escolas públicas Estaduais[69].

O Anteprojeto teve como hipótese que: O sergipano conhece muito pouco de sua cultura, seja a nível da erudição informática e informática, até ao da cultura popular, entendida aqui, como as manifestações de cultura espontânea ideologicamente hierarquizando e notabilizando os "Cultos" e minimizando os "não cultos" as sociedades menos poderosas ?

Podemos perceber a inquietação de Núbia Marques, quanto a influência da cultura europeia à cultura latina. Ainda nesta perspectiva de dominação cultural, Certeau destacou:

> A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma a crença, as normas e as condutas. Nessa brecha se insinuam as reformulações, os desvios, s apropriações e as resistências. (CERTEAU, 1990 apud CHARTIER, 2009 p.46).

Diante deste questionamento, levantado pela hipótese, Núbia Marques destacou:

> É bem provável que o sergipano vivendo num estado, o menor da federação brasileira, e num local como o nordeste, o desconhecimento sobre sua cultura deve ser evidente, uma vez que os "povos cultos" do ocidente soberanos e absolutos são os que ditam o modelo cultural, levando-nos a conhecer muito mais Shakespere, Brecht do que, Tobias Barreto, João Ribeiro, Silvio Romero, Hermes Fontes. (MARQUES, 1981 p.7).

.

Núbia Marques, entendia da importância da cultura local, e de sua valorização por parte dos sergipanos, desenvolveu esse projeto, para saber o conhecimento das informações dadas nas escolas acerca da cultura sergipana. Para aplicação do questionário foram escolhidos, em particular, os alunos do 2º e 3º graus, alunos dos cursinhos pré-vestibulares, e alunos que estavam prestes a deixar a universidade, em especial os alunos de Letras e História, uma vez que nestes períodos se podia ter um panorama maior do conhecimento cultural.

Foram distribuídos 1.000 questionários nas escolas : Colégio Atheneu Sergipense, nos turnos diurno e noturno, Colégio Castelo Branco, diurno, Instituto de Educação Rui Barbosa,

[69] O Secretário de Estado da Educação, professor Luiz Antônio Barreto, em 1998, determinou a introdução, na Grade Curricular, da chamada Parte Diversificada das disciplinas, Sociedade & Cultura (da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental) e Cultura Sergipana, na última série do Ensino Médio). Estavam dadas as condições para incluir a temática dos elementos sergipanos na sala de aula.

nos turnos diurno e noturno, Colégio Pio X, diurno, Colégio Salvador, nos cursos Pré-vestibulares, Visão, CCPA, no curso do prof. Hunaldo Alencar, no Instituto de Letras, alunos de vários períodos, dos cursos de História e Letras.

Para a aplicação e coleta de dados, os questionários foram distribuídos nas salas de aulas, com o consentimento dos professores para a execução. Diante dos dados apurados, foram feitas categorização pelo número de respostas e não pelo número de questionários e o resultado foi desestimulador, ou seja, num universo de 4 mil respostas, somente 37 questionários contemplaram respostas corretas.

QUADRO 09- DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE RESPOSTAS
RESPOSTAS EM BRANCO	1.517
RESPOSTAS ERRADS	1.471
RESPOSTAS EXTRAVIADAS	360
RESPOSTAS INCOMPLETAS	282
RESP. CITANDO APENAS UM AUTOR SE.	207
RESPOSTAS IRRELEVANTES	87
RESPOSTAS CAÓTICAS	39
RESPOSTAS CERTAS	37

Fonte: Marques, Núbia Nascimento. Anteprojeto Integrado, 1981.

Diante deste quadro, podemos perceber a desinformação que o estudante sergipano tinha na década de 1980, sobre fatos e figuras representativas da nossa história cultural. O projeto pode verificar que era insignificante o conhecimento cultural do aluno sergipano. Diante da amostra de mil questionários, foi percebido que as instituições responsáveis pela transmissão e inculcação dos valores culturais de Sergipe nada tem feito em favor da divulgação. Desta forma, o Anteprojeto abriu uma sugestão para criação de uma comissão direcionada para os estudos do mesmo, cuja finalidade era a de se incluir no currículo das escolas a disciplina Cultura Sergipana. Quem participaria desse projeto seriam as escolas: públicas, particulares, Universidade Federal e faculdades particulares de Sergipe.

2.4- A ASSISTENTE SOCIAL NÚBIA MARQUES NO CAMPO DE PESQUISA

Na regência da disciplina "Serviço Social da Comunidade" foi desenvolvido um projeto que teve a duração de três anos, o foco da pesquisa foram às pescadoras de sururu. Neste trabalho "Mulheres x Cultura de Subsistência" além de traçar o perfil socioeconômico das catadoras, ela nos traz a lúdica[70], a partir das cantigas que envolvem o processo de catação, tratamento e venda do sururu.

"As cantigas de conteúdo lúdico são entoadas em quadras de quatro versos, sete silabas, com rimas acentuadas na terceira e última, duas rimas raramente perfeitas, às vezes tonantes no segundo e quarto verso"(MARQUES,1999 p.118). Para apresentar a lúdica das cantigas elenquei algumas :

Sacudi papé prá cima
Aparei com a vassoura
Nunca vi moça bonita
Como minha professora. (Santo Amaro/Aracaju)

Lá detrás daquela serra
Tem um ferro enferrujado
Tem um pasto de capim
Prá você e meu cavalo. (Lagarto)

Quem tiver suas filhas moças
Tranque dentro do baú
Pois os rapazes de hoje
Estão piores do que urubu. (Cedro de São João)

Muitas cantigas são comuns nos folguedos folclóricos e nas rodas infantis. Este trabalho foi apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira do Progresso para a Ciência, na 1ª Reunião Regional da SBPC (1984), em João Pessoa, e no II Congresso Mundial de Mulheres Migrantes – Gerações em Diálogo, realizado na cidade de Espinho em Portugal.

[70]A atividade lúdica é artéria central, o cerne, bulbo cerebral da vida criativa. O impulso para o lúdico é instintivo. Sem o lúdico não há vida criativa. (ESTÉS, 1997, p.293).

2.5- A PESQUISA ALÉM-FRONTEIRAS SERGIPE X PORTUGAL : “O LUSO, O LÚDICO E O PERENE”.

Durante sua vida acadêmica, Núbia produziu artigos, ensaios, pesquisas. Todavia, acredito eu, que este livro “O Luso, o Lúdico e o Perene” foi uma obra completa, ou seja, neste livro ela reúne o resultado de uma vasta pesquisa aqui em Sergipe e Portugal, tendo como objetivo a tentativa de explicar a perenidade ancestral, características do folclore e do mundo mágico, presentes em nosso cotidiano. Este livro, segundo a autora, não tem a intenção de esgotar o tema folclore, mais entender o porquê da permanência de certos aspectos da cultura ancestral em eventos da atualidade.

A obra “O Luso, o Lúdico e o Perene”, foi dividida em dois capítulos, onde no primeiro a autora aborda conceitos de folclore, tomando como referência a teoria do inconsciente coletivo e o relacionou como um dos responsáveis da permanência da ancestralidade da cultura em nosso universo cultural. No segundo, a autora abordou a ancestralidade presente nas festividades populares, correlacionando-a com mitos, culto ao fogo e as falofórias acontecimentos remotos místicos e pagãos, tentando explicar a sobrevivência destes fatos em nossos dias.

Ático Vilas-Boas, no prefácio ressaltou:

> Sergipe e o Brasil orgulhar-se-ão deste ensaio, que vem preencher uma das lacunas em nossos estudos folclóricos, dela fazendo, doravante, uma referência obrigatória pelo que tem de sugestiva e estimuladora, além de testemunhar mais uma vez, o amadurecimento científico da pesquisadora a quem tanto devem, o folclorismo, a cultura popular brasileira. (MARQUES,1999, p. 15).

O rastreamento dos indícios do folclore lusitano no Brasil, não é tarefa fácil, portanto, para um melhor delineamento da pesquisa a autora buscou os indícios lusitanos nas cidades interioranas sergipanas que tinham registro das festas do mastro, como em Estância, São Cristóvão, Salgado, Itabaiana, Poço Verde, Muribeca e Capela. Podemos perceber que Núbia Marques buscou comparar o folclore sergipano com o português, e assim, demonstrar as permanências dessa cultura folclórica que foi absorvida pelos sergipanos através da cultura lusa.

Em Capela a escolha da árvore a ser derrubada obedecia a normas especificas:

> No dia 29 de maio, dia de *Corpus Christi*, a comissão escultural do evento vai a mata do junco, fazenda do Sr. Antônio Muniz, para escolher a árvore, que não deve ser muito troncuda, mas com muita copa para suporte dos presentes a serem pendurados nos seus galhos [...], no dia 31 de maio, os festejos começam ao romper da alvorada, no dia 1º de junho, mês dos santos do ciclo junino. Nessa madrugada, ocorre a sarandaia (termo que significa vadiagem, saradangem), um grupo ambulante, numa brincadeira acrescenta a folia em 1949 pelos srs. Ary Cabral Vieira e Paulo Cabral Melo, perambula pelas ruas da cidade ao som do zabumba, ao lado dos bacamarteiros, pedindo nas residências, com o seguinte refrão:
>
> Ô dona de casa
> Saia pra fora
> Que eu quero beber
> Ô dona de casa
> Traga um gelo
> Que eu quero beber
> Hoje 1º de São João
> Traga a cachaça
> Do zabumbeiro.
>
> No dia 27 de junho, há uma missa festiva com fogueteiros homenageando e bacamarteiros [...] No dia 28, a tarde, um homem vestido de baiana, com cesta, de preferência comerciais, pedindo prêmios para serem colocados no mastro, com a arrumação da sarandaia [...]. Na manhã do dia 29, dia de São Pedro há uma concentração na praça do município para o cortejo em busca do mastro. (MARQUES, 1999 p.87).

Núbia confirmou que a "brincadeira de aparente forma moderna, repete rituais seculares, oriundos das festas pagãs trazidas pelos lusitanos e realimentados, anualmente, pela tradição e gosto popular, que tem viabilizado sua permanencia". A influência da cultura lusitana em nosso país é refletida nos padrões de comportamento, que acarreta no reconhecimento da tradição, fortalecimento do regionalismo, demonstrado na identidade cultural.

Em Portugal, no período junino, os mastros são característicos nas festividades. Em várias cidades os mastros são erguidos para as festividades juninas. Em sua pesquisa de comparação e permanência, Núbia destacou:

> Em Portalegre, erguem-se mastros em toda parte, em terras da Maia, no norte do Porto, um poste leva o nome de "Pinheiro de São João", fincado no chão, como tronco decorado, com bandeirolas, flores, tendo

> ao lado os preparos para a fogueira [...]. No sul de Portugal, há os mastros de São João ornamentados com fitas, ponto de convergência das marchas, onde cantam e dançam modas de origem portuguesa.(MARQUES,1999, p.58).

Em relação a sobrevivência do folclore, muitos acreditam no seu fim, pois, com o advento da tecnologia, com a criação de computadores, da internet, houve uma influência maior nas mudanças comportamentais da sociedade.

Em minha pespectiva, acredito na permanência do folclore, ainda que venha sofrer alterações ao longo dos anos, decorrente da globalização. Contudo, acredito que a "identidade cultural possui relação com o sentimento de pertencimento a um conjunto de sentidos e significados que observamos ao longo da vida, que portanto, construimos."(HALL,1999, p.50).

Núbia Marques, acreditava na sua eternidade, pois, o "folclore por seu caráter primitivo e mágico, é uma referência pérpetua que se evidencia quando se evoca os deuses, heróis, sábios e tantos outros arquétipos para explicar e vivenciar os fatos do mundo moderno".(MARQUES,1999).

Esta autora, em seus estudos sobre a cultura e a sua atuação no campo social, demonstrava uma preocupação com a formação dos futuros profissionais e docentes, bem como, a conscientização da comunidade, da importância da permanência cultural arraigada há décadas.

Segundo o historiador e professor Jorge Carvalho do Nascimento, "recontrói-se a trajetória de intelectuais através dos registros", e os registros encontrados de Núbia Marques apontam seu alto nível de conhecimento intelectual e a postura pedagógica exercida por ela em vários momentos e funções executadas, seja como professora, escritora, Assistente Social. Os registros permitiram-lhe ser chamada de intelectual da Educação.

Desta forma Jorge Carvalho do Nascimento afirmou:

> A pesquisa em História da Educação ampliou as possibilidades de estudo a partir da utilização de documentos e fontes não tradicionais. Não apenas a legislação educacional e os relatórios produzidos por governantes e autoridades do ensino, regulamentados, programas de ensino e dados estatísticos constituem um acervo documental legítimo, mas também, outros testemunhos e vestigios deixados pelo homem.(NASCIMENTO, 2007, p 97).

Para Bourdieu "o campo intelectual é entedido como sistema de posições predeterminadas abrangendo, assim como os postos de mercado de trabalho, classes de agentes

providos de propriedades (socialmente constituídas) de um tipo determinado"(BOURDIEU,2005, p.190). Assim o campo intelectual constitui um sistema de linhas de força onde os agentes e as instituições estão em uma relação de força que se opõem e se agregam , em sua estrutura especifica , em um lugar e momento dados no tempo.

Assim, o estudo da trajetória da professora Núbia Marques permitiu compreender aspectos relevantes de sua formação docente e a sua conquista do campo intelectual dentro do ensino superior em Sergipe. A partir deste estudo observei a grandiosidade de suas obras, uma mulher "multmídia", possuidora de uma multiplicidade de talentos.

ENTRE HONRAS E HOMENAGENS REMINISCÊNCIAS DO PASSADO

CONCLUSÃO

Não seja eu
A que mutila
Ou abandona

Não seja eu
A que devora
E aniquila

Não seja eu
a que tranforma a praça
em tocaia e luto

não seja eu
a tornar o momento breve
em grave

não seja eu
a que carrega o vendaval
nos cabelos (Núbia Marques,1975)

3.1- ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS

Em sua trajetória, como professora foi responsável pelos caminhos pecorridos na educação sergipana, mediante sua participação na Faculdade de Serviço Social, foi pioneira. Sendo a primeira mulher adentrar a Academia Sergipana de Letras, possuidora de um acervo de livros, romances, contos e pesquisas educacionais.

Desta forma, ao analisar os escritos de Núbia Marques, realizo a investigação inserindo a intelectual na perspectiva da compreenção feita por Sirinelli (2003) conforme sua posição no jogo de interesses:

> Com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra, de tanto que esta noção e esta palavra evoluíram com as mutações da sociedade francesa. Por esta última razão, é preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções de intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os 'mediadores' culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No

> primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou 'mediadores' em potencial, e ainda outras categorias de 'receptores' da cultura (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Os desafios teóricos- metodológicos para o aprofundamento da investigação, principalmente nos trabalhos que se dedicam aos intelectuais da educação requer a compreenção desses agentes sociais. Núbia Marques era uma mediadora cultural, através da educação ela buscava acrescentar no processo formativo de seus alunos a importância da cultura.

Analisar a obra da intelectual Núbia Marques com o objetivo de retirar as propostas educacionais da imortal, impõe-me a um desafio no campo da pesquisa (auto)biográfica: investigá-la sob uma perspectiva formativa e autoformativa, compreendendo as dimensões epistemológicas da profissão, sob a qual aquela intelectual produziu seu discurso e suas obras.

Nas memórias coletivas revividas a partir dos depoimentos e dos documentos, percebemos que Núbia Marques foi aplaudida pelos feitos na Educação e Cultura sergipana. Pautada no princípio que, através da "[...] memória, o passado não só vem à tona, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora"(BOSI, 1994, p.47), desta forma busquei depoimentos que pudessem confrontar com os documentos e fontes encontradas.

Núbia Marques era uma mulher "guerreira", como muitos a chamavam, conseguiu ingressar em uma vida intelectual intensa e assim mesmo construir uma família sólida e unida. Os quatros filhos que a autora deixou, hoje reverenciam e agradecem todo amor e carinho que ela transmitiu, foi uma educadora por exelência.

Figura 15 – Filhos de Núbia Marques, Núbia (biá), José, Germano e Eneida

Fonte: foto tirada pela pesquisadora em 08/03/2014

No depoimento concedido pela filha mais nova de Núbia Marques, a qual possui o seu nome Núbia Nascimento Marques Filha[71] (biá), pudemos verificar traços da personalidade forte e atuante de Núbia Marques:

> Minha mãe era dinâmica, alegre, extrovertida, gostava de quebrar paradigmas[...]. Ela era uma pessoa que se auto-motivava e isso eu admirava, ela sempre se reinventava, não ficava parada, sofrendo, ia em frente, lutava[...], sempre tinha planos, Ah! Quando ela se aposentou, ficou inquieta, pensando no que fazer, e ela tinha planos de ir para China, pois já tinha conhecido vários países, mas, a China precisava ser bem programado por ser muito caro[...]. Minha mãe costumava reunir

[71] Núbia Nascimento Marques Filha, é psicóloga e mora em Belém do Pará. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff, em Aracaju, em 13 de março de 2014.

> amigos em casa, para conversar, produzir. A casa vivia cheia, ela era muito querida e tinha muitos amigos[...], quanto a nós, filhos, ela nos ensinou a ser unidos, e até hoje nos reunimos sempre, apesar de eu morar em Belém, estamos sempre juntos. (Núbia, chamada de Biá. Depoimento em 2014).

Em jornais onde pesquisei, encontrei vestígios de que Núbia Marques era sim, dinâmica, ela sempre tinha um projeto para fazer, uma ideia a colocar em prática. Contudo, não quero aqui santificar a autora, mais é dificil encontar provas ou indícios de que ela era diferente dos depoimentos que obtive. Desta forma, o que podemos registrar de negativo, se podemos dizer que é negativo, era a sua impulsividade. "Ela era impulsiva, falava o que vinha na cabeça, era direta, gostasse ou não gostasse, ela tinha uma percepção especial para perceber as pessoas", (Núbia (Biá),2014). A acadêmica era direta, se gostava falava se não gostava também falava, era franca e direta.

3.2- HOMENAGENS A NÚBIA MARQUES

> "A morte não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece na memória alheia". (ELIAS, 2001, p.77).

A Academia Literária de Vida, homenageou Núbia Marques, coroando-a como patrona da Academia, que foi fundada por iniciativa de Maria Lígia Madureira Pina, em 20 de dezembro de 1992. Hoje a Academia conta com as sócias Maria Hermínia Caldas, Shirley Maria Santana Rocha, Cléa Maria Brandão, Maria da Conceição Ouro Reis, Yvone Mendonça de Souza, Angela Margarida Torres de Araújo, Adelci Figueredo Santos, Josefina Cardozo Braz, Maria Luiza Prado e Marlaine Lopes de Almeida. Tem como fundamento fomentar a criatividade e o saber entrelaçados pela harmonia.

Outro exemplo de homenagem, foi a colocação do nome da intelectual na Casa Abrigo Núbia Marques, que é uma instituição criada a partir de dezembro de 2002, sendo a casa inaugurada em fevereiro de 2003, a partir de convênio entre a Prefeitura Municipal de Aracaju, por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania-SEMASC (atual Secretaria Municipal de Assistência Social e da Família) e a União Brasileira de Mulheres-UBM. Em janeiro de 2008 a instituição passou a ser administrada pela SEMASC com recursos do Governo Federal, tendo em vista o fim do convênio com a União Brasileira de Mulheres.

Possui o nome da Professora Núbia Nascimento Marques, em homenagem por sua atuação no campo da igualdade de gênero e nos estudos de comunidades de mulheres

trabalhadoras. Núbia, foi exemplo de força, através da realização de denúncias e organização de movimentos pela Anistia em Sergipe, na época da Ditadura Militar.

A Casa Abrigo Núbia Marques é uma instituição de medida preventiva e provisória, cujo objetivo é acolher mulheres em situações de violência doméstica e sob ameaça de morte, juntamente com filhos e filhas de menor idade, num período máximo de três meses. Essa instituição não pode ser divulgada e sua porta de entrada é através de denúncia na delegacia.

O Troféu Núbia Marques foi criado no ano de 2004 e, desde então, reconheceu e coroou o trabalho de profissionais de diversas áreas, como artistas, jornalistas, líderes comunitárias, empresárias, juristas, médicas, atletas, pesquisadoras e servidoras municipais. O evento integra a programação do aniversário de Aracaju. O nome do prêmio é em homenagem à assistente social, jornalista, professora, poetisa e escritora sergipana Núbia Marques, que foi uma intelectual de prestígio, engajada nos movimentos em defesa da anistia, da igualdade de gênero e da democracia.

Infelizmente, tem dois anos que o prêmio não acontece, procurei saber os motivos que levaram ao esquecimento, oficialmente não encontrei respostas. Todavia, acredito que a desmotivação deste evento, esteja ligado a questões políticas/ pessoais, uma vez que houve a mudança de Prefeito e principalmente de Secretaria de Cultura.

Em 2006, Núbia Marques foi homenageada, recebendo o nome de uma escola municipal, sugerida pela secretária municipal e ex aluna Tereza Cristina Cerqueira da Graça, o prefeito Edvaldo Nougueira registrou em seu discurso :

> Precisamos resgatar aqueles que fizeram história. Além de ter se destacado no campo artístico e intelectual, Núbia Marques foi uma importante personagem no cenário político do Estado, tendo atuado no movimento feminista em Sergipe e lutado contra a ditadura militar. “Ninguém melhor do que ela para dar nome a esta nova unidade de ensino", completou o prefeito[...]. A escola de Ensino Fundamental (Emef) Núbia Marques, oferece uma estrutura com 11 salas e quadra esportiva[...]. Lembrou que a educação é fundamental para dar um futuro promissor a milhões de brasileiros que só têm a escola pública como meio de se desenvolver. Ele explicou que a Escola Núbia Marques está instalada onde funcionava o antigo Colégio Coroa do Meio, e que o prédio foi alugado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para melhor atender à comunidade local[...], destacou que a educação continuará entre as prioridades de sua administração. "Exemplo desse empenho é esta nova escola, que funcionará num prédio alugado de um colégio particular bem estruturado, pois

> entendemos que não deve haver diferença entre a qualidade do ensino público e particular e continuamos buscando essa aproximação.”[72]

Segundo a diretora da nova escola, Lucivalda Santos, estão sendo abertas 17 turmas para as três primeiras séries do ensino fundamental. "Vamos procurar dar toda a qualidade de estudo para os pequeninos do bairro Coroa do Meio”.

Figura 16- Escola Municipal Núbia Marques

Fonte: <sait http://novo.swapi.com.br/index.php?act=leitura&codigo=37387> Acesso em: 06 Março

O Decênio da Morte de Núbia Marques, teve uma homenagem especial, as poetisas e amigas de Núbia, lançaram um livro intitulado “Baladas, Palavras e Outonos”, que é a simplificação dos titulos anteriores das obras já publicadas, “Baladas do Inútil Silêncio”, (1965), “Palavras de Mulher” (1979)e “verde Outono”, (1982).

O encarte com o livro, acompanha um DVD com poemas de Núbia Marques, Gizelda Moraes e Carmelita Fontes, que foram recitados por atrizes sergipanas, e um CD com a reprodução integral dos livros publicados em conjunto com as autoras. No livro ainda podemos encontar entrevistas, fotos e reportagens.

[72] Reportagem retirada do < sait http://novo.swapi.com.br/index.php?act=leitura&codigo=37387>. Acesso em: 09 de setembro.

Em 08 de maio de 1998, a Universidade Federal de Sergipe concedeu a Núbia Nascimento Marques, a Medalha de Mérito Cultural.

Em 22 de dezembro de 2011, a Roda de Leitura que é uma iniciativa do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), que visa aproximar público e autores, intermediados por especialistas convidados. O projeto, idealizado pela escritora Gizelda Morais, vem sendo coordenado pela mestra em Análise do Discurso e Técnica do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Roseneide de Santana. O projeto Roda de Leitura é sempre realizado na primeira semana de cada mês, em que são abordados autores contemporâneos; e na terceira semana, em que é discutida a produção literária em Sergipe.

Figura 17- Homenagem a Núbia Marques na Roda de Leitura

Fonte: Disponível em: <http://www.agencia.se.gov.br/> Acesso em: 09 de setembro

A Núbia Marques, também foi homenageada, com a Rua Acadêmica Núbia Marques, que fica situada no Bairro Aruanda na cidade de Aracaju.

3.3- REMINISCÊNCIA DO PASSADO, AMIGOS PRESTAM HOMENAGENS

Quando na qualificação, fui instigada a tecer uma seção contendo homenagens e depoimentos de amigos, parentes, ex-alunos e desafetos, porque não? Aceitei o desafio e comecei a jornada, telefonemas, e-mail, e lá fui eu, passo a passo à procura de reminiscência da autora.

A receptividade dos que conviveram com Núbia, só confirmou o que eu já presumia, ela era querida. No depoimento de seu amigo Jackson da Silva Lima[73], podemos perceber o carinho e admiração por Núbia, uma autora e poeta autêntica.

> Núbia era uma pessoa complexa, complexa no sentido de que, as pessoas tendendo a genialidade sempre têm distoância da normalidade não é, então Núbia era uma pessoa capaz de entender. Era rebelde, não se conformava com injustiça, com preconceitos e tomava as dores de terceiros, diante de alguma injustiça que a praticasse. Essa foi a Núbia que conheci. Eu comecei a conhecer Núbia realmente de perto em 1965, ela lançou um livro em conjunto com Gizelda e Carmelita, "Baladas do Inútil Silêncio" e fui ao lançamento do livro, mas, eu não tinha contato com ela, aproximação. Eu não tinha livro publicado, não era jornalista, eu pesquisava, mais ainda não tinha aflorado. Então em 1967, eu fiz uma pesquisa sobre o poeta José Sampaio e publiquei o livro, um dia, eu passando pelo parque (praça da catedral) eu não falava com ela, não tinha intimidade, e ela do outro lado da diocese gritou, oi você fez bem o seu livro, deu de palmada em José Augusto Garcez, ele fala de obra completa, mas não tem obra completa, gostei do que você fez apareça! Sem intimidade, a partir dai, com essa abertura, ela já era uma mulher conceituada no campo das letras, e eu era mais novo que ela. Então, através de Santo Souza eu passei a frequentar a casa dela. Quinzenalmente ela fazia um lombo e convidava as pessoas para a casa dela, ali na rua Lagarto, nos íamos comer, beber e falar de literatura, assim ela reunia os amigos. Núbia me prestigiou quando eu não tinha respaldo, literário, politico, social econômico. Foi em 1967 que me aproximei de Núbia, nesta época ela lançou "Berço de Angústia", ela era uma pessoa aberta, não tinha preconceito, se a pessoa era pobre, preto, bateu na porta ela recebia, e, casada, isso é importante, porque você sabe a pessoa casada é meio lá meio cá, porque tem que prestar

[73] Pesquisador de campo, gravou milhares de horas de artistas e de grupos populares, formando um acervo que é o maior de todos no Brasil, dedicado ao folclore e à cultura popular. Preparou 8 volumes dedicados ao Folclore, mas só publicou 1, dedicado ao Romanceiro, livro conhecido no mundo culto, pelo número e variedade das versões colhidas por Jackson da Silva Lima, em Aracaju e no interior. Com seu livro de romances ouvidos em Sergipe, o pesquisador levou sua terra e sua gente a figurar nos mais seletos estudos acadêmicos, nos Estados Unidos, na Itália, na Espanha, na França, em Portugal, no México, na Escócia, em outras partes do mundo. Desde que ingressou no magistério, no Ateneu, ainda nos anos de 1960, logo depois de bacharelar-se em Direito, na turma de 1963, que Jackson da Silva Lima, sergipano de Aquidabã, chamou a atenção dos seus alunos, apresentando-os a Tobias Barreto. Disponível em
< http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=67892>. Acesso em: 08 de setembro.

> satisfação ao marido e etc. Mas Núbia recebia a todos, com aquela alegria externa dela, ela era capaz de dar murro em ponta de faca, mas também era macia como uma flor.

Núbia Marques, foi uma intelectual que tinha muitos amigos, principalmente pessoas ligada às letras e cultura, costumava oferecer jantares regados à boa comida e literatura, discutir sobre cultura era o que mais a fascinava. Era com os amigos também que a imortal, brincava, trabalhava e divertia, no passeio a cidade de Simão Dias para visitar a gruta do anão em companhia dos amigos Gizelda Moraes e Jackson da Silva.

Figura: 18 Núbia Marques, Gizelda Moraes e Jackson da Silva

Fonte: acervo particular de Jackson da Silva

Sua rede de sociabilidade no meio cultural sergipano era influente, e sempre era prestigiada nos seus lançamentos.

Figura 19: Amigos no lançamento do livro Berço de Angústia

Fonte: Fotos cedidas pelo historiador Jackson da Silva Lima

No lançamento do Livro "Berço de Angústia", na foto anterior, foi prestigiada pelos artistas e amigos. Primeiro da esquerda Dr. Renato Mazelluca, segundo José Inácio, pintor sergipano renomado, terceiro Hunald Alencar, quarto Amaral Cavalcante, outros vultos não identificado pelo autor.

Quando falamos em homenagens, pensamos em rememorar os feitos dos personagens que pesquisamos, a fim de que este, seja, reconstruído na história. Portanto, a memória é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que contempla o personagem inserido num contexto familiar, social, político.

Na perspectiva Henry Rousso, "seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', as rupturas que são o destino de

toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros". (ROUSSO, 1998, p.94-95).

Desta forma, os depoimentos nos possibilita a reconstrução do passado, trazendo a compreensão individual de cada personagem entrevistado, dentro do seu contexto social, cultural em que viveu, para que possamos compreender o passado. Desta forma Le Goff afirma "A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens". (LE GOFF, 1994, p.477).

Na perspectiva de ativar as memórias e lembranças, entrevistamos Adauto Machado[74]amigo e admirador da imortal, perguntando como ele a define.

> Núbia, eu a defino como gênio feminino da nossa terra, aqui Sergipe del Rei, ela foi primeiro em tudo aqui, na Academia, na escolinha de pintura de arte que ela implantou lá pela década de 1960, na rua Lagarto. Eu me lembro bem, na época eu trabalhava com o ex-marido José Lima numa empresa de anúncios luminosos, e lá eu era desenhista, fazia desenho publicitário, ainda novo, tinha uns 16 anos, e nos momentos de folga eu costumava pintar, desenhar [...], e Núbia, frequentava muito a empresa, e via os meus desenhos, um dia ela falou esse menino vai longe (Adauto fica emocionado). Ela me incentivava, foi uma das pessoas que mais me incentivou, a gente criou uma amizade, fiz capa de livro dela, ela frequentava a minha escola. Como escritora e poeta ela foi fantástica, cheia de ideias, na arte, na pintura, no entanto, ela não era tão forte como na literatura, mas na arte da pintura ela tinha qualidade (MACHADO, 2014).

Núbia Marques, marcou a vida de muita gente, ela tinha um olhar clínico e uma percepção para diagnosticar talentos, além de ser percebida pelos pares e amigos, como determinada e com uma personalidade muito forte. Desta forma na busca de colher depoimentos sobre a personalidade de Núbia, encontrei sempre o mesmo diagnóstico, ela era vista como uma mulher guerreira, batalhadora e engajada com o social e o cultural.

---

[74]" **A**dauto Machado nasceu em Nossa Senhora das Dôres, Sergipe - Brasil, em 1950. Aos 14 anos de idade, mudou-se para Aracaju, iniciando o contato com artistas da época. Aos 16 anos já trabalhava como desenhista publicitário, mas o seu grande desejo era tornar-se artista plástico. No início da década de 70, passou a morar na Bahia onde teve a oportunidade de conhecer vários artistas de renome. Cerca de um ano depois permaneceu por um curto período no Rio de Janeiro e em seguida partiu para a França, residindo, durante 4 anos em Paris. Retornou ao Brasil em 1976 e algum tempo depois foi morar durante um ano e meio em Manitoba, no Canadá. Regressando ao Brasil, fixou-se em Aracaju, onde montou seu atelier de pintura. Desde que se iniciou nas artes plásticas, Adauto, realizou inúmeras exposições individuais e coletivas não só em cidades onde morou, mas também, em outros locais dentro e fora do Brasil. Sua obra encontra-se espalhada em diversos países e atualmente seu contato com colecionadores é feito principalmente via Internet". Disponível em <http://www.aracaju.com/galeria/adauto/>. Acesso em: 06 de março.

No depoimento de Germano[75] destacamos o amor e respeito, ela era uma mãe presente:

> Mamãe era uma pessoa que estava além da época. Uma mulher guerreira, justa, batalhadora, uma mãe presente. Defendia nas suas obras o papel da mulher na sociedade o seu compromisso era com a verdade, a justiça social, igualdade de direitos e um mundo mais justo com os menos favorecidos. Sim, sempre pensava em produzir, escrever, criar [...], sua mente era muito dinâmica, muito. Às vezes, achava que fora de Sergipe tinha maior reconhecimento. Não quis ser velada na ASL, pois não queria discurso depois da sua morte, ela deixou no testamento.

Para que sua história fosse escrita, procurei analisar as fontes dialogando com os documentos e leituras possíveis, capaz de sustentar as informações extraídas dos depoimentos, textos impressos, fotos. Em relevância a importância da memória Ana Chrystina Venâncio Mignot constatou:

> O conjunto dos depoimentos, do baú de memórias, carregava uma simultaneidade de trajetórias, vozes que compunham "melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisações". Como "lugar de memória" – funcionou como depositário do processo de construção da identidade profissional. Lugares de memórias – assim como a identidade – não são lineares, monolíticas. Encerram esquecimento, exaltação e silêncio. Contraditoriamente, quebram, relativizam, rompem com eles. (MIGNOT, 2002, p. 51-52).

Na perspectiva de fuçar o baú das memórias, recolhi depoimentos de parentes, amigos, colegas de trabalho, intelectuais, artistas, muitos se calaram, não quiseram recordar, relembrar. Ana Medina foi ex-colega de trabalho de Núbia Marques, quando ela era presidente DCPH, Ana Maria do N. Fonseca Medina era diretora do Museu na cidade de Laranjeiras, e confirma a personalidade forte de Núbia.

> Núbia sempre foi uma mulher dinâmica, incansável na luta por novas conquistas no terreno cultural e educacional. Não participei desse tempo, pois entrei na Academia muito depois, ela foi a primeira mulher a ingressar e abriu excelentes oportunidades para que outra entrassem também. Como escritora, poeta e artista plástica conquistou o respeito dos intelectuais pela sensibilidade e pela coragem na abordagem dos

[75] Germano Nascimento Marques, filho de Núbia, é engenheiro agrônomo, casado e tem dois filhos. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff em 30/03/2014.

> temas. Acho que foi uma mulher incansável, batalhadora, vanguardista, às vezes polêmica, mas muito comprometida com os princípios e os valores que a seu juízo eram corretos (FONSECA,2014).

Em todos depoimentos que recolhi, a exaltação da personalidade forte da autora, é lembrada, e me fez acreditar que Núbia Marques conseguiu marcar época e fazer a sua história. Desta forma para que esta pesquisa pudesse se desenvolver, amparada pela fundamentação teórica, foi preciso reformular questões, compreender o passado em seu contexto. As memórias extraídas dos depoimentos possibilitou um entendimento claro e conexo, do quebra-cabeça que é reconstruir uma história.

Por isso, reconstruir a história de Núbia Marques, sua memória, foi um quebra-cabeça que se tornou interessante, pois, sua vida se apresentava clara para uma mulher que transcendeu o horizonte do masculino e se fez mulher, escritora, poetisa, professora, romancista, que lutou pelos direitos das pessoas injustiçadas, se preocupou com o folclore, com a cultura do Estado, se destacou em uma sociedade machista, incomodou. Características que se apresentaram com sua preocupação em guardar as memórias, principalmente de personagens que tiveram destaque na sociedade sergipana, que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do Estado. A professora imortal, indignada pelo esquecimento da UFS em homenagear[76] o ex-reitor João Cardoso, declarou em uma matéria no jornal da Manhã, da necessidade de construção de um setor voltado à memória na UFS, ela destaca:

> Lamentavelmente Dr. João Cardoso não estava presente aos 20 anos de sua filha que, nas suas comemorações, não o incluiu entre os homenageados, fato possível de reparos e precisa ser reconsiderado. A Universidade Federal de Sergipe, já não é sem tempo, necessita criar o setor de sua memória para que sejam lembrados e homenageados os que deram parte de sua vida a universidade, designando nomes de ruas e pracinhas da Cidade Universitária Dr. Aloisio de campos aos citados. Não apenas isso, mas uma sala para contar sua história. (MARQUES, Núbia. 1988, p.19-20).

Núbia, também se preocupava com a preservação da memória dos personagens que contribuíram para a construção da história sergipana. Lembrar, e serem homenageados, seriam uma consequência normal, ou seja, uma questão de gratidão e reconhecimento.

[76] Artigo escrito por Núbia Marques no Jornal da Manhã, data 19 e 20 de junho 1988. Em anexo

Ao reconstruir esta trajetória, evidenciei as contribuições prestadas pela professora Núbia Marques à educação sergipana. Tracei o seu perfil como poetisa, escritora, professora e romancista, as qualidades de uma mulher engajada com o social, preocupada com a cultura. Efervescente nas suas ações, desarmava seus desafetos, possuidora de um dinamismo que a destacava das outras mulheres. Não encontrei inimigos que a desfavorecesse quanto aos seus atos educacionais e profissionais.

Núbia Marques foi uma escritora por excelência, escreveu poesia, romance, contos, ensaios, publicou em jornais, sempre estava engajada em algum projeto. Desta forma cataloguei suas obras publicadas que são:

QUADRO 10: OBRAS PUBLICADAS

Na poesia

Um Ponto e Duas Divergentes, Ed. Livraria Regina Ltda, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1959

Dimensões Poéticas, Ed. Livraria Regina Ltda, Aracaju, Sergipe, Brasil 1961

Baladas do Inútil Silêncio – livro coletivo com Gizelda Morais e Carmelita Fontes, Ed. Salvador Artes Gráficas, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1964.

Máquinas e Lírios, Ed. Labor, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1971.

Geometria do Abandono, Editora do Escritor, São Paulo, Brasil, 1975.

Verdeoutono – livro coletivo com Gizelda Morais e Carmelita Fontes, Ed. J. Andrade, Aracaju, Se, Brasil, 1983

Todo Caminho é um Enigma, Belo Edições & Arte coleção

Poemas Transsatlânticos , Ed. Atrio, Lisboa, Portugal, 1997.

Ensaios

João Ribeiro, O Poeta – ensaio- Ed.da Secretaria da Educação, Cultura e Saúde, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1960.

Sinuosas em Carne e Osso – crônicas- Ed. Livraria Regina Ltda, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1962.

Pesquisa de Fatos Folclóricos – ensaio- Ed. SEC, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1972

Pesquisa de Fatos Folclóricos – ensaio- Ed. SEC, Rede Escolar do Estado de Sergipe, Aracaju, Sergipe, 1973

João Ribeiro Sempre. Ensaio – Universidade Federal de Sergipe.1996.

Aspectos do Folclore em Sergipe – Prefeitura Municipal de Aracaju- Academia Sergipana de Letras (pesquisa na área do folclore), 1996.

Mulheres x Cultura de Subsistência – Universidade Federal de Sergipe, 1983.

A Presença de Fernando Pessoa. (Entretexto) Unigráfica. Aracaju, Sergipe, Brasil, 1988.

Romances

Berço de Angústia, Ed. Gráfica Tietê, São Paulo, Brasil,1967.

O Passo de Estefânia, 1ª Edição, Ed. Achaminé, Rio de janeiro, Brasil, 1980.

2ª Edição, Ed. Achaminé, Rio de janeiro, Brasil, 1980.

3ª Edição, Ed. Achaminé, Rio de Janeiro, Brasil, 1980.(Este romance foi traduzido para o Alemão por Margit Klinger Clavijo, com o título, Stefania, Ein Frauenschicksal – Instituit Fur Brasilienkunde-Verlag Mettingen.)

Dente na Pele- contos- Ed. Achaminé, Rio de Janeiro, Brasil, 1986.

O Sonho e a Sina – romance – Ed. Umberto Calderaro Ltda, Manaus, Amazonas Brasil, 1992.

Organização de livros

Contos e Contistas Sergipanos – Ed. Subsecretaria de cultura e Arte, Aracaju, Sergipe,1979.

Panorama da Poesia em Sergipe – Organização e supervisão. Clube Sergipano de poesia, 1961.

Livros Biograficos

Caminhos e Atalhos. Àlbum Histórico da vida Literaria. Habitacional Construções. SEGRASE, 1997.

Do Campo a Metrópole, G. Barbosa na Macroeconomia Nordestina (biografia histórica). Grafica J. Andrade, 1999.

Fonte: Retirado do livro O Luso, o lúdico e o perene, 1999.

E por fim, concluir este trabalho pensando que poderia ir além, esmiuçar cada Núbia, a poetisa, a escritora, a professora, a Assistente Social, a escritora, a acadêmica. Percebi que a Biografia é descrever a trajetória única de um ser único, traçando seu perfil reconstruindo suas memórias, eternizando seus atos e feitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste trabalho, percebemos a necessidade que Núbia Marques tinha em reunir seus trabalhos e produzir suas memórias, reconstruí-los através da sua escrita. Por meio de seus poemas, contos, romances, discursos, artigos para jornais, projetos de pesquisa na área educacional,como também o papel do profissional de Serviço Social.

Era na escrita, que a imortal transbordava seus sentimentos, medos e alegrias, pontuava as representações significativas em sua trajetória literária e atuação profisional.

Núbia Marques, tinha a intencionalidade de eternizar seus registros. Uma prova desse feito foi a publicação do livro "Caminhos e Atalhos", onde a autora reune as principais obras publicadas ao longo de sua trajetória, o livro discorre sobre os principais poemas, textos de ficção e romance, Núbia contou com a participação de vários autores que leram suas obras e deram o seu crivo, a obra é escrita em portugues e inglês, com a intenção de ser publicado fora do país. Foi possivel identificar, na fala de Eneide Marques[77], que nesta publicação a autora tinha o desejo de transpor as fronteiras além Brasil, ela queria que seus escritos tivessem repercursão internacional.

> Mamãe escreveu este livro, com suas principais obras, além de fotos e registros pessoais, é um livro que registra sua atuação literaria. Mamãe mandou uma cópia para vários países, e meu primo constatou que na Alemanha, na Biblioteca Nacional, realmente constava uma cópia do livro Caminhos e Atalhos. Ela era dinâmica, quando colocava uma coisa na cabeça. (MARQUES, ENEIDA, 2014).

Analisar as obras da intelectual Núbia Marques, com o objetivo de extrair as propostas educacionais da autora não é tarefa facíl, uma vez que o historiador deve manter um distanciamento do objeto, e deixar as paixões de lado. Portanto, através desta pesquisa verificou-se, não só a trajetória de Núbia Marques no campo educacional, mas a difusão de suas práticas pedagógicas voltada para a valorização da cultura sergipana. Dentro deste percurso, além de analisarmos suas contribuições para a educação, fizemos uma viagem a sua formação acadêmica, a fim de entender os caminhos escolhidos pela autora.

[77] Eneida Marques, é a filha mais velha de Núbia Marques, hoje ela é a responsável pelas obras da mãe.

Compreender a escrita da História, é portanto, tecer esforços, para distinguir os caminhos que levaram seus relatores a tecer suas teias, a experenciar suas tramas, a tentar desenrolar seus fios no meio das tensões sociais, políticas, econômicas e culturais, nas quais se insere num tempo e espaço investigados. Sabendo que no decorrer da escrita há deslocamentos que direcionam a interpretação do narrador, por isso compreendo que a história como um processo narrativo é marcado por escolhas.

Desta forma se a "História é filha de seu tempo", as formas de narrativa e o diálogo com esses modos de escrita/ ou registro também são dotados de perfis que se produzem a partir de um "conjunto de utensilagens mentais" (CHARTIER, 2009), compreendidos em lugares distintos.

Na busca de saber as contribuiçoes de Núbia para a educação, procurou-se entrelaçar durante a construção da dissertação, a análise dos documentos oficiais, registros fotográficos de acervos particulares, livros, e os depoimentos de algumas pessoas. Fontes essenciais para que a pesquisa tomasse corpo, e principalmente ajudou a compreender a trajetória do personagem abordado, reconstruindo seus passos, no tempo e espaço estudado.

Nos fios que se entrelaçavam, encontramos indícios que respondem a todos os questionamentos proposto neste estudo. Nesse sentido, a compreenção de como Núbia Marques conquistou a possibilidade de atuar nos espaços públicos definidos como masculinos? Nos revelou que não foi tarefa fácil, romper paradigmas e quebrar padroões, precisou de muita persistência e atitude. No caso de Núbia, sua forte personalidade a ajudou a enfrentar qualquer barreira para conseguir o que queria.

Sua entrada para a Academia Sergipana de Letras, se deu após a abertura do regimento interno da Acadêmia Brasileira de Letras, em 1976, a qual permitiu a presença feminina, admitindo assim Raquel de Queiroz, que foi a primeira mulher a fazer parte desta agremiação. Aqui em Sergipe, os indícios mostram que, somente com essa mudança no regimento interno da ABL, foi que a Acadêmia Sergipana de Letras aprovou a candidatura de Núbia Marques em 1978. Desta forma, compreendemos o fracasso de sua primeira tentativa de ingresso em 1976, puramente pelo fato dela ser mulher, pois, na época a ASL, seguia os padrões e modelo da ABL, que tinha seu regimento nos padroes francês.

Compreender aspectos da escolarização e atuação profissional de Núbia Marques, através de uma abordagem biográfica, constituiu-se num trabalho de relevância para se compreender o que ela representou para a educação sergipana e como ela era vista pela sociedade local? A partir de jornais, depoimentos, pudemos perceber que a autora tinha uma rede de sociabilidade

generosa, ela possuía uma notoridade social, e reconhecimento dos pares na rede cultural onde transitava. Os livros e cargos públicos que ocupou lhe conferiram legitimidade.

As contribuições para a educação sergipana deixadas por Núbia Marques, estão voltadas para a valorização da cultura sergipana. Deste modo, empreitou projetos que viabilizassem o conhecimento do folclore local, lançou projetos, pesquisas, livros, artigos, direcionados aos alunos, com o intuito de conhecerem mais de suas raizes.

Portanto, o Anteprojeto Integrado foi uma pesquisa educacional nas escolas de Aracaju, a fim de saber o grau de conhecimento dos alunos das redes estaduais e particulares, sobre a cultura sergipana. A partir do resultado desta pesquisa, foi possível ter um panorama da falta de conhecimento destes alunos sobre a cultura sergipana. Esta pesquisa tinha a finalidade de incluir no currículo das escolas a disciplina Cultura Sergipana.

A partir do momento em que já estava estabelecida no campo profissional, fez do espaço institucional onde trabalhou, o lugar propricío para desenvolver atividades relacionadas ao universo cultural. O livro o 'Luso, o Ludico e o Perene" foi uma contribuição significativa, para firmar o caráter de cientificidade, dos conhecimentos produzidos na sua pesquisa sobre as permanências culturais, folclóricas, entre Portugal e Sergipe.

Quanto as reminiscências de como viveu e é lembrada, são atribuídas as homenagens que recebeu, reafirmando um espaço conquistado. Tendo em vista o exposto, percebemos que, embora Núbia Marques tenha contribuído enormemente para um novo pensamento e um novo olhar sobre a questão feminina, de ocupar espaços, e quebrar paradigmas, conseguindo o pionerismo em muitas facetas. Sua atuação profissional, como educadora da cadeira de Serviço Social, possibilitou uma aproximação com cientificidade, que lhe garantiu a legitimidade diante dos títulos acumulados. Mestre, escritora, poetisa, romancista, agente cultural, são atributos da autora, conquistados ao longo de sua carreira profissional.

Portanto, esta investigação conduziu-nos, ainda, a identificar os caminhos possíveis percorridos para as mulheres adentrarem no universo das elites culturais, bem como, o reconhecimento da posição de intelectual que Núbia Marques conquistou na sociedade sergipana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. de. **Mulheres na escola**: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev.1996.

ALMEIDA, Jane. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Unesp 1998.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. Leyda Regis . São Cristóvão. 2007 (Dissertação de Mestrado).

AZEVEDO, Fernando de. "As origens das instituições escolares". In: **A Cultura brasileira.** Parte III – A transmissão da cultura 6º Ed. Brasília: Editora UNB, 1996, p.545-6001.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. In FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo. **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p.33-46.

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional** – um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista: INFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999.

BOURDIEU**,** Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão biográfica, In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.183-200.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte:** Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva 1974.

BOURDIEU, Pierre. **O capital social**. Notas provisórias; In: NOUGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.) Pierre Bourdieu – escritos de educação. 2ª edição. Petrópolis. Ed. Vozes, 1998, p 65 –70.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora cultrix ,1994. p.111.

CASTANHO, Sergio. 2000. **Questões teórico-metodológicas de História Cultural e Educação.** In: Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro: SBHE.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis. **De feiticeiros a comunistas: acusações contra o Candomblé**. Comunicação à Reunião Anual da SPBC, 1982.

DANTAS, Beatriz Góis. **A organização econômica de um terreiro de Xangô**. In: Religião e sociedade, nº. 4. Rio de Janeiro, Iser, out. 1979. DANTAS, Beatriz Góis.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. V.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do Estado e Civilização. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos:** seguido de envelhecer e morr**er**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001.

ESTER, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**. Tradução Wanderleia Barcelos. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1997.

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e Fardões Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897 – 2003)**. São Paulo: Universidade Federal São Paulo (USP), 2009 (Tese de Doutorado).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade** . In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura escolar: da migração do conceito a sua objetivação histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo. **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p.17-32.

FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A Revista Renovação e a Educação da Mulher Sergipana. **Cadernos UFS – História da Educação,** v. 5, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A História da Educação em Sergipe e as mulheres diplomadas. In: **SEMANA DE HISTÓRIA**, 7. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – Centro de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p. 131-141.

_____. Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950). Campinas: Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas, 1995. (Dissertação de Mestrado), p. 112.

_____. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Faculdade de educação, UNICAMP, 2003b (Tese de Doutorado em Educação).

FUNARI, Pedro Paulo. **Fontes documentais:** uso e meu uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (Org). Fontes Históricas. 2ª Ed. – São Paulo: contexto, 2010. p.23-80.

GONÇALVES, M.V. **Trajetória do curso de serviço social em Se**: 1954 – 1982. In: cadernos da UFS (publicação do Departamento de Serviço Social UFS vol 1 (2004) São Cristóvão. Editora da UFS.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas: Editora Autores Associados, nº 1 janeiro/junho. 2001, p. 9-43.

LE GOFF, Jacques. "Memória". In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

LE GOFF, Jacques. **São Luís** – Biografia. 3ª Edição. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2002, p.20.

LOURO, Guacira Lopes. In: PRIORE**,** Mary Del, **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural:** a pesquisa em história da educação. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira.1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

LIMA, Maria do Socorro. **República, Política e Direito**: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado).

LIMA, Solyane Silveira . **A casa maternal Amélia Leite (1947-1970)**. 1ª. ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2014. v. 1. 143p .

MARQUES, Núbia Nascimento. **Todo Caminho é um Enigma**, Belo Edições & Arte-coleção, 1997.

MARQUES, Núbia Nascimento. **Caminhos e Atalhos**. 1997, Aracaju. Habitacionais Construções S.A, SEGRASE.

_____ **Um ponto e Duas Divergentes**, Ed. Livraria Regina Ltda. Aracaju, Sergipe, Brasil, 1959.

_____ **Dimensões Poéticas**, Ed. Livraria Regina Ltda. Aracaju- Sergipe, Brasil, 1961.

_____ **Baladas do Inútil Silêncio** – livro coletivo com Giselda Morais e Carmelita Fontes – Ed. Salvador Artes Gráficas, Aracaju, Sergipe, Brasil.1964.

_____ **Geometria do Abandono**, Editora do Escritor, São Paulo, Brasil, 1975.
_____ **Verde Outono** – livro coletivo com Giselda Morais e Carmelita Fontes – Editora J. Andrade, Aracaju, SE, Brasil,1983.

_____ **Pesquisa de fatos Folclóricos** – Ensaio Editora. SEC, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1972.

_____ **Pesquisa de Fatos Folclóricos** – Ensaio – Ed. SEC- Rede Escolar do Estado de Sergipe, 1973.

_____ **João Ribeir**o, O Poeta – ensaio- Ed. Da Secretaria da Educação, Cultura e Saúde, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1960.

MATOS, Luana Silva Boamorte de. **Patrimônio Cultural educação**: um estudo das representações sobre educação patrimonial desenvolvida em Aracaju-SE (1985-1991) Dissertação de Mestrado. São Cristóvão, 2013.

MELO E SOUZA, Gilda de. **O Espírito das Roupas:** a moda no século dezenove: São Paulo: Editora Schwarcz, 1996.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de Memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista, 2002.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A Cultura Ocultada**. UEL. Londrina: 1999.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Discurso de posse na cadeira 34,** da Academia Sergipana de Letras, no dia 13 de julho de 2000. In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho; BARRETO, Luís Antônio. **Cultura**: discursos acadêmicos. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 2000.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Intelectuais de educação**: Silvio Romero, José Calasans e outros professores. Maceió: EDUFAL, 2007.

_____ **Historiografia educacional sergipana:** uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão, 2003.

NUNES**,** Maria Tétis**. História da Educação em Sergipe.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju, Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe. Universidade Federal de Sergipe, 1984.

NUNES, Clarice. **Anízio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista: EDUFS, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** 2ª ed.São Paulo : Contexto 2005.

PRIORE, Mary Del, **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2009.

QUEIROZ, Rachel de. **Coleção melhores crônicas**. São Paulo, 2002, Global. Apud, FANINI, Michele Aamar. **Fardos e Fardões**: Mulheres na academia brasileira de Letras (1897-2003). Tese de Doutorado. 2009, São Paulo.

RAGO, Margareth. E se Nietzche tivesse razão? A categoria do gênero no pós-estruturalismo. In: SCAVONE, Lucila (Org.) **Tecnologias reprodutivas**: gênero e ciência. São Paulo: UNESP, 1996.

_____Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Org) **Masculino , feminino, plural:** gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 1998.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza**. A dança das cadeiras:** literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896 – 1913). Campinas. Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

ROUSSO, Henry. "**A memória não é mais o que era**". In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nos três primeiras décadas do século XX**: uma analise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe UFS, 2009 (Dissertação de Mestrado).

SIGNER**,** Rina. **Academia Brasileira de Letras:** nacionalismo a francesa. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras Moderna da USP. São Paulo, 1998.

SIRINELLI, Jean Francois. **Os intelectuais.** In REMOND, René (Org.) Por uma história politica, Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996, p. 248.

SILVEIRA, Jussara Maria Viana. **Da medicina ao magistério**: aspectos da trajetória de João Cardoso nascimento Júnior. São Cristóvão. 2008.p.292.

SIRVENT, Maria Tereza. **Educação comunitária**. São Paulo. Ed. Brasiliense. p. 261.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça**: um escolanovista sergipano. São Cristóvão: Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2003.

SOUZA, Eliseu Clementino (Org). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Autobiografias, história de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre. EDIPNCTS, 2006, p. 45-160).

SOUZA, Eliseu Clementino de. **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA**,** Eliseu Clementino de & ABRHÃO, Maria Helena Mena Barreto (Orgs.). **Tempos, Narrativas e Ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Rosa Fatima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial, In: BRNCOSTA, Marcus Levy. (Org) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

TELLES, Norma. In: PRIORE, Mary Del, **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

TELLES, Norma. **Escrita, escritoras, escrituras**. In PRIORE, Mary Del, História das Mulheres no Brasil (Org). São Paulo: Contexto 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonora Maria. Sobre Cultura Escolar e História da Educação: questões para debate. In: VIDAL, Diana Gonçalves Bueno; SCHWARTZ, Cleonora Maria. (Org.) **História das culturas escolares no Brasil.** Vitória: SBHE; EDUFES,2010. p.13-35. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil, v.I).

DOCUMENTO OFICIAIS

Oficio 72 do arquivo da Escola Normal Ruy Barbosa, diário oficial 11/03/1970.

Oficio 57 do arquivo da Escola Normal Ruy Barbosa em 29/11/1966.

Processo 3455/74 Portaria de afastamento. Arquivo central UFS.

Oficio nº 123/76, oficio nº185/77. Arquivo central da UFS.

JORNAIS

A Cruzada, 04 de maio de 1968.

Gazeta de Sergipe, 18 e 19 abril 1982.

Gazeta de Sergipe, 12 e 13 dezembro de 1982.

Gazeta de Sergipe, 17 de março 1978.

Gazeta de Sergipe, 28 de agosto de 1999.

Jornal CINFORM, 28 de agosto de 1999.

Jornal da Cidade, 28 de novembro 1999.

Jornal da Manhã, 19 e 20 de junho de 1988.

FONTES ELETRÔNICAS

www.aracaju.com/galeria/adauto. Acesso em 16 de março de 2014.

www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=67892. Acesso em 15 de outubro de 2013.

www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44716&titulo=Luis_Antonio_Barreto. Acesso em: 16 de dezembro de 2013.

www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44716&titulo=Luis_Antonio_Barreto>. Acesso em 16 de dezembro de 2013.

www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44237&titulo=Luis_Antonio_Barreto Acesso em 16 de dezembro de 2013.

www.beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/historia-da-gararu.html Acesso em 02 de julho de 2013. www.infonet.com.br. Acesso em 30/10/2013.

www.infonet.com.br>. Acessado em: 02 de setembro de 2013.

www.abepss.org.br. Acessado em: 09 de outubro de 2013.

www.antoniolindvaldosousa.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-com-historiadora-terezinha.html> Acesso em: 09 de outubro de 2013.

www.basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=902&Itemid=1. Acesso em 15 out. de 2013.

www.novo.swapi.com.br/index.php?act=leitura&codigo=54100. Acesso em 15 de out. 2013.

www.cp2.g12.br/blog/perspectivasociologica/edicoes-anteriores/jan-jul-2011>. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

ENTREVISTADOS

LIMA, Jakson da Silva. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 21 de março.

LIMA, Maria da Salete de Alburquerque. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 21 de março.

MACHADO, Adauto. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 22 de março.

MARQUES, Eneida. 2013. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 14 de outubro.

MARQUES, Germano. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 30 de março.

MARQUES, Núbia Filha. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 14 de março.
MATOS, Aydê. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 25 de março.

MEDINA, Ana. 2014. Entrevista concedida a pesquisadora Elaine Almeida Aires Melnikoff no dia 27 de março.

APÊNDICES

PERGUNTAS FEITAS AOS ENTREVISTADOS

1- Como você define Núbia Marques?

2- Núbia Marques reunia amigos e intelectuais em casa?

3- Núbia Marques era critica com as suas obras?

4- Núbia Marques discutia a intelectualidade em casa?

5- Núbia Marques era partidária?

6- Como educadora como você a define?

7- Como foi o pleito de Núbia Marques na Academia Sergipana de Letras?

8- Lições que deixou?

9- O que Núbia Marques planejava para o futuro?

10- Como você define Núbia Marques como gestora do DPHC?

ANEXOS

ANEXO A - ACADÊMICOS DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

CADEIRA	PATRONO	FUNDADOR	ACADÊMICO ANTECESSOR	ACADÊMICO ATUAL
01	Tobias Barreto de Menezes	Antônio Garcia Rosa	Antônio Garcia Filho	José Lima Santana
02	Silvio Vasconcelos da Silveira R. Romero	José Magalhaes Carneiro	Felte Bezerra	Eduardo Antônio Conde Garcia
03	Fausto de Aguiar Cardoso	Cleônemes Campos de Oliveira	-	José Santo Souza
04	Francisco Leite de Bitencourt Sampaio	José Augusto da Rocha Lima	Emanuel Franco	Marcoa Almeida Santos
05	Ivo do Prado Montes Pires da França	Antônio dos Santos Cabral	José Silverio Leite Fontes	Luzia Maria da Costa Nascimento
06	Gumercindo de Araújo Bessa	Gilberto de Lima Azevedo Souza A. Farias	Amado de Farias	José Amado de Nascimento
07	Manuel Courvelo de Mendonça	Ranulfo Hora Prata	Luiz Pereira de Melo	Clara Leite de Rezende
08	Felisbelo Firmo de Araújo Freire	Manoelito Campos de Oliveira	Luiz Magalhães	Clodoaldo de Alencar Filho
09	Maximinio de Araújo Maciel	Rubens de Figueredo Martins		José Abud

10	Eliziário P. Lapa Pinto	Artur Gentil Fortes	Severino Pessoa Uchoa	Hunald Fontes de Alencar
11	Francisco Antônio Carvalho Lima Jr	Luiz José da Costa Filho	José da Silva Ribeiro Filho	Wagner da Silva Ribeiro
12	Severino Maurício Cardoso	Carlos Camélio Costa	1-Renato Maze Lucas, 2- José Maria Rodrigues Santos 3- Acelino Pedro Guimarães	Aglaé d"Avila Fontes
13	Frei José de Santana Cecília	Clodomir de Souza e Silva	1- João Freire Ribeiro, 2- Urbano Lima de O. Neto	Gizelda Santana de Moraes
14	Horácio Pereira Hora	Manuel José Santos Melo	João Evangelista Cajueiro	Luiz Eduardo da Costa
15	Manuel Armindo Cordeiro Guaraná	Helvécio Ferreira de Andrade	1-João Batista Perez Garcia Moreno	Francisco Guimarães Rolemberg
16	Pedro de calazans	Hermes Flavio Bartolomeu Martins de A. Fontes	1-Exúpero de Santana Monteiro,2- Aberlando Romero 3- Ofenísia Soares Freire	Ana Maria do N. Fonseca Medina
17	Ascendinio Ângelo	Manoel dos Passos Oliveira Teles	Mário de Araujo Cabral	Domingos Pascoal

18	Vigario José Gonçalves Barroso	D. Mario de Miranda Vilas-Boas	D. Luciano José Cabral Duarte	D. Luciano José Cabral Duarte
19	José Antônio Pereira Barreto	João Pires Wynne	Jorge de Oliveira Neto 2- João Evangelista Cajueiro	Jacome Góes da Silva
20	José Luiz Coelho e campos	Alfeu Rosas Martins	Jorge de Oliveira Neto	José Andersom Nascimento
21	Francisco Antônio vieira Caldas Jr.	Joaquim mauricio Cardoso	Eunaldo Costa	Bemvindo Sales de Campos Neto
22	Martinho Cesar da Silveira	João Passos Cabral	José Augusto Garcez	João Alves Filho
23	Ciro Franklim de Azevedo	Joaquim Prado Sampaio Leite	1-Francisco Leite Neto, 2-Gonçalo Rolemberg Leite 3-Luiz Antônio Barreto	Jouberto Uchoa
24	Pedro Ribeiro Moreira	Júlio Ferreira de Alburquerque	1-Josué Silva, 2- D. José Brandão de Castro	João Oliva Alves
25	Antônio Dias de Barros	Antônio Manuel de Carvalho Neto	Manuel Cabral Machado	Vladimir de Souza Carvalho
26	Mons. Antõnio Fernandes da Silva	Florentino Teles de menezes	José Sebrão sobrinho	Luiz Carlos Fontes de Alencar

27	Manuel Luis azevedo de Araujo	Benedito da Silva Cardoso		Maria Ligia Madureira Pina
28	Conselheiro Salustiano Orlando de Araujo	Gervásio de Carvalho Prata		Artur Oscar de Oliveira
29	Jackson de Figueredo Martins	Aberlado Cardoso	1-Mons. Domingos Fonseca Almeida , 2 Luiz Rabelo Leite	Estácio Bahia Guimarães
30	José Jorge de Siqueira Filho	Enoch Matusalém Santiago	José Olino Oliveira Lima	Luiz Fernando Ribeiro Soutelo
31	José Maria Gomes de Souza	José esteves da Silveira	Filadelfo jonatas de oliveira2- Valter Cardoso	Marcelo da Silva Ribeiro
32	Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro	Edison de Oliveira Ribeiro	João Seixas Dória	Patrícia Verônica Nunes Sobral de Souza
33	Manuel joaquim de Oliveira Campos	Humberto Olegario Dantas	João fernandes de Britto	Carlos Augusto Ayres de Freitas Brito
34	Manuel Ladislau Aranha Dantas	Olegário Ananias silva	1-Clodoaldo de Alencar, 2- Núbia Nascimento Marques	Jorge Carvalho Nascimento

35	José Lourenço de Magalhães	Augusto Cesar Leite	João Gilvam Rocha	Marlene Alves Calumby
36	Bricio Mauricio de Azevedo Cardoso	Hunald Santa Flor Cardoso		Acrisio Torres de Araujo
37	José Joaquim de Oliveira	Pedro Sotero Machado	Luiz Garcia	José Giltom Pinto Garcia
38	Guilherme Pereira Rabelo	Marcos Ferreira de Jesus		Carmelita Pinto Fontes
39	Joaquim Martins	Zozimo Lima	Orlando Dantas Maria Thetis Nunes	Antônio Amaral Cavalcante
40	Baltazar de araujo Góes	Ephifânio da Fonseca Dorea e Menezes	Ariosvaldo Figueredo	Marcos Melo

Fonte: Revista da ASL, 2012

ANEXO B – A Cultura do Enlatado

GAZETA DE SERGIPE Aracaju, 18 e 19 de abril de 1982 Pag. 03

A Cultura do Enlatado

Núbia N. Marques

Uma das características do mundo "subdesenvolvido" é sua submissão ao pretenso mundo desenvolvido. O mundo Subdesenvolvido não pensa com suas próprias idéias, não vive sem o grande mundo desenvolvido, não sabe o que quer, pois quem sabe são os que detêm a hegemonia econômica, e importa daquele mundo maior; desde da tecnologia avançada aos modos de vida, dos mais simples que fazeres cotidianos, aos eletrodomésticos, da vestimenta até o hábito nocivo de mastigar chicletes. Não só vive a consumir tudo que tem a chancela de desenvolvimento, mas também a adotar uma ideologia e uma postura existencial que é a cópia fiel e acabada do mundo desenvolvido. Em virtude disto tudo que vem de fora, tudo que é confeccionado no exterior, tudo que é estrangeiro tem valor inestimável e todos os nanicos do mundo subdesenvolvido ficam a macaquear o que é internacional ou nacional do polo Rio-São Paulo. Enfim o mundo subdesenvolvido com especial exatidão o nordeste e mais especificamente os estados menores da federação vivem a imitar, compreender, estudar o mundo metropolitanos ou internacional, uma vez que sua terra pouco valor tem. Nas relações mundo desenvolvido e subdesenvolvido o resultado é a alienação do mundo menor em favor do império dos que, na jogada internacional, detêm o coringa em suas mãos. O processo alienatório cria em cada cidadão subdesenvolvido um sentimento de inferioridade e este custa a aceitar-se como pessoa ou cidadão de uma cidade menor. Daí tudo que é do seu mundo não presta, presta o que vem importado. Não prestam as roupas, não prestam os valores culturais, não prestam os valores intelectuais, nem os valores esportivos (a doença do mundo atual). Nada vale para o subdesenvolvido a não ser o que está além dele, é alienação total! Isto é forjado nos próprios polos da hegemonia que desejam que o mundo subdesenvolvido tome por modelo inquestionável o mundo desenvolvido. Ai! dos que se proponham a modificar o quadro que caracteriza o mundo "menor", a reação vem de modo absoluto, pois um tipo de economia gera um tipo de pensamento e um modo de ver a vida e um tipo de consciência. Na área da educação o quadro se torna mais violento, tendo em vista que esta, em alguns setores se propõe mudar, inovar e transformar. Diante de tudo que falamos é evidente que Sergipe estando no mundo subdesenvolvido e mais precisamente no nordeste é um exemplo vivo da alienação que caracteriza os estados da periferia econômico-cultural. A escola em seu mundo sócio-cultural é alienada dentro das perspectivas de sua realidade e instrumento da hegemonia cultural. A escola é o local onde se legitima a mente colona de que falo. Nela se aprende através de textos e informações tudo que é do interesse das colônias culturais. Aqui em Sergipe não é diferente. O projeto integrado que tinha como objetivo trazer uma modificação na mentalidade colona do ensino, que informa tudo sobre a cultura exógena e nada sobre a endógena, não consegue dar o primeiro passo qual seja: o preparo do professor sergipano que não tem informações sobre sua cultura, pois não aprenderam na escola, como eu não aprendi. Morri de vergonha uma vez quando estava em Vitória e realizava-se num dos parques da cidade "O Concurso de Bandas de Música" cuja festa foi aberta com dobrado de sergipano Ferreira. "Perdi o rebolado, pois nunca ouvi falar deste músico e todos os amigos capixabas me parabenizaram pelo fato. Poucos sabem que a criação de um pensamento nacional teve a paternidade dos sergipanos Silvio Romero, Tobias Barreto, Manoel Bonfim, Gilberto Amado e Fausto Cardoso. Não sabem também a importância dos sergipanos no romantismo brasileiro e por aí vai... O curso de extensão cultural foi criado para começar a reparar esta lacuna na formação cultural sergipana. Em outros estados da federação como Bahia, Alagoas, Pernambuco, São Paulo, Rio Grande do Sul etc, já fazem isto há muito tempo. Aqui não foi possível, porque os professores teriam que repor as aulas que seriam entre seis e quatro aulas. Num país onde toda a vida escolar pára e se modifica por causa da Copa do Mundo e que pára nos jogos estudantis dispensam aulas. Temos que continuar colonos até que os sergipanos sintam que Sergipe é importante, sua cultura não está desvinculada da nacional e que é significativo o conhecimento do seu universo particular como forma e meio de conscientizar a todos dos valores culturais de nossa terra. Só assim seremos maiores...

Fonte: Gazeta de Sergipe, 18-19 de Abril, 1982, p. 03.

ANEXO C – "UFS e o Proceso Democrático"

GAZETA DE SERGIPE | Aracaju, 12 e 13/12/1982 Pag. 03

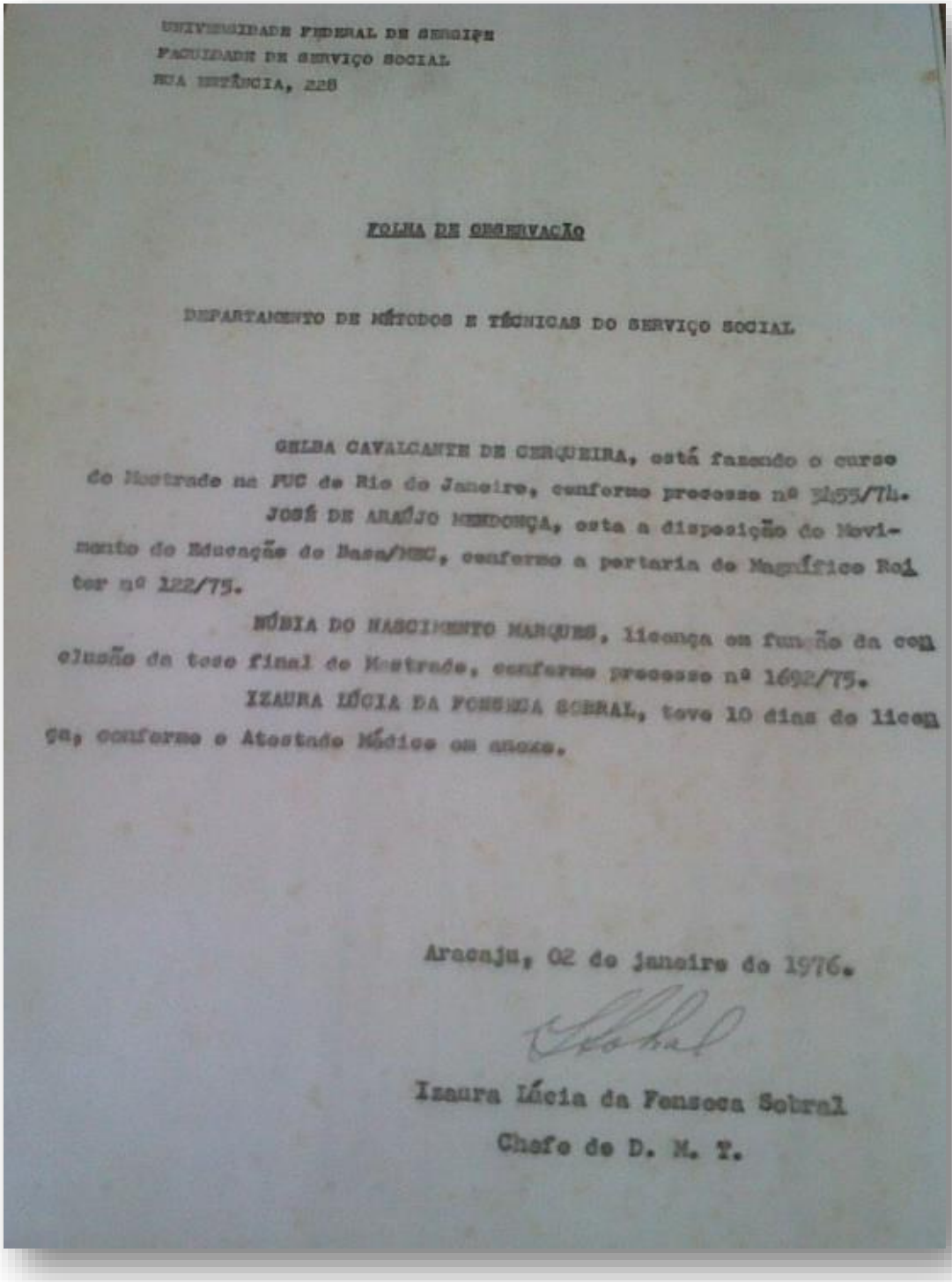
UFS e o processo democrático

Núbia N. Marques
Profa. Universitária

A abertura democrática que vem sendo badalada desde 1978 teve o seu fim feliz (sem ser a novela) agora com as eleições de 15 de novembro. Quem me lê fica logo a dizer, o fim não o começo. É claro que penso assim, no entanto as mutretas no Rio não me deixam tranquila, quanto ao processo democrático, uma vez que há uma careta oficial no que tange a eleição de Leonel Brizola, e uma hesitação visível em não querer empossá-lo. No entanto, o povo brasileiro cobra do Presidente da República a garantia da posse do Leonel Brizola, uma vez que eleito pela maioria de votos dos cariocas. Segundo Chico Anísio o Brizola é o calo no pé do nosso presidente. Não nos demoramos nestes comentários, uma vez que o que estamos querendo falar é quanto ao processo de democratização da política brasileira que teve o seu começo no dia 15 e que julgamos irreversível o processo. Não há mais clima para autoritarismo e o poder civil está aí a todo vapor para participar da vida pública brasileira. Não temos como recuar diante da voz do povo e de suas aspirações por dias melhores e mais digno para todos nós. Se a nível da população brasileira há a euforia da possibilidade da participação efetiva na vida pública, quanto mais se nós formos falar da Universidade. Esta por muito mais razão esta afim de participar da vida universitária no que diz respeito as suas injunções políticas. O estado de exceção e arbitrio fez também da universidade um órgão, onde as lideranças biônicas tomaram a frente do comando, foi compatível com o processo político vigente nestes últimos dezoito anos. No entanto, instalando-se a democracia no país (com todos os seus casuismos) não há mais campo para que as universidades brasileiras também não passem a participar da gestão do seu destino. Em assim sendo a lei 6.733 (lei que dá ao presidente da República plenos poderes de nomear os reitores das universidades), salvo maior juizo já está obsoleta, desde quando se instalou no Brasil a partir de 15 de novembro o processo democrático da escolha dos líderes é através do voto. Logo, não tem sentido a permanência dos métodos ultrapassados permanecerem vigentes. Houve no Brasil a maturidade política que tantos desejavamos. O salto qualitativo algumas eleições das mais inacreitáveis como foi a eleição do corrupto Jair Soares, foi válido o passo em busca da democracia. Então a democracia começa a tomar espaço na política brasileira que melhora a sua imagem internacionalmente, apesar da sua situação de quase insolvência. Nenhum processo social pode ser entendido parcialmente, ou através de setores, logo todo o processo tem um caráter de globalidade. Se isto é lógico e evidente, também vale ser considerado no âmbito do processo eleitoral na Universidade. Não se faz democracia pela metade. A partir do momento em que se instalou na sociedade brasileira a escolha dos líderes através do voto, não vejo por que a universidade utilize outra forma de escolha que não seja a do voto da comunidade universitária elegendo o seu reitor. ADUFS (Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe) deflagrou uma campanha para combater a lei imoral 6.733 em favor da eleição do reitor, como era nos tempos anteriores, através de uma lista de professores escolhidos pela comunidade universitária para que o Presidente da República escolhesse um nome. Esta campanha pró-universidade democrática em muito dignifica a associação e os professores universitários, na sua caminhada constante para que o dia a dia amadureçamos politicamente. A nossa universidade em maio próximo completa seus quinze anos, que esta festa de quinze anos seja muito bonita no cenário da sociedade brasileira em geral e da sergipana em particular. Aliás este comentário não é meu, estou citando a Profa. Maria Thetis Nunes que se referiu aos 15 anos da Universidade num debu que seja digno para a jovem UFS e os seus pares. A Universidade Federal de Sergipe não pode está à margem da democracia, nem deve aceitar a imposição de nomes que não reflitam a vontade soberana dos seus professores e alunos. Um reitor escolhido por processo democrático tem que ter uma plataforma política e dar satisfação à comunidade universitária do seu programa e marchar de mãos dadas para atingirmos as grandes metas da Universidade nas suas três grandes vertentes: ensino, pesquisa, extensão. Não vemos caminho melhor que este no momento

Fonte: Gazeta de Sergipe, 12-13- Dezembro, 1982

ANEXO D - Portaria de afastamento de Núbia Marques para defesa da Tese de Mestrado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
RUA ESTÂNCIA, 228

FOLHA DE OBSERVAÇÃO

DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DO SERVIÇO SOCIAL

GELBA CAVALCANTE DE CERQUEIRA, está fazendo o curso de Mestrado na PUC do Rio de Janeiro, conforme processo nº 3455/74.

JOSÉ DE ARAÚJO MENDONÇA, esta a disposição do Movimento de Educação de Base/MEC, conforme a portaria do Magnífico Reitor nº 122/75.

NÚBIA DO NASCIMENTO MARQUES, licença em função da conclusão da tese final de Mestrado, conforme processo nº 1692/75.

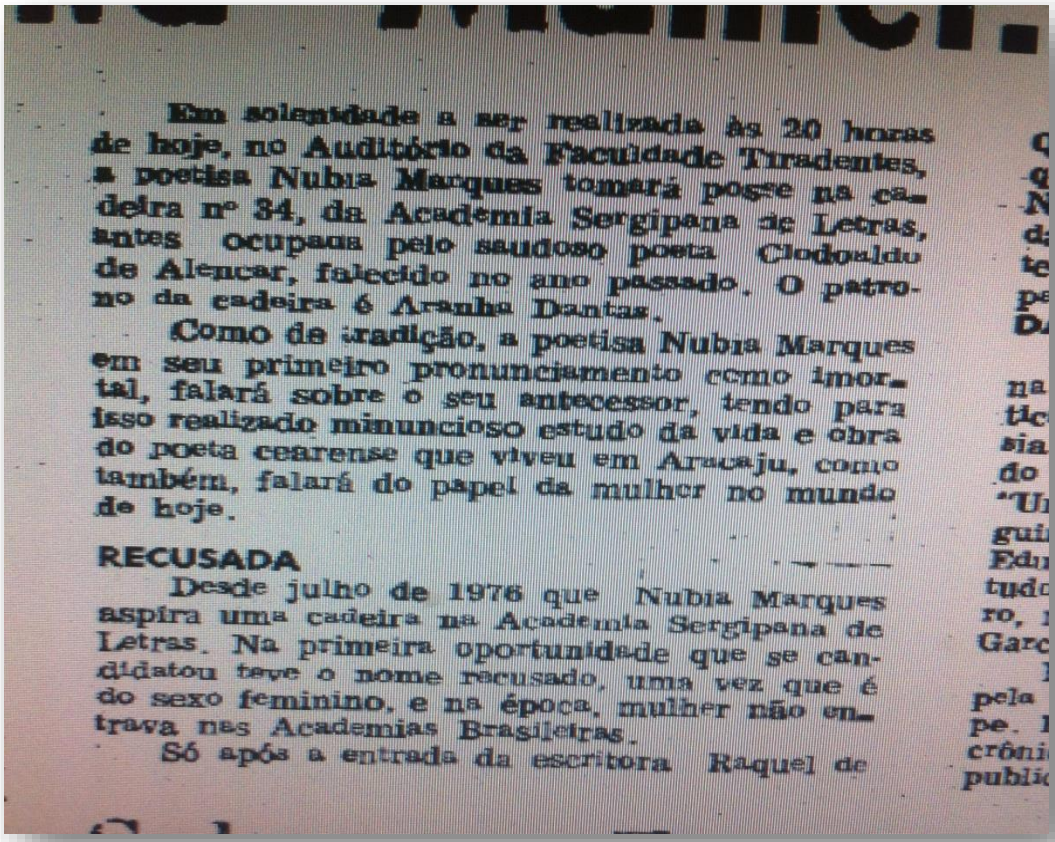
IZAURA LÚCIA DA FONSECA SOBRAL, teve 10 dias de licença, conforme o Atestado Médico em anexo.

Aracaju, 02 de janeiro de 1976.

Izaura Lúcia da Fonseca Sobral
Chefe de D. M. T.

Fonte: Acervo da Biblioteca da UFS

ANEXO E – Posse de Núbia Mrques na Academia Sergipana de Letras



Em solenidade a ser realizada às 20 horas de hoje, no Auditório da Faculdade Tiradentes, a poetisa Nubia Marques tomará posse na cadeira nº 34, da Academia Sergipana de Letras, antes ocupada pelo saudoso poeta Clodoaldo de Alencar, falecido no ano passado. O patrono da cadeira é Aranha Dantas.

Como de tradição, a poetisa Nubia Marques em seu primeiro pronunciamento como imortal, falará sobre o seu antecessor, tendo para isso realizado minucioso estudo da vida e obra do poeta cearense que viveu em Aracaju, como também, falará do papel da mulher no mundo de hoje.

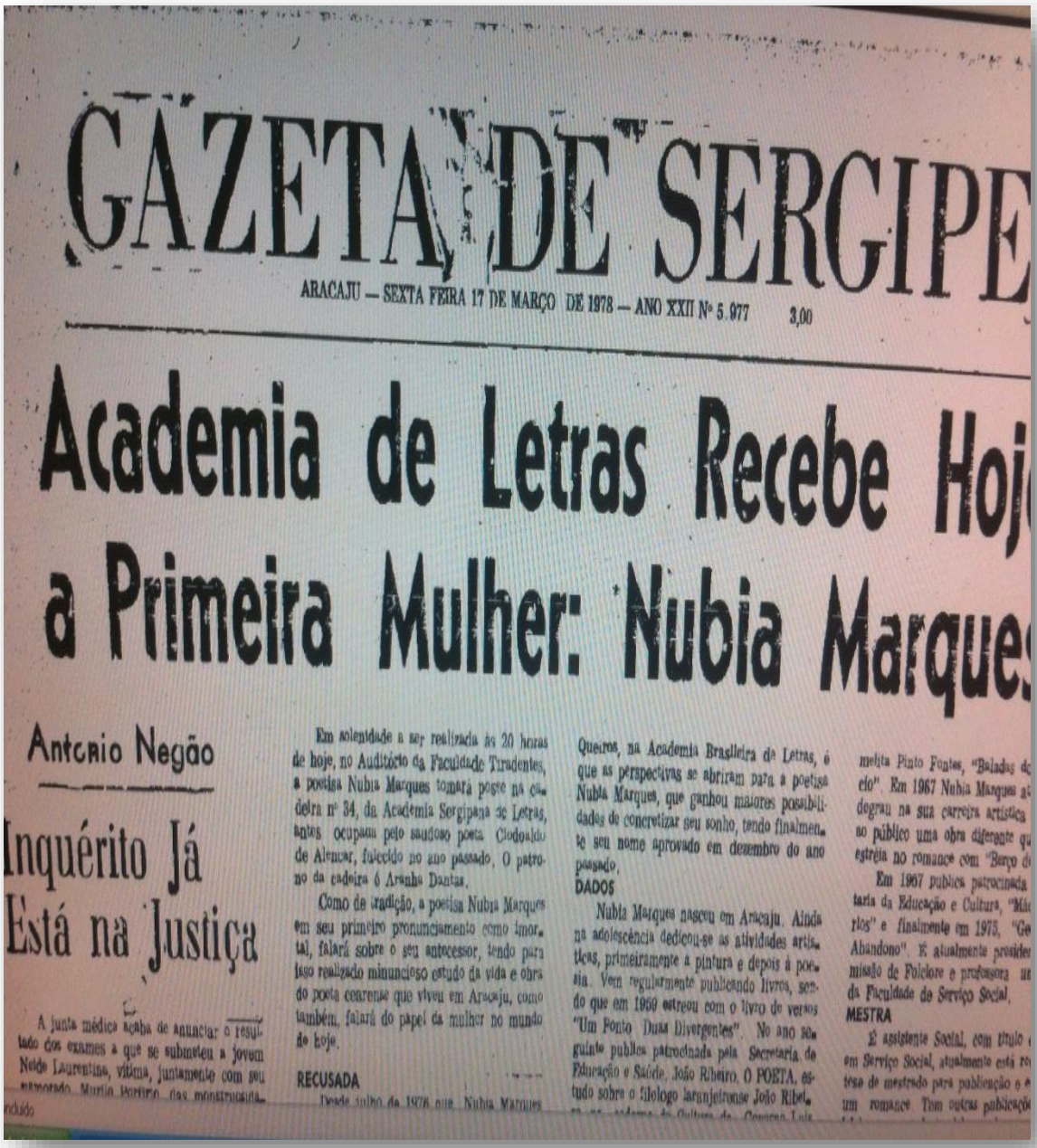
RECUSADA

Desde julho de 1976 que Nubia Marques aspira uma cadeira na Academia Sergipana de Letras. Na primeira oportunidade que se candidatou teve o nome recusado, uma vez que é do sexo feminino, e na época, mulher não entrava nas Academias Brasiletras.

Só após a entrada da escritora Raquel de

Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe 17 de Março 1978, ANO XXII Nº 5.977

ANEXO F- Núbia Marques, a 1ª Mulher na Academia Sergipana de Letras



GAZETA DE SERGIPE

ARACAJU — SEXTA FEIRA 17 DE MARÇO DE 1978 — ANO XXII Nº 5.977 3,00

Academia de Letras Recebe Hoj a Primeira Mulher: Nubia Marques

Antonio Negão

Inquérito Já Está na Justiça

A junta médica acaba de anunciar o resultado dos exames a que se submeteu a jovem Neide Laurentina, vítima, juntamente com seu namorado, Murilo Porfirio, das monstruosida-

Em solenidade a ser realizada às 20 horas de hoje, no Auditório da Faculdade Tiradentes, a poetisa Nubia Marques tomará posse na cadeira nº 34, da Academia Sergipana de Letras, antes ocupada pelo saudoso poeta Clodoaldo de Alencar, falecido no ano passado. O patrono da cadeira é Aranha Dantas.

Como de tradição, a poetisa Nubia Marques em seu primeiro pronunciamento como imortal, falará sobre o seu antecessor, tendo para isso realizado minuncioso estudo da vida e obra do poeta cearense que viveu em Aracaju, como também, falará do papel da mulher no mundo de hoje.

RECUSADA

Desde julho de 1976 que Nubia Marques

Queiros, na Academia Brasileira de Letras, é que as perspectivas se abriram para a poetisa Nubia Marques, que ganhou maiores possibilidades de concretizar seu sonho, tendo finalmente seu nome aprovado em dezembro do ano passado.

DADOS

Nubia Marques nasceu em Aracaju. Ainda na adolescência dedicou-se as atividades artísticas, primeiramente a pintura e depois à poesia. Vem regularmente publicando livros, sendo que em 1959 estreou com o livro de versos "Um Ponto Duas Divergentes". No ano seguinte publica patrocinada pela Secretaria de Educação e Saúde, João Ribeiro, O POETA, estudo sobre o filólogo laranjeirense João Ribei-

melita Pinto Fontes, "Baladas d cio". Em 1967 Nubia Marques a degrau na sua carreira artística ao público uma obra diferente qu estréia no romance com "Berço d

Em 1967 publica patrocinada taria da Educação e Cultura, "Má rios" e finalmente em 1975, "Ge Abandono". É atualmente presider missão de Folclore e professora u da Faculdade de Serviço Social.

MESTRA

É assistente Social, com título em Serviço Social, atualmente está re tese de mestrado para publicação e e um romance. Tem outras publicaçõ

Fonte: Gazeta de Sergipe, 17 de Março de 1978.

ANEXO G- Último adeus a Núbia

Variedades C

JORNAL DA CIDADE

Sergipe terá mais uma opção de TV por assinatura

Muita gente no último adeus à Núbia

Primeira mulher a fazer parte da Academia Sergipana de Letras foi sepultada ontem no Santa Izabel

FAMILIARES E AMIGOS acompanharam o féretro. "Núbia foi uma heroína, uma pioneira na luta pela valorização da mulher", disse Iouberto Uchôa

Matéria fez síntese da obra da escritora

JORNAL DA CIDADE publicou reportagem festejando 40 anos de vida literária de Núbia Marques

Sempre esbanjou alegria

Sergipana deixa boas lembranças

Fonte: Jornal da Cidade 28/09/1999.

ANEXO H- Núbia Marques tem morte súbita

40 CINFORM

CULTURA

Outras Palavras

Mônica Dantas

Núbia Marques tem morte súbita seis dias antes de lançar um novo livro

Itinerário

ALÉM DA LINHA D'ÁGUA

Crônica

A POESIA NA FILA DA INVASÃO

Da Criação

Fonte: CINFORM, 1999, Edição 855

ANEXO I- Escritores dão adeus a Núbia

Cidade

GAZETA DE SERGIPE

ARACAJU, SÁBADO 28 DE AGOSTO DE 1999

SAUDADES

Escritores dão adeus a Núbia

"Mulher guerreira", definição dada pelos amigos e artistas no momento da despedida

Fotos: Fernando Silva

Corpo de Núbia velado no OSAF na tarde de ontem

Mulher guerreira. Esta é a definição dada pelos escritores, artistas e amigos da poetisa, escritora, professora e artista plástica Núbia Marques, sepultada ontem no Cemitério Santa Isabel às 16h35.

A escritora sentiu-se mal na última quinta-feira, às 16h30 quando estava no banho. Encaminhada ao hospital, faleceu naquele mesmo dia às 22h. Considerando o seu espírito jovial e de luta, a família resolveu que irá lançar o seu livro no próximo dia 1º, conforme era o seu desejo - será uma homenagem.

O corpo foi velado na Organização Social de Assistência à Família. Núbia Marques nasceu em 21 de dezembro de 1927. Aos 71 anos de idade, concentrava energias de fazer inveja a qualquer jovem. No dia do seu falecimento, a trata da trajetória e o genocídio do negro americano, ainda em 1970", observou o coordenador da Casa de Cultura, Severo D'Acelino, acrescentando que aprendeu com a escritora tudo sobre cultura e folclore.

Segundo Severo, o falecimento da poetisa representa algo muito profundo do conjunto dos valores de Sergipe. "Ela estava mais do que nunca, na idade de sua maior produção. Sempre foi uma guerreira e cisne de pé".

Fantástica - O artista plástico Adauto Machado, também sempre esteve ao lado de Núbia desde a década 60.

"Lembro-me que eu, ainda adolescente e Núbia carinhosamente dizia-me: Esse

Raquel de Queiroz sergipana"

Paladina - O escritor e membro do Movimento de Apoio Cultural da Academia Sergipana de Letras - Mac Ferreira Lima, 80 anos, esclareceu que Núbia Marques foi a primeira mulher a abrir as portas para o sexo feminino ingressando naquela entidade. "Até então, há cerca de 10 anos, a Academia era privativa para os homens. Núbia revolucionou. Sempre foi combativa e defensora das mulheres quando participava das reuniões, proferia palestras. O Mac sente um grande pesar. Ela sempre foi uma paladina das letras, arte e pintura sergipanas".

Núbia Marques ocupava a cadeira de nº 24 na Academia Sergipana de Letras. "Minha coroa não faltava as reuniões", comentou Ferreira Lima.

Intelectual - O empresário

Fonte: Gazeta de Sergipe 28/08/1999

ANEXO J – Núbia Marques na Academia Sergipana de Letras

ARACAJU (SE)

A escritora e professora da Universidade Federal de Sergipe, Núbia Marques, assumiu ontem à noite, a cadeira 34 da Academia Sergipana de Letras — ASL, em solenidade realizada no auditório da Faculdade Tiradentes. A cadeira na Academia de Letras era, antes, ocupada, pelo poeta Clodoaldo Alencar.

Núbia Nascimento Marques é assim, a primeira mulher a assumir a Academia de Letras em Sergipe, quebrando assim um velho tabu existente naquela entidade. Agora, o caminho está aberto para que outras mulheres também tentem o ingresso na Academia.

O Mercado Tales Ferraz mais
sa la como arma — tanto de
de, Bahia, que perdeu a vida
Ele era funcionário de uma fi
Antonio foi tomar café em ur
de 14 polegadas. Segundo o in

Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe 1978

ANEXO L – Morre Núbia Marques

Núbia Marques morre e deixa livro por lançar

Ela ia lançar dia 1º o livro Do Campo à Metrópole - G. Barbosa na Macroeconomia Brasileira e morreu de súbito na noite de quinta. O CINFORM foi o último jornal a entrevistar Núbia, quando ela disse uma frase premonitória. "Todo dia amanheço com um projeto. Há de chegar o dia em que um deles vai ficar incompleto".

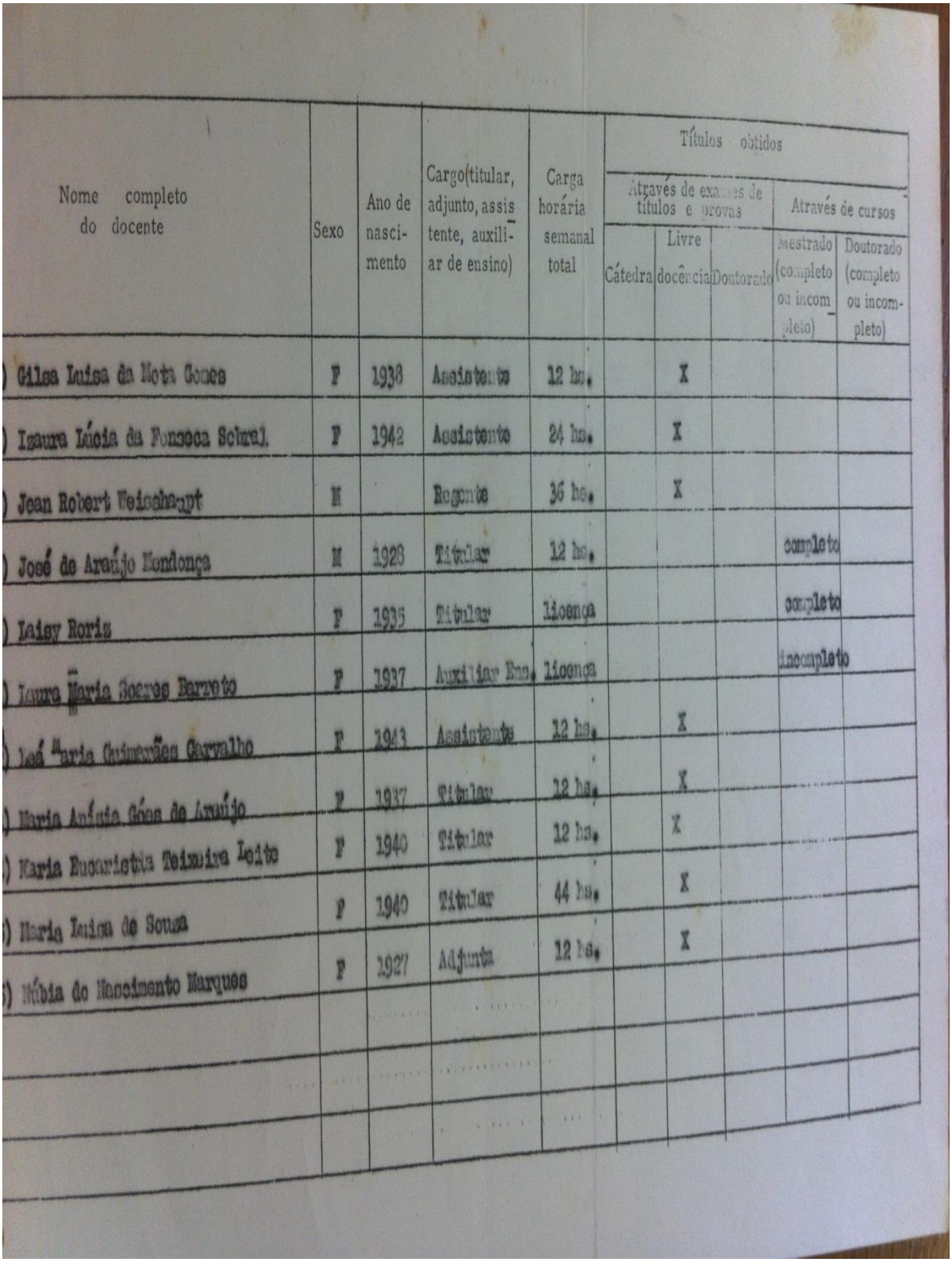
PÁGINA 40

Foto Marcos Lopes

Núbia, morte e projetos incomplet

Fonte: Jornal CINFORM,1999.

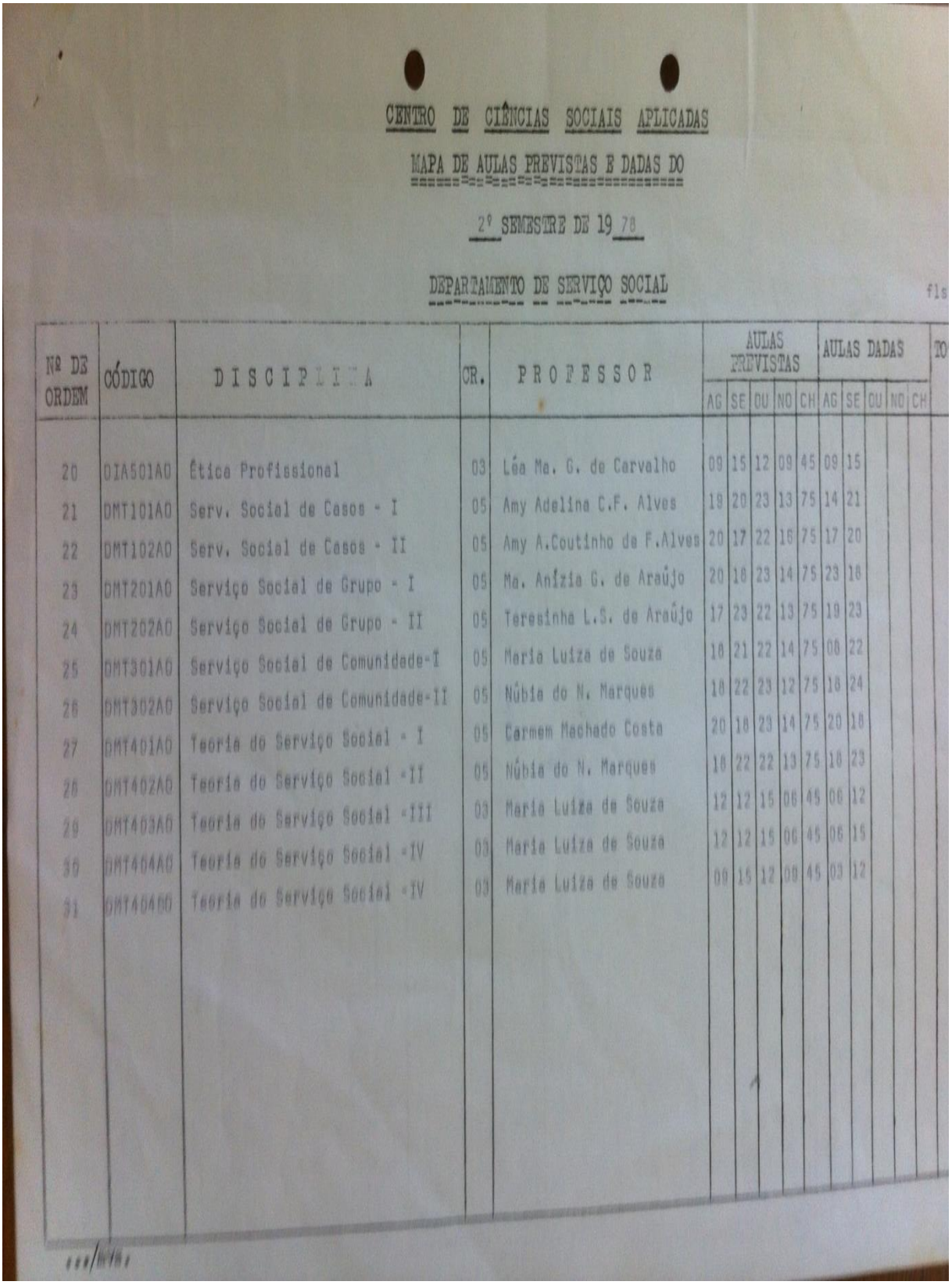
ANEXO M – Lista de professores, 1978



Nome completo do docente	Sexo	Ano de nascimento	Cargo(titular, adjunto, assistente, auxiliar de ensino)	Carga horária semanal total	Títulos obtidos				
					Através de exames de títulos e provas			Através de cursos	
					Cátedra	Livre docência	Doutorado	Mestrado (completo ou incompleto)	Doutorado (completo ou incompleto)
) Gilsa Luisa da Mota Gomes	F	1938	Assistente	12 hs.		X			
) Izaura Lúcia da Fonseca Seixal	F	1942	Assistente	24 hs.		X			
) Jean Robert Weisshaupt	M		Regente	36 hs.		X			
) José de Araújo Mendonça	M	1928	Titular	12 hs.				completo	
) Laisy Roriz	F	1935	Titular	licença				completo	
) Laura Maria Soares Barreto	F	1937	Auxiliar Ens.	licença				incompleto	
) Leá Maria Guimarães Carvalho	F	1943	Assistente	12 hs.		X			
) Maria Anísia Góes de Araújo	F	1937	Titular	12 hs.		X			
) Maria Eucaristia Teixeira Leite	F	1940	Titular	12 hs.		X			
) Maria Luisa de Souza	F	1940	Titular	44 hs.		X			
) Núbia do Nascimento Marques	F	1927	Adjunta	12 hs.		X			

Fonte: Arquivo central da UFS

ANEXO N- Mapa de aulas, 1978



CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

MAPA DE AULAS PREVISTAS E DADAS DO

2º SEMESTRE DE 19 78

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

fls

Nº DE ORDEM	CÓDIGO	DISCIPLINA	CR.	PROFESSOR	AULAS PREVISTAS					AULAS DADAS					TO
					AG	SE	OU	NO	CH	AG	SE	OU	NO	CH	
20	OIA501AO	Ética Profissional	03	Léa Ma. G. de Carvalho	09	15	12	09	45	09	15				
21	DMT101AO	Serv. Social de Casos - I	05	Amy Adelina C.F. Alves	18	20	23	13	75	14	21				
22	DMT102AO	Serv. Social de Casos - II	05	Amy A.Coutinho de F.Alves	20	17	22	16	75	17	20				
23	DMT201AO	Serviço Social de Grupo - I	05	Ma. Anízia G. de Araújo	20	18	23	14	75	23	18				
24	DMT202AO	Serviço Social de Grupo - II	05	Teresinha L.S. de Araújo	17	23	22	13	75	19	23				
25	DMT301AO	Serviço Social de Comunidade-I	05	Maria Luiza de Souza	18	21	22	14	75	08	22				
26	DMT302AO	Serviço Social de Comunidade-II	05	Núbia do N. Marques	18	22	23	12	75	18	24				
27	DMT401AO	Teoria do Serviço Social - I	05	Carmem Machado Costa	20	18	23	14	75	20	18				
28	DMT402AO	Teoria do Serviço Social -II	05	Núbia do N. Marques	18	22	22	13	75	18	23				
29	DMT403AO	Teoria do Serviço Social -III	03	Maria Luiza de Souza	12	12	15	06	45	06	12				
30	DMT404AO	Teoria do Serviço Social -IV	03	Maria Luiza de Souza	12	12	15	06	45	06	15				
31	DMT404NO	Teoria do Serviço Social -IV	03	Maria Luiza de Souza	09	15	12	09	45	03	12				

Fonte: Arquivo central da UFS

ANEXO O- imagem do troféu Núbia Marques
Troféu Núbia Marques

Fonte: www.infonet.com. Acesso em 22/02/2014

ANEXO P – A difícil Reitoria

A difícil Reitoria

NÚBIA N. MARQUES

A Universidade Brasileira, como o Brasil vem de crise em crise, o que bem se pode entender. Num Brasil que só tem sido grande, nos livros didáticos e no patriotismo ingênuo e cego, espera-se que a análise das suas crises sejam muito pouco precisas e até injustas.

O Brasil não está em crise, agora. Desde o seu alvorecer somos vítimas do banditismo capitalista. O imenso e rico Brasil, em nenhum momento da sua vida, pode viver sua vida e a dos seus filhos sem problemas. Há, no entanto, período em que a crise acirra-se de tal maneira, que todos pensamos que nosso país vai soçobrar. O naufrágio é iminente e os problemas crescem em progressão geométrica.

Atualmente, percebemos, a olhos vistos, a bancarrota brasileira. A dívida externa e um retrato fiel da nossa situação de caos. Nosso povo anda pelas tabelas de fome e agonia. O setor das finanças numa deringolada sem remédio, até o Presidente José Sarney que tem sempre demonstrado um otimismo incompreensível, já admitiu que estamos em crise. Quando os otimistas reconhecem que a situação é difícil é porque a coisa desmoronou. A inanição e a tristeza tomou conta dos brasileiros.

A Universidade não está fora dessa crise. A desolação é total. Os setores de pesquisa, cada dia, padecem de falta de incentivos e recursos. A ameaça de uma universidade atrelada aos ditames empresariais privados está presente. O fantasma de uma universidade paga é mais um dos métodos da pirataria burguesa, macomunada com o poder central.

Essa não é a primeira crise, nem será a última. Já tivemos uma, quando da quartelada militar de 64. Essa foi a universidade de mordaça na boca, entregue aos deliquentes intelectuais e aos incompetentes de toda ordem. Os setores da pesquisa minguaram, os intelectuais de primeiro escalão foram obrigados a deixar o país, num exílio compulsório, ou pagaram com a morte e ou o ostracismo político-social. A universidade nanicou, avacalhou-se e até hoje não colocou o pescoço fora do fosso.

Naquele período, mais precisamente, em 1969 (plena crise) aparece, no cenário cultural de Sergipe a Universidade Federal tendo a sua frente Dr. Joãc Cardoso Nascimento Junior, o primeiro Reitor e com missão bastante espinhosa, a de colocar suas bases, organizar sua administração, carrear recursos para viabilizá-la, não só isto mas também um papel muito simpático, qual seja de tornar um bebê, sem característica próprias, numa esperança real. Dr. João Cardoso teve um desempenho elogiável, pois conseguiu levar a bom termo uma universidade mal vista aos maus olhos da revolução, com "tiras" em seu corpo, patrulhando, ideologicamente, todos. Conciliar a prepotência com a democracia, a vigilância opressora com a liberdade discreta, só o seu caráter firme e manso pôde operar tal milagre, na difícil reitoria.

Muito foram os que, pela sua proteção, livraram-se das garras do poder opressor. Dr. João não tinha atitudes de covardia, ou subserviência, mas de dignidade. Quantos naquela época DEDURARAM seus comandados, ou desafetos, entregando-os às garras, do exército, polícia ou quem lá que fosse e que tinham o poder sobre homens desarmados sujeitos a todo tipo de injúria. O Reitor na Universidade com sua serenidade conseguiu conter situações delicadas, hoje não convém citá-las.

Lamentavelmente Dr. João não estava presente aos 20 anos de sua filha que, nas suas comemorações, não o incluiu entre os homenageados, fato passível de reparos e precisa ser reconsiderado. A Universidade Federal de Sergipe, já não é sem tempo, necessita criar o setor da sua memória para que sejam lembrados e homenageados os que deram parte de sua vida a Universidade, designando nomes de ruas e pracinhas da cidade universitária Dr. Alosio de Campus, aos citados.

Não apenas isto, mas a sala de sua memória, para contar sua história.

Fonte: Jornal da Manhã 19 e 20 de Junho de 1988